



**GOVERNO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM
LETRAS**



MARLI CHIARANI

**O COTIDIANO TRADUZIDO EM ARTE: POESIA, PINTURA E VIDEOPOEMAS
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Sinop/MT

2016

MARLI CHIARANI

**O COTIDIANO TRADUZIDO EM ARTE: POESIA, PINTURA E VIDEOPOEMAS NO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves

Sinop/MT

2016

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C532c Chiarani, Marli.

O cotidiano traduzido em arte: poesia, pintura e videopoemas no ensino fundamental / Marli Chiarani. – Sinop, 2016.

170 p.

Orientador: Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso, *Campus* Universitário de Sinop, Faculdade de Educação e Linguística, Programa de Pós-graduação Profissional em Letras.

1. Letramento Literário. 2. Multimodalidade - Literatura. 3. Artes. 4. Poema. 5. Mestrado Profissional em Letras. I. Alves, Henrique Roriz Aarestrup, Dr. II. Título. III. Título: poesia, pintura e videopoemas no ensino fundamental.

CDU 811:82-34

Ficha catalográfica elaborada pelo bibliotecário Luiz Kenji Umeno Alencar - CRB1 2037.

MARLI CHIARANI

**O COTIDIANO TRADUZIDO EM ARTE: POESIA, PINTURA E VIDEOPOEMAS NO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* universitário de Sinop, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, julgado pela Banca composta dos membros:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves
(Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop)
(Presidente)

TITULARES

Prof. Dr. Rosemar Eurico Coenga
(UNIC – CUIABÁ - IFMT)

Prof. Dra. Rosana Rodrigues da Silva
(Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT/Sinop)

SUPLENTE

Prof. Dr. Fábio Dobashi Furuzato
(UEMS/Campo Grande)

Prof. Dra. Adriana Lins Precioso
(UNEMAT/Sinop)

Aprovada em: 22 de Novembro de 2016.

Local da defesa: Sala F 4 – *Campus* Universitário de Sinop – Universidade do Estado de Mato Grosso

Ao Davi e à minha mãe:
- os dois extremos de minha vida -
amores sem medida
entre os quais
cabem todos mais.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo cuidado e proteção em todo tempo;

À minha família, pela compreensão e apoio que cada um, ao seu modo, dedicou-me para facilitar este processo, de coração, muito obrigada; que sejamos sempre o melhor motivo de inspiração uns para os outros e que não nos falem motivos de versos felizes;

Agradeço à minha mãe, tão querida e zelosa sempre. Obrigada por todos os auxílios em tantos e tantos momentos, pelo abraço protetor e o alimento feito com amor;

À minha amiga Jocely, porto seguro, obrigada por ouvir sempre, com atenção e respeito, as causas que lhe apresentei;

Às queridas Stela e Janete, com quem me sentia em débito, obrigada pelas memórias, agora brindemos com um médio-médio;

À Branca, por ser inspiração em momentos de fraqueza, obrigada por tudo sempre;

À Mari Bueno, pela beleza e sensibilidade de seu fino trato, é uma festa ter você aqui;

Ao meu orientador, professor Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves, obrigada; primeiramente, pela confiança; depois, obrigada, pela paciência e atenção com as condições de escrita do relatório. Obrigada por ser referência em conhecimento literário e, sem nada dizer, a tudo me desafiar. Da relação estreitada, respeito e admiração redobrados. (Para Kelly, um abraço bom e risos de alívio);

Às três coordenadoras do Programa – Luzia, Leandra e Adriana – mulheres fortes e sensíveis, obrigada pelas lições, pelas contribuições, pela caminhada partilhada;

Aos demais professores, quase todos conhecidos de longa data, que privilégio chamá-los de professor. Aprendi a admirá-los ainda mais, obrigada;

À direção, coordenação e professores da Escola Estadual Olímpio João Pissinati Guerra, sou grata pela acolhida. A necessidade de aplicação do projeto trouxe-me a oportunidade de conhecer vocês e enriquecer o círculo de pessoas com quem vale a pena conviver. Obrigada por todo o apoio, em especial à Francieli, que não mediu esforços em prestar orientações, de modo incondicional, ao encaminhamento de todos os trâmites necessários à licença para qualificação;

também aos professores que cederam aula e, assim, possibilitaram que o projeto fosse concluído;

Aos alunos do 8º ano B, obrigada pelo envolvimento com as atividades propostas pelo projeto. Os poemas e videopoemas produzidos por vocês são a prova concreta de que a poesia merece acolhida nas aulas do Ensino Fundamental. O cotidiano de nossas aulas foi também carregado de poesia;

Aos meus nove novos amigos, que já não são novos, e sim de longa data, quero dizer que saudade é a palavra que se apropriava de mim em cada final de módulo: todos iam embora; eu sempre estava e ficava aqui. E continuarei. Vocês têm onde chegar em Sinop, se assim o desejarem. Aprendi muito com cada um, obrigada pelas experiências compartilhadas e que continuemos sonhando juntos por palavras mais bem ditas e mais bem escritas, por leituras que humanizem e ampliem horizontes:

Para Clades e Márcia, com quem todos os risos valem a pena, com quem a vida é leve e bonita. Agradeço a Deus a benção da nossa amizade;

Obrigada Luciney, a suavidade expressiva de seu conjunto me faz bem;

Nina, sua linda, obrigada pelas palavras de cuidado e esclarecedoras em momentos escuros;

Ritinha, todas as crianças merecem uma professora apaixonada como você, obrigada pelas tantas lições de amor;

Eliana, minha colega de Unioeste, comedida e querida. Com a precisão da poesia, em dia de voo quase perdido, acertou no registro. Obrigada;

Rey e Ilcilene, obrigada pelas lições de persistência, de histórias com entusiasmo brotadas da experiência de quem ensina com amor e revela um lado do Pará que eu nem imaginava;

Regina, tantas histórias... obrigada por tantos risos;

Sol, obrigada pela leitura; esse olhar cheio de cuidado é sempre valioso;

Aos coordenadores do curso de Administração, Sérgio Crocetta Coelho; e de Psicologia, Alan Murilo da Silva; obrigada pela flexibilidade na negociação de horários, favoreceu o processo;

Ao José Roberto, do Diário Regional, obrigada pelo espaço para divulgação dos poemas. Divulgar a poesia é, certamente, uma ação cultural de grande relevância social;

À Priscila Giroleta, pela atenção com que fotografou os alunos, contribuindo para que se percebessem merecedores de *flashes* profissionais, em razão da qualidade de seus poemas;

Ao Guilherme, Ricardo e Gustavo, pela ajuda na edição dos vídeos aos alunos sem celular, obrigada. Gentileza gera gentileza.

Guardar

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.
Em cofre não se guarda coisa alguma.
Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por ela,
isto é, estar por ela ou ser por ela.

Por isso melhor se guarda o voo de um pássaro
Do que um pássaro sem voos.

Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,
por isso se declara e declama um poema:
Para guardá-lo:
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:
Guarde o que quer que guarda um poema:
Por isso o lance do poema:
Por guardar-se o que se quer guardar.

Antônio Cícero

RESUMO

A presente pesquisa, fruto da proposta de intervenção produzida para finalização do Curso de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – intitulada *O cotidiano traduzido em arte: poesia, pintura e videopoemas no ensino fundamental*, buscou promover o letramento literário associado ao domínio de habilidades tecnológicas, inspirado no cotidiano dos envolvidos com a produção de releituras e edição de videopoemas. Observa-se que a Literatura não comparece com regularidade nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e ainda que textos literários circulem vez ou outra na sala de aula, o texto poético é ainda mais raro e tampouco trabalhado nas suas especificidades e potencialidades. Com atenção a esta lacuna e defendendo a importância da humanização que o texto literário promove (CANDIDO, 1972), elaborou-se proposta de trabalho, com suporte em Cosson (2009), centrado na leitura de poemas com a temática do cotidiano, denominada Sequência Expandida, que contempla uma série de etapas planejadas para a promoção do letramento literário. Objetivou-se provocar, nos alunos, sensibilidade para observarem sua rotina de maneira a ressignificarem o próprio cotidiano e entenderem o que é um olhar sensível, uma percepção artística, um registro poético. Assim, a partir de estudos sobre o gênero poema e intertextualidade amparados em Walty, Fonseca e Cury (2001) e atenção aos fatos da vivência dos envolvidos, houve a produção de releituras dos poemas. Após as socializações, ajustes, associação com músicas e pesquisas por imagens, editaram-se videopoemas e observou-se, decorrente de todas as etapas do trabalho que envolveram o uso da tecnologia, que os textos operados na escola precisam também considerar a multimodalidade, já que se mostram mais atrativos aos alunos e em sintonia com os modos de leitura frequentemente operados por eles fora da escola. As reações manifestadas pelos alunos contribuíram para o reconhecimento de que o diálogo entre o texto literário e o emprego da tecnologia favorecem o letramento literário e aumento da circulação do texto entre a comunidade escolar.

Palavras-chave: Letramento literário; Multimodalidade; Poema; Cotidiano.

ABSTRACT

The present research which is a result of the intervention proposal produced for the completion of the Professional Master Course in Literature - PROFLETRAS - entitled The daily translated into art: poetry, painting and videopoems in primary education, sought to promote literary literacy associated with the domain of technological skills. It is inspired on of those involved with the production of re-readings and editing of video poems. It is observed that Literature does not appear regularly in Portuguese Language classes of Elementary School and even if literary texts circulate in the classroom, the poetic text is even rarer and it is barely covered in its specificities and potentialities. Cosson (2009) focuses on the reading of poems with the daily theme (called Sequence) and it has been elaborated with a focus on this gap and defending the importance of the humanization promoted by the literary text. (CANDIDO, 1972) contemplates a series of steps planned for the promotion of literary literacy. The objective was to provoke in the students the sensitivity to observe their routine in a way that would bring meaning into their own daily life and to understand through definition three concepts: what is a sensitive look, an artistic perception and a poetic record. Thus, studies on poetry and intertextuality based on Walty, Fonseca and Cury (2001) bring attention to the facts of the experience of those involved through production of re-readings of the poems. After the socializations, adjustments, association with music and searches for images came editing of the video poem during which it was observed that, due to all stages of the work involving the use of technology, the texts operated in the school also need to consider multimodality. These texts are more attractive to students and attuned to the ways they are often read out of school. The reactions expressed by the students contributed to the recognition that the dialogue between the literary text and the use of technology favors literary literacy and increased circulation of text among the school community.

Pass word: Literary literacy; multimodality; poem; daily.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – PRÁTICAS SOCIAIS DE MULTILETRAMENTOS	16
1.1 Letramento literário	18
1.2 Letramento digital	22
1.3 Imagem, palavra e som: o fenômeno da multimodalidade.....	25
1.4 A função da literatura e os documentos oficiais	28
1.5 O lugar do gênero poema no ensino fundamental II.....	32
1.6 Características do texto poético	36
1.7 O cotidiano traduzido em artes: pintura e poesia	38
1.8 Intertextualidade.....	42
1.9 Videopoema	45
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	48
2.1 Revisão bibliográfica.....	48
2.2 Análise qualitativa.....	48
2.3 Sequência expandida.....	49
2.4 Relato das atividades da proposta de intervenção - sequência expandida.....	52
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS RESULTADOS	62
3.1 Detalhamento da proposta desenvolvida.....	63
3.2 Videopoemas – produção final.....	136
3.3 Página no facebook.....	145
3.4 Apreciações.....	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS	151
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	154
REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS	158
ANEXOS	159

INTRODUÇÃO

A Literatura tem poder transformador. E se é consenso que a escola é espaço de transformação, parece lógico conceber a presença do texto literário na sala de aula, como expediente importante para a formação de leitores críticos, mais atentos à própria experiência de vida, bem como ao modo de ver o mundo. Compagnon (2009) considera que “quando começamos a ler uma narrativa ou um poema corremos o risco de nos tornar diferentes do que éramos antes dessa leitura,” por isso é tão importante a percepção do coletivo de professores acerca da importância da leitura, mas, sobretudo do professor de linguagens no sentido de provocar o gosto, despertar o desejo de proximidade com o texto literário a fim de que ele possa promover todos os benefícios à humanização do sujeito, conforme Candido(1989) orienta.

No entanto, mesmo reconhecida a importância do trabalho com o texto literário, sabe-se que, na prática, a sua presença não é expressiva como a almejada, sobretudo a poesia, e em especial no Ensino Fundamental II. Como a leitura com fins pragmáticos domina a maior parte das atividades e, sob a alegação de restar pouco tempo, aliado ao fato de os alunos justificarem ser difícil sua compreensão, muitos professores (normalmente) relegam o trabalho com o texto poético para datas festivas ou utilizam-no para fins que não a leitura em si. Resulta disso a leitura de poemas ser uma prática de fraca presença na sala de aula, impedindo que, da proximidade com a poesia, resultem os efeitos positivos possíveis desse encontro.

Nesse sentido, portanto, há que se referir à necessidade de mudança de conduta dos professores quanto à proposição de práticas de leitura com o gênero poema. Cosson (2009) propõe uma metodologia – letramento literário – orientando professores (aqueles que alegam não saber como fazer) à proposição de etapas de trabalho para a adequada exploração do texto literário, com vistas a colocá-lo como protagonista das aulas.

Além disso, o professor não deve ficar alheio às novas práticas de leitura e escrita em sintonia com as tecnologias que operam expressivas mudanças na forma de ler e escrever. Deve possibilitar aos alunos, em razão desses avanços, também a aprendizagem e uso mais eficiente destes recursos que predominam em todos os ambientes e empregá-los para favorecer melhores

resultados às ações pedagógicas empreendidas. No que compete à leitura, importa dizer que, nesse meio há inúmeras formas de ler. Um deles é o texto multimodal, em que se associa imagem, som e palavra, que passa a ser um expediente comum e que não pode ser ignorado pela escola como aliado para, entre outros letramentos, também proceder ao letramento literário.

Assim, a produção de videopoemas ou videopoesia, que é um gênero de poesia apresentado numa tela, distinguível por sua justaposição poética de imagens, com texto e som (KONYVES, 2011), nas escolas, é um modo de se executar tanto a leitura do texto literário, estimular a reflexão e produção em resposta ao lido, dando fio ao jogo intertextual (seja pela produção de um novo texto ou pela busca de imagem e música a associar) quanto de concretizar práticas de letramento digital.

Nesse sentido, elaborou-se proposta de intervenção com base nos pressupostos do letramento literário formulados por Cosson (2009) em associação aos conceitos de multimodalidade, objetivando a leitura de poemas, a exploração das relações de intertextualidade entre textos e telas na promoção de instrumentos para a produção de videopoemas.

Assim, a proposta de letramento literário que partiu do poema à recriação e produção de videopoemas, objeto do presente relatório, foi desenvolvida com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Olímpio João Pissinati Guerra, de Sinop, Mato Grosso. Os alunos têm, em média, 13 anos de idade, residem, em sua maioria, no bairro Jardim das Primaveras, o bairro em que se localiza a escola; além do Jardim das Oliveiras, Violetas e adjacentes, com o objetivo de observar se o diálogo entre texto literário e tecnologia na conjugação de um novo gênero (videopoema) favorece o desenvolvimento da competência leitora do aluno.

O tema definido para o trabalho com a poesia em sala de aula foi o cotidiano, a partir dos poemas apresentados: *Cidadezinha qualquer* de Carlos Drummond de Andrade, *O apanhador de desperdícios* de Manuel de Barros, *Preguiça* de Luciene Carvalho, *Dois maços de alface* de Lucinda Persona, um poema de Aclyse de Mattos cujo tema é o inverno de Mato Grosso e um poema de Marli Walker, em que poetiza com os nomes das ruas de Sinop; com os quais se convidou os alunos a olharem para o próprio cotidiano, de modo a observarem, nele, motivos de registros poéticos. Cada aluno, ao seu modo,

singularizou, na estrutura dos textos, possibilidades de diálogo com a sua realidade. Da observação atenta, da conversa, da leitura e da percepção foram surgindo versos em trabalho de releituras. Para os versos, música e imagem. Dos arranjos feitos com texto e música, o videopoema. O cotidiano de alunos reinventado e transformado em poesia, em videopoesia. Esse resultado foi obtido com uso de aplicativos *slideshow* e *vivavideo* no celular dos alunos, comprovando que, com comandos claros, celular é ferramenta pedagógica de expressiva relevância.

Este trabalho está organizado em três capítulos e tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa e discorrer sobre a relevância da Literatura, além da necessidade ímpar de o texto literário figurar como protagonista nestas aulas, sem o quê não há meios para aproximar o leitor do texto e provocá-lo ao prazer e fruição.

O primeiro capítulo – *Práticas Sociais de Multiletramentos* – discorre sobre as diferentes formas de ler presentes na sociedade contemporânea, chamando a atenção para a responsabilidade da escola quanto a incluir, em suas práticas de leitura, situações que contemplem as demandas que a sociedade atual apresenta. Em especial, situa-se o letramento literário, destacando como importante que se adotem procedimentos adequados para orientar a leitura de textos desta natureza; também acerca do letramento digital, cuja temática tem merecido atenção entre pesquisadores, dada sua relevância, seja pela necessidade de incluir os alunos no universo das tecnologias, seja pela necessidade de se adotarem seus recursos para fins pedagógicos, como requer o fenômeno da multimodalidade. Em seguida, apresentam-se considerações sobre a função da Literatura, o que dizem sobre ela os documentos oficiais, observa-se o lugar do gênero poema no Ensino Fundamental II, bem como as características do poema; ainda se discute sobre a presença do Cotidiano como temática na poesia e pintura, as relações intertextuais e, para finalizar, explicam-se alguns entendimentos de videopoemas.

No segundo capítulo – *Metodologia* – ocorre a descrição da metodologia empregada para a aplicação da presente proposta de intervenção. Houve uma intervenção aplicada, que teve como objetivo contribuir com a solução de problemas pedagógicos, como é a proposta do Programa de Mestrado do

PROFLETRAS. Adotou-se o procedimento da revisão bibliográfica, caracterizada por ser um estudo que se propõe a “recolher, selecionar, analisar e interpretar contribuições teóricas existentes sobre o fenômeno pesquisado” (MARTINS, 2000, p. 28). De posse, pois, do aporte teórico elaborou-se a Sequência Expandida, terminologia adotada por Cosson (2009), que foi a norteadora das etapas de trabalho desta proposta de intervenção, cuidadosamente elaborada, com vistas a evidenciar que, com planejamento sistematizado de ações, é possível se alcançarem resultados satisfatórios no que se refere à promoção do letramento literário.

No último capítulo – *Análise dos Resultados* – apresenta-se, de fato, o trabalho com poesia efetivado em sala de aula, segundo a proposta do letramento literário. São evidenciadas as produções dos alunos, etapa por etapa, desde a motivação até o produto final. Como o trabalho de leitura e releitura deu-se a partir de seis poemas, todos versando sobre a temática do Cotidiano e telas da Série *Cotidiano*, de Mari Bueno, apresentam-se sete blocos de seis poemas cada, que foram analisados quanto aos procedimentos poéticos empregados e relação intertextual. Também se apresentam quatro videopoemas, procedendo, destes, à análise entre imagem, som e texto. Ainda se expõem, neste capítulo, estratégias de socialização adotadas: divulgação em jornal regional e organização de painéis, além de página no *Facebook*. Outro expediente analisado é o uso do aplicativo *WhatsApp* como ferramenta de interação e intervenção pedagógica entre pesquisadora e alunos no decorrer da aplicação da proposta. Este capítulo é finalizado com um tópico designado pela pesquisadora como *Apreciações* em que se expressam avaliações significativas sobre o trabalho e evidenciam a alta qualidade das produções em resposta aos poemas lidos.

E, por fim, há as considerações finais em que se faz uma avaliação do trabalho de modo amplo, considerando as contribuições deste estudo na promoção do letramento literário.

1 PRÁTICAS SOCIAIS DE MULTILETRAMENTOS

Em uma sociedade cada vez mais globalizada e tecnologicamente avançada, as competências de leitura (e escrita) que a escola deve desenvolver são maiores que a simples decodificação de textos escritos. É fundamental possibilitar ao aluno, nesse espaço de formação, maneiras de aprimoramento de sua linguagem e desenvolvimento de habilidades para o exercício pleno de sua expressão; posicionamento crítico na sociedade de que faz parte.

Assim, terá condições mais favoráveis de participar ativamente das questões em discussão na sua comunidade, além de ter acesso às informações sistematizadas pela sociedade letrada, junto à qual poderá se engajar; condições essas mínimas para o exercício de sua cidadania. Decorrente deste entendimento, os termos “leitura”, “letramentos”, “multiletramentos”, “multimodalidade” e “multissemiose” comparecem com frequência em discussões, pesquisas e estudos, com vistas a favorecer uma prática mais eficiente na área das Linguagens, especialmente quanto à leitura e escrita.

Bazerman (2012) defende ser a escola um espaço privilegiado para crescimento e desenvolvimento dos membros da sociedade; acredita que os estudantes como agentes, aprendendo a usar criativamente a escrita dentro das formas interacionais tipificadas, mas dinamicamente cambiantes (gêneros), virão a entender o poder da escrita, e se sentirão motivados para aprender a escrever efetivamente. Ao escrever, segundo as diversas situações que se colocam, cada um se torna agente de seus interesses.

Neste mesmo sentido, Rojo considera “a escola como uma das agências mais importantes de letramentos, que a leitura deve ser o eixo norteador de todo o processo de ensino e aprendizagem e, por isso, deve ser considerada uma prática voltada para a formação de leitores e não de *alfabetizados*” (ROJO, 2012, p.83). Segundo ela, o aluno deve ser visto na perspectiva bakhtiniana, como responsivo, ou seja, que responde e interage com as situações que lhe dizem respeito.

Sobre as práticas de letramento da população brasileira, Rojo (2009) apresenta dados sobre acesso aos bens culturais do brasileiro, observadas em

Abreu (2003), que fez estudo baseado no censo de 2001. Os estudos, diferentemente do que se afirma, apontam que o brasileiro lê sim, e gosta de fazê-lo como distração. O que ocorre é que não lê o que a cultura letrada e a escola esperam que ele leia. Portanto, tem-se mais uma vez salientada a distância que há, na maioria das vezes, entre o que se lê na escola e o que se lê fora dela; entre a falta de sintonia do que se estuda na escola e as demandas da vida real.

Rojo (2009), progredindo nas discussões sobre leitura, considera que, se perguntássemos aos alunos sobre leitura na escola, eles possivelmente responderiam que é ler em voz alta, sozinho ou em jogral e, feito isso, responder um questionário onde se localizam e copiam informações do texto. Ou seja, somente poucas e as mais básicas das capacidades leitoras têm sido ensinadas, avaliadas e cobradas, nas escolas, dos nossos alunos. Residir-se-ia aí o motivo que favorece os resultados das avaliações de leitura em diversos exames, como ENEM, SAEB e PISA, que apontam a alta insuficiência para a leitura cidadã numa sociedade urbana e globalizada como a atual. Essas considerações revelam que as práticas relativas à leitura nas escolas estão longe de favorecer a formação de um sujeito apto a lidar com as demandas próprias de uma sociedade letrada. Em todo momento, se é convidado a ler, a produzir sentido às diversas mensagens postas ao nosso redor. No entanto, como observado, parece que, por muito tempo, as escolas não têm trabalhado a leitura nesta perspectiva.

Ao considerar que “o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não, locais ou globais, recobrimos contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola, etc) numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural” (ROJO, 2009, p. 98), tem-se claro que o letramento não é uma prática vivenciada nas escolas, razão pela qual novas posturas são exigidas. A autora defende que um dos principais objetivos da escola deve ser o de possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizem da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, de maneira ética, crítica e democrática (2009, p.11).

Nesse universo de práticas diversas de leitura, a leitura do texto literário apresenta-se como uma das promotoras de senso crítico e visão mais

aprofundada da realidade, de acordo com as exigências do mundo globalizado, além da função humanizadora que lhe é peculiar. Para que ela seja incluída no rol de letramentos que à escola compete desenvolver, importa que seja dada, primeiramente, a devida importância ao texto literário para que este (e não informações sobre este) figure como protagonista das aulas de Literatura.

1.1 Letramento literário

A Literatura possibilita encontrar caminhos para a formação de si mesmo (Perissé, 2014) e deve ser trabalhada na escola com as especificidades que a constituem como bem artístico e cultural que é. Na tentativa de se estimular essa leitura, de promover o gosto e o hábito, é fundamental ocorrerem mudanças na forma de lidar com o texto literário nas escolas, não devendo ser pretexto para atividades de outras disciplinas, mas sim, ele próprio, objeto de reflexão.

A leitura do texto literário precisa de espaço no contexto escolar, mas é um exercício para o qual nem todos os professores estão preparados, relegando o trabalho com a Literatura para um segundo ou terceiro plano. A leitura literária é uma prática importante que deve ser valorizada na escola, como bem indica Rildo Cosson (2009) ao afirmar que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. Acrescenta também que “ler implica troca de sentidos não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultado de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço” (COSSON, 2009, p. 27). O autor chama atenção para a importância dessa prática nas escolas, uma vez que o modo como se lê e a capacidade de leitura depende, em boa parte, desse modo de ensinar que se processa na escola. Nesse sentido, “se quisermos formar leitores capazes de experimentar toda força humanizadora da Literatura, não basta apenas ler. Até porque, ao contrário do que pensam os defensores da leitura simples, não existe tal coisa” (COSSON, 2006, p.29). Ler, portanto, é um exercício que contempla uma série de etapas, visando, justamente, ao adequado aproveitamento do texto literário, no sentido de que ele promova a reflexão, aprimore o senso estético e permita ao leitor o alargamento de sentidos.

Em sua obra *Letramento literário: teoria e prática*, Cosson (2012) caracteriza o letramento literário como uma proposta que

se destina a reformar, fortalecer e ampliar a educação literária que se oferece no ensino básico. Em outras palavras, ela busca formar uma comunidade de leitores que, como toda comunidade, saiba reconhecer os laços que unem seus membros no espaço e no tempo. Uma comunidade que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e ao conjunto deles uma maneira própria de ver e viver o mundo (COSSON, 2012, p.12).

O letramento literário, portanto, como apresentado por Cosson (2012), é desenvolvido a partir da proposição de etapas de trabalho, denominadas por sequência básica e sequência expandida. Na básica, os passos são: motivação, leitura, introdução e interpretação. A motivação é o primeiro passo, e consiste em preparar o aluno para entrar no texto; o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. A introdução é a apresentação do autor e da obra e, independentemente da estratégia utilizada para isso, o professor não pode deixar de apresentá-la fisicamente aos seus alunos. O terceiro passo é a leitura do texto em si, e a interpretação constitui-se das inferências para se chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e contexto. Cosson (2009) aponta como importante, na interpretação, que o aluno tenha a oportunidade de fazer uma reflexão sobre a obra lida e externalizá-la, possibilitando o diálogo entre os leitores da comunidade escolar.

A sequência expandida contempla (após a primeira interpretação) a contextualização, uma segunda interpretação e a expansão, que busca destacar a possibilidade de diálogo que toda obra articula com textos que a precederam ou que lhes são contemporâneos ou posteriores. É um trabalho essencialmente comparativo. Para a contextualização, Cosson (2012) considera as seguintes possibilidades:

- TEÓRICA – ideias que sustentam ou estão encenadas na obra;
- HISTÓRICA – época que ela encena ou o período de sua publicação – relacionar o texto com a sociedade que o gerou ou com a qual ele se propõe a abordar internamente;
- ESTILÍSTICA – estilos de época – buscar analisar o diálogo entre obra e período, mostrando como uma alimenta o outro;

- POÉTICA – estruturação e composição da obra, e quais os princípios de sua organização;
- CRÍTICA – análise de outras leituras que tem por objetivo contribuir para a ampliação do horizonte de leitura da turma;
- PRESENTIFICADORA – busca a correspondência da obra com o presente da leitura – ver a atualidade do texto;
- TEMÁTICA – definição de tema ou temas expressos na obra.

As duas sequências revelam-se como procedimentos oportunos para a promoção do letramento literário; porém, a expandida é mais abrangente:

Na sequência básica se realiza a aprendizagem plena da literatura, mas porque nela se enfatiza a experiência da interpretação como construção de sentido de mundo, as outras dimensões do letramento literário terminam por ocupar um segundo plano. Essa posição secundária pode levar a um obscurecimento do lugar da literatura na escola, sobretudo aquele dado pela tradição. A sequência expandida vem deixar mais evidente as articulações que propomos entre experiência, saber e educação literária inscritos no horizonte desse letramento na escola (COSSON, 2012, p.76).

No entendimento de Simões (2012), o trabalho estético com a linguagem e a língua sedimenta uma cultura literária, por meio da qual os sujeitos dão sentidos e compreendem seu mundo e a si mesmos. Esse entendimento encontra-se em sintonia com o parecer de Cosson (2012) quando defende a pertinência maior da sequência expandida (se comparada à básica) na promoção da educação literária que aprimora os usos e apropriações que se fazem dos textos, conduzindo o leitor ao processo de fruição. A autora refere-se à fruição (que é consequência da leitura literária) como sendo a oportunidade de engajar-se subjetivamente com outras formas de expressão de ler o mundo. No seu entendimento, há que se reservar, nas aulas de Língua Portuguesa, vivência direta com textos que sejam, para os alunos, espaços de liberdade, pois “uma vez garantido esse encontro livre e pessoal, a fruição possibilita também um espaço para a convivialidade, oportunizada pela arte literária e pela expressão linguística” (SIMÕES, 2012, p.45).

Entre muitos exemplos e considerações acerca de prazer e fruição, esta síntese proposta por Barthes (1987, p. 49) parece poder contribuir para a tentativa de compreensão da diferença: “Texto de prazer: aquele que contenta,

enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática *confortável* da leitura.” Enquanto se faz a leitura surgem entendimentos, dos quais surgem outras ideias, associações possíveis decorrentes do diálogo com a cultura que podem aguçar a imaginação e fazer pensar em situações diferentes das que lê, mas provocadas pelo que leu. É possível relatar esse prazer, a satisfação provocada pelo encontro dado entre leitor e texto.

E, para Texto de fruição, assim ele considera: “aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.” Ou seja, há um estranhamento causado no leitor proveniente desse encontro com o texto, sua mensagem e modo de elaboração. Da apreensão desse coletivo de procedimentos que culminaram na produção de um texto diferenciado há um “sacudir” no leitor, um abalo que o inicia numa nova forma de olhar para o tema abordado na leitura que o transformou. Para esse tipo de aproveitamento de leitura é que se devem direcionar esforços, também, já que é ela que promoverá alterações na forma de conceber o mundo à volta do leitor.

Nesse sentido, a contextualização estilística e poética proposta por Cosson (2012), como etapas da sequência expandida, pretendem garantir expedientes ao aprofundamento da leitura e, portanto, promover além da experiência da leitura (que seria o prazer), o saber e educação literária que possibilitam ter o texto como o espaço de convivialidade apontado por Simões (2012), pré-requisito para a fruição. Barthes (1987) considera que essa experiência é indizível. Quando a obra “perturba” o leitor, inquieta-o, coloca-o em estado de reflexão é que a função humanizadora da Literatura apontada por Candido (1988) começa a se revelar.

Defendendo igualmente a importância de o leitor estar em contato com a obra literária, Matos (1987, p.20) considera que “o ensino da literatura é, em rigor, impossível, pela simples razão de que a experiência não se ensina. Faz-se. Mas podem e devem criar-se as condições para essa experiência: removendo obstáculos e proporcionando ocasiões”. Essa noção aproxima-se do que diz Colomer (2007, p.30) ao discutir sobre o que compete à escola: “(...)

já que o que a escola deve ensinar, mais do que a “literatura”, é “ler literatura””, em que se observa, também, a defesa da experiência de leitura do texto literário. Porém, para que a experiência da leitura literária se concretize, a escola e o professor precisam estar atentos às suas responsabilidades quanto aos procedimentos a adotar no sentido de favorecer o desenvolvimento da experiência estética. É preciso, nesse sentido, “dar prioridade às atividades de prática da leitura e oferecer os conhecimentos a partir das necessidades geradas por essa prática” (p.39).

Compagnon (2009, p.57) em sua obra *Literatura para quê?* considera que “o exercício jamais fechado da leitura continua o lugar por excelência do aprendizado de si e do outro, descoberta não de uma personalidade fixa, mas de uma identidade obstinadamente em devenir.” A escola é, pois, o ambiente privilegiado para a promoção do contato com o texto literário, o que deve ocorrer com maior rigor no planejamento.

Portanto, elaborar proposta de trabalho planejando com rigor cada etapa da sequência mostra-se metodologia adequada para o trabalho significativo com o texto literário, possibilitando uma experiência enriquecedora tanto para professor quanto para os alunos. De acordo, então, com este entendimento, elaborou-se uma proposta de letramento literário, contemplando a leitura de poemas, cuja temática versa em torno do cotidiano. Para tal, houve a sistematização de um conjunto de atividades organizadas na metodologia proposta por Cosson (2009), denominada sequência expandida, que implicaram, entre outras, em atividades de leitura, interpretação, releituras e edição de videopoemas.

1.2 Letramento digital

Charlot (2000) considera que a relação com o saber está intimamente ligada à vida e aos status social e cultural dos sujeitos, que pode até refletir nas condições de aprendizagem, mas por si só não determinam o fracasso destes. Lamentavelmente, a escola nem sempre enxerga os alunos como sujeitos e não se empenha para mobilizá-los e ajudá-los a encontrarem sentido para realizar as ações que ela mesma propõe. A teoria da relação com o saber

constitui-se como a interação do sujeito (inacabado) com o mundo que o cerca, com os outros que com ele convivem e consigo mesmo.

Charlot (2000) observa que todos têm capacidade de aprender e, por meio dessa aprendizagem, realizar determinadas práticas, as quais implicam novas apropriações do saber. E que o aprender não apresenta configuração única, que há muitas formas de aprender, ao que ele denomina figuras do saber: *objetos-saberes*, *saberes-objeto*, *objeto cujo uso deve ser aprendido*, *atividades a serem dominadas* e *dispositivos relacionais*. Essas figuras do aprender, configurações que o aprendizado também assume nas demandas do letramento digital, vão revelar formas diferenciadas de aprendizagem junto aos sujeitos que interagem no contexto das TICs¹. É preciso, primeiramente, conhecimento sobre os dispositivos que compõem e favorecem o letramento digital para se aperfeiçoar tanto nesse quanto em outros saberes. As figuras *objetos-saberes* e *objetos cujo uso deve ser aprendido* aparecem demarcadas nessa situação, pois o manuseio do computador e seus periféricos constituem-se em um aprender necessário para, efetivamente, se passar à possibilidade de aprendizagem de qualquer conteúdo, disponibilizado nesse espaço. Os alunos devem ser orientados a se apropriarem das *figuras do aprender* para que as mais diversas possibilidades de aprendizagem possam se concretizar em ambientes virtuais. Letramento digital é palavra-chave para promover a autonomia de aprendizagem nesses espaços.

Soares (2002) define-o como “estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e escrita no papel” (p.151). Com o exposto, pois, são válidas duas reflexões: a primeira dá conta das dificuldades que ainda são inúmeras para se efetivar o letramento das práticas de leitura e escrita fora dos ambientes virtuais. A escrita e a leitura no papel ainda estão longe de registrarem índices satisfatórios e garantirem aos alunos a condição crítica e autônoma que os documentos oficiais afirmam. A segunda, obrigatoriamente vinculada ao insucesso da primeira, aponta a complexidade de se efetivarem as práticas de letramento digital. Além disso, a infraestrutura é outro fator que

¹ Tecnologias da Informação e da Comunicação.

contribui para impedir que se avance como desejável neste aspecto, pois ou os equipamentos são obsoletos, ou a internet é precária, ou não tem técnico para auxiliar, ou ainda o professor é resistente ao uso das tecnologias ou...; enfim, a rede de justificativas é extensa; o que impede a apropriação satisfatória desse meio de letramento.

Xavier (2005) observa que o letramento digital se realiza a partir do “uso intenso das novas tecnologias de informação e comunicação e pela aquisição e domínios dos vários gêneros. E Ribeiro (2008) defende que, para ser letrado digitalmente, os cidadãos necessitam se apropriar de comportamentos que compreendem desde os gestos e o uso de periféricos do instrumento até a leitura e escrita de gêneros que são publicados em ambientes virtuais.

Ora, do exposto por Xavier (2005) e Ribeiro (2008) tem-se uma relação clara com a teoria de Charlot (2000) quando menciona as figuras do saber, em especial, neste contexto, as figuras: *saberes-objeto* e *objeto cujo uso deve ser aprendido*. Está claro que, para haver possibilidade de aprendizagem de qualquer conteúdo, ou de promoção de práticas de leitura e escrita no computador, primeiramente o aluno deve ser levado ao domínio das ferramentas. Embora seja corrente a ideia de que todos sabem manejar um computador, isso não procede. Então, como promover a escrita no ambiente virtual quando há alunos que não sabem sequer digitar? Como promover a leitura em blogs ou sites, quando o aluno não sabe ler no livro didático ou não sabe lidar com os mecanismos de busca? Para situações como essas, antes de o professor querer que o aluno busque um artigo de opinião, por exemplo, é preciso, junto à instituição escolar, buscar mecanismos para auxiliar este aluno de modo que a inclusão digital aconteça antes do letramento digital.

Buzato (2007), em sua pesquisa de doutorado, elaborou definição para Letramento(s) Digital(is), dispondo que são “redes complexas de letramentos (práticas sociais) que se apoiam, se entrelaçam, se contestam e se modificam mútua e continuamente por meio, em virtude e/ou por influência das TIC” (Id., *ibid.*, p. 168).

Dois anos depois, porém, Buzato (2009), em acréscimo a seus estudos anteriores, redefiniu esse conceito (de Letramento(s) Digital(is)), como sendo “redes complexas e heterogêneas que conectam letramentos (práticas sociais), textos, sujeitos, meios e habilidades que se agenciam, entrelaçam, contestam e

modificam mútua e continuamente, por meio, virtude e influência das TIC”(p. 22).

Infelizmente, mesmo que a definição do pesquisador possa ser considerada já merecedora de atualização por estudiosos da área, para boa parte das escolas (especialmente das públicas), ela se revela ainda um ideal a alcançar em sua prática no que se refere ao uso das TICs nos letramentos que lhe competem. A pauta continua sendo a conquista de um laboratório bem equipado; depois uma equipe de técnicos especializada para o suporte, depois a rede de internet que funcione; logo o uso de computadores para fins pedagógicos é ainda uma situação difícil de concretizar a contento, na escola.

Shetzer e Warschauer (2000), citados por Lima e Araújo (2010), consideram o letramento digital dividido em três amplas áreas sobrepostas: comunicação, construção e pesquisa. *Comunicação* refere-se à habilidade de fazer contatos com pessoas e grupos, selecionar as ferramentas adequadas para o que deseja, entre outros. Aprender a se comunicar através do computador implica dominar novas formas de interação e colaboração. Já a área da *Construção* relaciona-se às práticas de criar e administrar páginas, sendo ilustrado pela passagem de ensaísta para produtor de hipertextos, de palavras para multimídia. Na parte da *Pesquisa*, considera-se tudo que é relativo à habilidade de saber encontrar, organizar e fazer uso das informações na Web.

Do entendimento destes pesquisadores, associado à realidade da escola em que este projeto foi desenvolvido, pode-se dizer que, das três amplas áreas sobrepostas, a de comunicação é a mais utilizada pelo grupo de alunos envolvidos; a de pesquisa é dominada, mas não com a eficiência que se esperava; e a de construção representou o grande desafio, já que os alunos foram colocados em condição de produtores de vídeo.

O uso das TICs no ambiente escolar, para fins pedagógicos, precisa sofrer atualizações em sua atual configuração. Não há como negar a atratividade que esses equipamentos exercem sobre os alunos e favorecem a aproximação com conteúdos que precisam ser discutidos. Há inúmeros recursos disponíveis, inclusive, para facilitar condições ao professor de ministrar suas aulas com mais dinamismo e, quando se considera atualização de configurações, faz-se referência à postura do professor que deve admitir a

sua necessidade de negociar saberes com alguns alunos que dominam melhor algumas ferramentas tecnológicas que ele.

É preciso também observar as possibilidades que se tem; enquanto não se têm as condições consideradas ideais, por exemplo, na não funcionalidade dos computadores do laboratório escolar, admitir que o celular dos alunos pode ter seu uso liberado para pesquisa. Se há alunos que não sabem pesquisar, precisam ser orientados, organizar estratégias de monitoria com alunos que sabem mais para ajudar os que sabem menos. O professor precisa ser letrado no mundo digital, sob risco de ele negligenciar sua função de condutor do processo de letramento digital, tão importante na sociedade contemporânea.

Como a proposta deste projeto foi associar o letramento literário ao letramento digital, culminando na produção de videopoemas, organizou-se uma sequência de atividades que envolveram práticas de leitura e escrita tanto no modo convencional (livros e cadernos), que foram desenvolvidas na sala de aula e na biblioteca; bem como outras atividades de pesquisa, leitura e digitação, busca por imagens e músicas, vídeos na internet, que foram realizadas no laboratório de informática da escola, nos computadores deste espaço e nos celulares dos alunos com acesso à internet pela senha da escola.

1.3 Imagem, palavra e som: o fenômeno da multimodalidade

Moita-Lopes e Rojo (2004), ao considerarem que a educação linguística deve levar em conta, de maneira ética e democrática, os letramentos multissemióticos, os letramentos críticos e protagonistas e os letramentos múltiplos, mostram-se em conexão com os entendimentos sobre a importância da promoção do letramento digital nas escolas. Acerca do primeiro, apontam que essa forma de letramento se deve pelo modo de organização dos textos contemporâneos, levando-os para “o campo da imagem, da música, das outras semioses e sistemas de signos que não somente a escrita” (p. 37). Assim, a escola deveria também se preocupar com o que palavra, imagem, música e mecanismos diversos de disposição de letras e cores favorecem para o sentido geral do texto. Os autores consideram que:

o conhecimento e as capacidades relativas a outros meios semióticos estão ficando cada vez mais necessários no uso da linguagem, tendo

em vista os avanços tecnológicos: as cores, as imagens, os sons, o design etc., que estão disponíveis na tela do computador e em muitos materiais impressos, que têm exigido outros letramentos, por exemplo, o letramento visual e que têm transformado o letramento tradicional (da letra) em um tipo de letramento insuficiente para dar conta dos letramentos necessários para agir na vida contemporânea. (MOITA-LOPES; ROJO, 2004, p. 38).

Assim, ler, no meio tecnológico em que se está inserido, implica em reconhecer os muitos meios possíveis de dizer, de informar e, portanto, de atribuir sentido ao que é colocado diante do leitor. Discute-se, atualmente, “o fenômeno da multimodalidade como traço constitutivo dos gêneros textuais e como recurso metodológico” (DIONISIO e VASCONCELOS, 2011, p. 22); portanto, essa forma plural de comunicar não pode ficar alheia às práticas de leitura realizadas na escola. Ao não se considerar a necessidade de aprendizagem sobre os efeitos de sentido destes mecanismos todos envolvidos na elaboração de um texto, há negligência com a tarefa de ensinar a ler.

Os recursos tecnológicos disponíveis, “além de motivarem as aulas, ainda propiciam aos alunos a possibilidade de desenvolverem habilidades de compreensão, produção e edição de textos de forma mais situada e a partir de novas tecnologias” (ROJO, 2012, p.83). Acrescente-se, a isso, a facilidade que, via de regra, representa para os alunos a utilização dessas ferramentas tecnológicas utilizadas por eles fora da escola. Deve-se considerar, entretanto, que ainda há aqueles a quem esses recursos tecnológicos não são tão acessíveis assim. Compete à escola amplificar os modos de compreensão de seus usos aos que já dominam, garantir reflexão e compreensão a respeito das multiplicidades de formas de dizer que ali se concretizam para que sua experiência junto aos alunos, em relação às práticas de leitura, esteja de acordo com as novas habilidades exigidas. E, junto àqueles que não a utilizam com tanta frequência ou não a dominam, é ainda mais relevante a sua intervenção, de modo a cumprir com os seus objetivos na formação cidadã destes, possibilitando-lhes condições de se inserirem criticamente na sociedade de que tomam parte.

Lemke, citado por Rojo, salienta: “como importante mostrar ao aluno outras formas de significar, tendo em vista que, na contemporaneidade, os componentes midiáticos já fazem parte de nosso cotidiano” (LEMKE apud ROJO, 2012, p. 88). Portanto, aproveitar os componentes midiáticos como

estratégias de atribuição de sentido a textos, de ressignificar, parece ser um caminho interessante para fazer o aluno perceber a multiplicidade de formas de ler e se expressar. Em razão disso, o texto escrito deixa de ser o foco exclusivo das práticas de leitura.

Os textos multimodais, associados ao conjunto de convenções já utilizado na produção de sentido nos textos escritos, são ampliados e ressignificados, pois cada modalidade expressiva integra um conjunto diferenciado de significados possíveis (LEMKE, 2008 apud ROJO, 2012). Esse conjunto diferenciado de significados importa aprender a ler, fato que não se realiza ao acaso. Refletir sobre essas possibilidades de dizer no universo tecnológico é tarefa para a qual a escola deve se propor; do contrário, não prepara o aluno para a leitura de mundo.

A multimodalidade é apontada por Dionísio e Vasconcelos (2012) como recurso metodológico a ser adotado na tarefa de ensinar a ler o mundo contemporâneo. Os autores sugerem reforçar o exposto quanto ao modo de se valer dos recursos tecnológicos para os novos modos de leitura e escrita. Nesse sentido, Ribeiro afirma que: “o letramento, além de significar a experiência com objetos de leitura, também deve possibilitar que o leitor deduza e explore o que pode haver de híbrido e reconhecível em cada gênero ou em cada suporte, e, assim, manipulá-lo como quem conquista, e não como quem tem medo” (RIBEIRO, 2011, p 135).

O computador e a web permitem que sejam trabalhadas, simultaneamente, as diversas habilidades linguísticas (ouvir, falar, ler e escrever), bem como uma diversidade de gêneros textuais, graças à reunião de mídias permitindo o uso de imagem, som e movimento, aliados à possibilidade de comunicação real (BUZATO, 2011).

Assim, o termo “texto multimodal” tem sido usado para nomear textos constituídos por combinação de recursos de escrita (fonte, tipografia), som (palavras faladas, músicas), imagens (desenhos, fotos reais), gestos, movimentos, expressões faciais, etc. Os modos semióticos são considerados veículos de informação nos quais a imagem não é mais meramente uma ilustração da escrita; e, em razão disso, as práticas de letramento não se restringem mais ao sistema linguístico, visto que o letramento é um processo social que permeia nossas rotinas diárias numa sociedade extremamente

semiotizada (DIONÍSIO e VASCONCELOS, 2013). Já Ribeiro (2011), em meio a essas questões todas sobre novas modalidades de leitura e escrita, questiona como elevar o nível de letramento digital de um leitor, de modo que se constitua leitor efetivo nessa teia. A isso o autor assim responde: “A rigor é necessário torná-lo um manipulador de textos e suportes, um explorador de possibilidades. É preciso que ele caminhe entre possibilidades...” (RIBEIRO, 2011, p. 135).

A perspectiva deste trabalho é apontar, dentre o extenso universo dos letramentos necessários, possibilidades para a efetivação do letramento literário associado ao uso de recursos da multimodalidade. Em razão disso, apresentam-se, no próximo tópico, entendimentos acerca da função da Literatura e considerações dos documentos oficiais sobre ela.

1.4 A função da literatura e os documentos oficiais

As Orientações Curriculares Nacionais fazem constar as palavras de Antônio Candido sobre a Literatura como fator indispensável de humanização:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 1995, p. 249).

Candido expõe que a Literatura compreende três funções: uma de caráter *estético*, uma vez que a obra literária é organizada observando-se cuidadosamente os elementos de linguagem que a constituem, diferenciando-a, pois, de outros textos que não apresentam essa preocupação; outra de caráter *subjetivo*, em virtude de traduzir de forma particular uma subjetividade, evidenciando a universalidade de certos sentimentos; e também de caráter *informativo*, que possibilita pensar a respeito de certos assuntos que a obra veicula, mas de modo diverso daqueles expostos em textos não literários. A Literatura deve, portanto, explorar esses aspectos dos textos que a constituem,

deve haver ênfase aos textos literários no sentido de que eles possam suscitar, provocar e promover a humanização de que o autor fala.

Para cumprir com esses objetivos, no entanto, não se deve sobrecarregar o aluno com informações sobre épocas, estilos, características de escolas literárias, etc., como até hoje tem ocorrido, apesar de os PCN, principalmente o PCN+, alertarem para o caráter secundário de tais conteúdos:

Para além da memorização mecânica de regras gramaticais ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho [...] (PCN+, 2002, p. 55).

Trata-se, prioritariamente, de formar o leitor literário, ou, melhor ainda, de “letrar” literariamente o aluno, fazendo-o apropriar-se daquilo que tem direito. Há que se atentar para a importância de se desenvolver uma infinidade de novas habilidades que encaminham para a adequada leitura na sociedade contemporânea, atendendo às necessidades dos múltiplos letramentos. A atenção dedicada à leitura do texto literário, especialmente, não deve ser negligenciada, sob o risco de se perder, na escola, talvez a única oportunidade, para muitos estudantes, de travar contato com este tipo de texto. Por isso a recomendação de:

Desenvolver experiências com arte literária de tal modo que o estudante possa sentir prazer no contato com a sua linguagem familiarizar-se com seus recursos expressivos para apreciar, analisar e produzir textos literários; bem como desenvolver experiências com arte literária em particular, e com outras formas de arte, relacionando-as entre si, como processo perceptivo, sensível, reflexivo e integrador de conhecimentos culturais (PCN+, 2002 p. 57).

Ampliando as considerações sobre a importância da Literatura, Cosson apresenta que ela “nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a Literatura é uma experiência a ser realizada, é mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação dos outros em mim sem renúncia da minha própria identidade” (COSSON, 2011, p. 17), ratificando a universalidade de sentimentos que Candido aponta. É por meio da leitura do texto literário que o leitor é levado a entender o outro e a pensar sobre si; logo, este tipo de leitura merece o lugar que lhe é devido na sala de aula.

Simões (2012) entende que deve haver fruição no encontro com o texto; do contrário, com bastante dificuldade, os alunos se formarão leitores ou encontrarão seus próprios modos de expressão. Ainda para a autora,

não há como aprender Literatura sem que tenhamos um gostinho do gosto, sem que a experimentação direta dos textos vá permitindo a construção de um conhecimento sobre os diferentes registros de leitura e interlocução que formam os sistemas literários relevantes para que os alunos aprofundem o conhecimento de sua própria cultura (SIMÕES, 2012, p. 45).

O trabalho com o texto literário para a formação de leitores críticos, com a percepção das possibilidades diversas de expressão com a palavra, matéria-prima do exercício poético, além da valoração atribuída a esse tipo de texto, ainda não constituem uma prática usual nas aulas de Literatura, porque, em muitas circunstâncias, ele fica relegado a um subproduto das aulas de Língua Portuguesa. E, quando trabalhada, a periodização e aspectos teóricos de cada época ocupam destaque nas aulas, com pouca leitura do texto literário e a exploração dos aspectos que assim o constituem, apontando para a necessidade de revisão das estratégias adotadas.

Sobre essa mudança na forma de ensinar a ler e escrever, as recomendações das OCNEM (2006) afirmam que “a lógica de uma proposta de ensino e de aprendizagem que busque promover letramentos múltiplos, pressupõe conceber a leitura e a escrita como ferramentas de empoderamento e inclusão social”. O termo “empoderamento” indica a tomada de consciência de si, da emancipação do indivíduo que favorece também o desenvolvimento de uma consciência coletiva; de se fazer representado pelos instrumentos possíveis que aprende a manejar, seja expressando seu ponto de vista numa discussão coletiva, seja escrevendo um artigo de opinião e socializando-o na rede. É saber tomar parte do debate social.

No caderno de Linguagens das *Orientações Curriculares de Mato Grosso* (OCMT, 2010), há o alerta sobre a impossibilidade de a escola esquecer as práticas de leitura/escrita associadas ao uso das novas tecnologias, que exigem o desenvolvimento do processo de letramento virtual/digital dos estudantes. Portanto, repetindo a preocupação manifesta por Rojo, como já exposto acima - *possibilitar que os alunos participem das várias práticas sociais que se utilizem da leitura e da escrita (letramentos) na vida da*

cidade, de maneira ética, crítica e democrática – implica mesmo em dar vida ao exposto nessas orientações. A escola deve abrir-se a novas práticas de leitura e escrita em sintonia com as tecnologias que operam expressivas mudanças na forma de ler e escrever, possibilitando aos alunos também a aprendizagem e uso mais eficiente destes recursos que predominam em todos os ambientes, inclusive na casa de boa parte deles.

Observe-se ainda a esse respeito que:

As tecnologias da informação criam, a cada momento, novas formas de distribuir socialmente o conhecimento e, com isso, mudam a cultura da aprendizagem. Os textos multimídias proporcionam aos estudantes acesso a um volume maior e diversificado de informações e cabe à escola proporcionar-lhes capacidades de assimilação crítica dessas informações, principalmente, no 3o Ciclo. (V. Quadro de Linguagens do 3o Ciclo).

Para ratificar o exposto em defesa da importância da Literatura na formação do indivíduo, faz-se pertinente aqui a reflexão sobre a narrativa em *A Função da Arte 1*, de Eduardo Galeano (2002), extraída de arquivo digital do *Livro dos Abraços*²

Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff, levou-o para que descobrisse o mar.
Viajaram para o Sul.
Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando.
Quando o menino e o pai, enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:
- Me ajuda a olhar!

Tendo em vista a metáfora presente na citação acima, pode-se afirmar que a Literatura deve ser vista como a arte da palavra que promove olhares mais atentos; os professores devem ser os guias que conduzem os alunos para a descoberta de inúmeras “paisagens”. O deslumbramento deve ser possível, e o “mergulhar” deve ocorrer; para isso, a caminhada precisa ser provocadora. Na passagem acima, pode-se associar o pai do menino ao professor, a quem cabe guiar o olhar para a descoberta dos sentidos nem sempre óbvios no texto. O professor deve apresentar uma variedade de recursos que possibilitam ao aluno descobrir o que está para além da superfície do texto.

² Livro disponível em :[https:// www.logosofia.org.br/Livros-pdf-](https://www.logosofia.org.br/Livros-pdf-). Acesso em: 10 set. 2016.

Alfredo Bosi, em *Leitura de Poesia*, observa que a poesia traz à evidência o humano, aquilo que está oculto no mundo:

A poesia seria hoje particularmente bem-vinda porque o mundo onde ela precisa substituir tornou-se atravancado de objetos, atulhado de imagens, aturdido de informações, submerso em palavras, sinais e ruídos de toda sorte. Muito se fala sobre o nada. Então vem o poeta e divisa na massa amorfa que passa pela rua uma figura humana, mulher, homem, velho, jovem, criança; em um relance, o que era sombra errante vira gente. O que era opaco transparece varado pela luz da percepção amorosa ou perplexa, mas sempre atenta. Aquele vulto que parecia vazio de sentido começa a ter voz, até mais de uma voz, vozes. Irrompe o fenômeno da expressão. Quem tem ouvidos, ouça! (BOSI, 2000, p. 260).

Portanto, como se observa, seja em Galeano ou em Bosi, a poesia traz em si a capacidade de trazer à tona o que não se vê, aquilo que está oculto aos olhares já viciados, cuja direção se volta para a superfície do consumo, ignorando aquilo que é próprio do homem. Nesse mesmo sentido, Otto Lara Resende chama a atenção dizendo que “O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem” e que por isso, a poesia é necessária, que o poeta, tal qual uma criança, que tem olhos atentos e limpos para o espetáculo do mundo, é capaz de ver pela primeira vez o que, de fato, ninguém vê. De tanto lançar o olhar apenas para o superficial, os olhos tornam-se opacos e a indiferença se instala nas relações. Assim, “o poema nos faz recordar o que esquecemos: o que somos realmente” (PAZ, 1972, p.46-47), razão pela qual se justifica que ele não pode ficar esquecido do espaço da sala de aula. Com o olhar limpo e atento, há meios de se olhar com mais propriedade para dentro de si mesmo, e logo haverá meios também de se enxergar melhor o outro e seus dramas.

1.5 O lugar do gênero poema no ensino fundamental II

A assertiva de Murilo Mendes (1972), de que “A poesia não pode nem deve ser um luxo para alguns iniciados: é o pão cotidiano de todos, uma aventura simples e grandiosa do espírito”, revela-se oportuna para chamar atenção ao lugar devido da poesia em sala de aula. Devido, mas não concedido.

Nesse mesmo sentido, Todorov também manifesta preocupação:

O perigo que hoje ronda a literatura não está na escassez de bons poetas ou ficcionistas, no esgotamento da produção ou criação poética, mas na forma como a literatura tem sido oferecida aos jovens desde a escola primária até a faculdade: o perigo está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante não entra em contato com a literatura mediante a leitura de textos literários propriamente ditos, mas com alguma forma de crítica, de teoria ou de história literária (TODOROV, 2009, p.10)

Pinheiro (2007), em sua obra *Poesia na sala de aula*, tece algumas considerações sobre o “não-lugar” da leitura de poemas em sala.

Quando chegamos ao primeiro grau maior, (da quinta à oitava série) os problemas ficam mais dramáticos. Aqui, a poesia praticamente desaparece da sala de aula ou restringe-se a longos (e fatigantes) exercícios de interpretação. O agravante é que quase não há obras poéticas minimamente adequadas a este público - como há para o público infantil. E mesmo a garimpagem em nossos melhores poetas (o que é uma saída possível e recomendável) não existe, porque, de fato, não temos professores/leitores de poesia. Afirmamos que aqui a situação é mais dramática porque os professores têm formação específica em Letras e supõe-se que tenham ao menos um conhecimento mínimo de nossa tradição poética. O que é apenas suposição. De fato, a maioria dos professores de Português e Literatura não procura despertar o senso poético no aluno, não se interessa por uma educação da sensibilidade de seus alunos. Esta questão, para muitos, nem sequer é colocada. (PINHEIRO, 2007, p. 19).

Além do exposto, acrescenta-se ainda que esse resultado pode assim ter se desenhado porque, como expõe Colomer (2007, p.35), “o objetivo real e prioritário da nova escola obrigatória foi simplesmente o de ensinar a ler.” Também aponta que os professores demonstram preferência a trabalhar com textos informativos, mais fáceis de entender se comparados com as sutilezas das leituras literárias. Soma-se, a isso, o entendimento de muitos pais que consideravam (e ainda consideram) a Literatura como recurso ao devaneio e próprio de grupos sociais que não apresentavam necessidade de trabalhar para ganhar a vida. Assim, era preciso dominar a escrita para colocar-se rapidamente no mercado de trabalho.

Esse entendimento relativo à finalidade para a qual se aprende a ler está amparado também no exposto por Zilberman, ao afirmar, sobre a quase ausência do texto literário nas aulas, que “o conceito de leitura e de literatura que a escola adota é de natureza pragmática, aquele só se justifica quando explicita uma finalidade – a de ser aplicado, investido, num efeito qualquer” (1988, p. 111). Ou seja, a Literatura deveria ter um sentido utilitário, de acordo

com essa visão pragmática imposta pelo sistema capitalista. Nesta perspectiva, portanto, não seriam incentivadas leituras que visassem ao aprimoramento do senso estético, ao refinamento das emoções ou para promoção da reflexão crítica. Boa leitura, então, seria aquela que servisse aos interesses do sistema.

Mais adiante, já próximo ao final do século XX, deu-se maior espaço às teorias linguísticas que passaram a defender uma formação linguística com ênfase na reflexão sobre a produção oral e a escrita. E, mesmo que adiante se defendesse a proposta comunicativa do ensino da língua e da Literatura, isso não se concretizou pela dificuldade de professores em organizarem globalmente suas aulas; desse modo, priorizando o ensino da língua e deixando cada vez mais ausente das aulas, a Literatura (COLOMER, 2007).

Não há, infelizmente, entre os professores o entendimento de que “a literatura nos prepara para ler melhor todos os discursos sociais” (COLOMER, 2007, p. 36). Zilberman (1988), sobre o pragmatismo que orienta o ensino de Literatura, observa que, quando o texto literário está presente, não é explorado em sua natureza artística; não é observado sob as diferentes possibilidades de entendimento que oportuniza. Esse texto, normalmente, é selecionado com objetivo distinto que o da leitura propriamente. Talvez o tenha sido para estudar categorias gramaticais e treino ortográfico, pois, como a própria autora já apontara em estudos anteriores, não raro “o livro didático exclui a interpretação e, com isto, exila o leitor” (1988, p. 21).

Colomer (2007, p.30), ao discutir sobre o que compete à escola, afirma que: “(...) já que o que a escola deve ensinar, mais do que a “literatura”, é “ler literatura””, fazendo a defesa da experiência de leitura do texto literário. Porém, para que a experiência da leitura literária se concretize, a escola e o professor precisam estar atentos às suas responsabilidades quanto aos procedimentos a adotar no sentido de favorecer o desenvolvimento da experiência estética. É preciso, nesse sentido, “dar prioridade às atividades de prática da leitura e oferecer os conhecimentos a partir das necessidades geradas por essa prática” (p.39).

Nesse sentido, Colomer (2007, p.62) expõe, com clareza, que “a formação leitora deve se dirigir desde o começo ao diálogo entre o indivíduo e a cultura, ao uso da literatura para comparar-se a si mesmo com esse horizonte de vozes, e não para saber analisar a construção do artifício como

um objetivo em si mesmo.” Portanto, pela possibilidade de projeção que o encontro com o texto oportuniza, a literatura amplia a capacidade de compreensão do mundo e de si próprio. Acerca dessa experiência literária, Cosson (2011) reitera seu valor, declarando que ela faz mais que permitir saber da vida pela experiência do outro. Ela permite vivenciar essa experiência, a saber: “a ficção feita palavra na narrativa e a palavra feita matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto leitor e do escritor” (COSSON, 2011, p.17). Ele destaca o papel da escola quanto à educação literária, entendendo-a como “uma aprendizagem de percursos e itinerários de tipos e valor muito variáveis” (p.68), cujas portas de acesso compete à escola mostrar.

Drummond, em 1974, escreveu *A Educação do Ser Poético*, começando com esta pergunta: “Por que motivo as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo?” Entre muitas possibilidades de respostas para darem conta da interrogação, ele apresenta outro questionamento, que está em sintonia com as discussões que ainda, tanto tempo depois, fazem-se necessárias:

Mas, se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância, que vai fenecendo, à proporção que o estudo sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida? (DRUMMOND apud AVERBUCK, 1998, p. 66, 67).

Ele receia que a resposta seja afirmativa, e acrescenta:

A escola enche o menino de matemática, de geografia, de linguagem, sem, via de regra, fazê-lo através da poesia da matemática, da geografia, da linguagem. A escola não repara em seu ser poético, não o atende em sua capacidade de viver poeticamente o conhecimento e o mundo [...]. O que eu pediria à escola, se não me faltassem luzes pedagógicas, era considerar a poesia como primeira visão direta das coisas, e depois como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética. (DRUMMOND apud AVERBUCK, 1998, p. 66, 67).

Conclui seu texto, sugerindo ser necessário encontrar estratégias no campo da Educação para que não se perca, do indivíduo, à medida que cresce e avança em seus estudos, a comunhão com a poesia que, em essência, humaniza as pessoas. De lá para cá, muitos estudos visam clarear

procedimentos para esse fim; compete, porém, ao professor valer-se deles, iluminar suas aulas e dar visibilidade ao poema no trabalho com a leitura literária. A função humanizadora da Literatura será potencializada quando, efetivamente, o poema continuar comparecendo às aulas, em especial sua presença estimulada no Ensino Fundamental II.

Walty (1999), em artigo intitulado *Reflexões sobre poesia*, traz algumas notas sobre sua experiência como professora associadas a inúmeras leituras teóricas acerca do lugar ocupado pela poesia na sociedade. Afirma que a dificuldade que, em geral, os alunos apresentam para compreenderem-na ou para a apreciarem, deve-se ao modo como ela é tratada, o status que a ela é conferido na própria sociedade. Segundo a pesquisadora, na sociedade ocidental, que tem seu foco na produção, poesia sugere ser atividade para desocupados, loucos ou apaixonados. Ou ainda para quem vive com a cabeça nas nuvens e, mais particularmente ainda, tarefa para um tipo especial de pessoa – o poeta. Seria, por causa de pensamentos como esses, que o poema é inacessível à maioria das pessoas? E a escola, será que reproduz essa concepção de que é para alguns escolhidos esse tipo de texto? Que valor o poema tem em uma sociedade preocupada com resultados pragmáticos quando o texto poético chama para a reflexão?

Walty(1999) pondera, então, que a poesia está distante das pessoas porque a ela foi reservado esse lugar especial: às vezes de prestígio, outras de menosprezo. Lamenta que a poesia tenha se desligado de seu aspecto natural, pois quando ligada à celebração de ofícios diversos, estava viva entre as pessoas que a praticavam em seu cotidiano. Esse distanciamento fora reforçado também pelas sociedades ocidentais, pois, desde Platão, o poeta fora acusado de alienação e, paradoxalmente, visto como sujeito perigoso para a estabilidade do sistema; alienado porque não atende à lógica do capital, e subversivo por propor outras formas de ver o mundo que não a imposta pelo sistema.

A poesia estaria, assim, em um terceiro grau de importância nas sociedades contemporâneas, sendo estudada, ensinada e praticada apenas por especialistas.

1.6 Características do texto poético

Para um poema ser classificado como tal, Candido (1996) orienta para a presença, em sua estrutura, de elementos caracterizadores desse gênero, tais como: *sonoridade*, uma vez que a poesia liga-se à música e todo poema tem sua unidade sonora relacionada ao seu sentido; *ritmo*, que, para ele, é movimento que caracteriza o verso, diferenciando-o de outro fenômeno; *discorre* também que o poema se conecta com seu tempo; o *metro* que, segundo o crítico, é um utensílio do ritmo; e o *verso*, que “é a unidade do poema cuja alma é o ritmo” (CANDIDO, 1996, p. 60). As expressões mais representativas da associação entre ritmo e sonoridade são concretizadas por meio das aliterações, assonâncias, onomatopeias, paronomásias, rimas, repetições de fonemas, metrificações, etc.

Segundo Octavio Paz (2000), é o ritmo que distingue o verso da prosa. É por meio do uso da imagem, por exemplo, que a poesia moderna privilegia sua criação poética. Daí a recorrência ao expediente da metáfora para atribuir nome, verbalizar a força imagética presente no poema. Além das já apontadas, também o predomínio da linguagem conotativa, o poder de síntese da frase poética, o estranhamento. Dessa forma, a relação das unidades expressivas que constituem os versos, em sintonia com as palavras, faz nascerem imagens por meio, principalmente, de metáforas, alegorias ou símbolos. Candido (1996, p.70), porém, adverte que “a linguagem figurada espontânea, que representa simplesmente um modo normal da expressão humana, e a linguagem figurada elaborada, construída com intenção definida, visando a determinado efeito” não são manifestações da mesma ordem. A poesia deve ser entendida, pois, como expediente de atividade criadora da palavra, uma vez que oportuniza acesso a um mundo altamente expressivo.

Bosi (1996, p.29) refere-se à linguagem do poema como a materialização de imagens, afirmando que, “pela analogia, o discurso recupera, no corpo da fala, o sabor da imagem. A analogia é responsável pelo peso da matéria que dão ao poema as metáforas e às demais figuras.” Isso põe em evidência o trabalho de elaboração artística da palavra, indicando os arranjos perseguidos pelo poeta para dar conta da expressão. Nesse sentido, o poeta Carlos Drummond de Andrade apresenta contribuição significativa com vistas a

reforçar o ato de composição do texto dissociado da ideia de revelação ou inspiração, para o que não se exigiria concentração ou estudo:

Entendo que poesia é negócio de grande responsabilidade, e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor-de-cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contato com as forças líricas do mundo, *sem se entregar aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação*. Até os poetas se armam, e um poeta desarmado é, mesmo, um ser à mercê de inspirações fáceis, dócil às modas e compromissos. (ANDRADE, 1973, p.16).

Para o poeta, como se observa, escrever poemas é tarefa de grande monta e, provavelmente, por isso ele não admita que um registro subjetivo e ocasional seja o suficiente para considerar seu autor um poeta. Para ser poeta, investimento na técnica, na leitura, na contemplação e na ação é exigido. O grifo se faz em menção à tarefa que lhe compete enxergar o cotidiano e a experiência da vida com profundidade para revelar àqueles que não mais os enxergam. Para que a poesia seja “voz do povo”, o poeta, a quem compete registrá-la, precisa dedicar-se a esse ofício para fazê-lo com beleza e precisão.

Manuel Bandeira, em *Flauta de Papel*, compara a inventividade criadora do poeta à da criança, já que ambos parecem ser capazes de maravilharem-se diante das pequenas e essenciais descobertas, como se o objeto sobre o qual estendem sua reflexão fosse visto pela primeira vez: “Já se disse que o poeta é o homem que vê o mundo com os olhos de criança, quer dizer: o homem que olha as coisas como se as visse pela primeira vez; que as percebe em sua perene virgindade” (BANDEIRA, 1985, p. 204). Essa singularidade na forma de apropriação da imagem é comentada por Bosi (2002, p.13), chamando a atenção para o fato de que o “ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma relação entre nós e essa aparência: primeiro e fatal intervalo”, que vira, pois, “palavra articulada.”

Para contemplar, com exatidão, a força imanente que caracteriza o texto poético e as suas amplas possibilidades de ser, é tempo de Otávio Paz se expressar:

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de mudar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos escolhidos; alimento maldito. Isola; une. Convite à viagem; retorno à terra natal.

Inspiração, respiração, exercício muscular. Prece ao vazio, diálogo com a ausência: o tédio, a angústia e o desespero a alimentam. Oração, ladainha, epifania, presença. Exorcismo, conjuro, magia. Sublimação, compensação, condensação do inconsciente. Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio todos os conflitos objetivos se resolvem e o homem finalmente toma consciência de ser mais que passagem. Experiência, sentimento, emoção, intuição, pensamento não dirigido. Filha do acaso; fruto do cálculo. Arte de falar de uma forma superior; linguagem primitiva. Obediência às regras; criação de outras. Imitação dos antigos, cópia do real, cópia de uma cópia da ideia. Loucura, êxtase, logos. Retorno à infância, coito, nostalgia do paraíso, do inferno, do limbo. Jogo, trabalho, atividade ascética. Confissão. Experiência inata. Visão, música, símbolo. Analogia: o poema é um caracol onde ressoa a música do mundo e metros e rimas são apenas correspondências, ecos, da harmonia universal. Ensino, moral, exemplo, revelação, dança, diálogo, monólogo. Voz do povo, língua dos escolhidos, palavra do solitário. Pura e impura, sagrada e maldita, popular e minoritária, coletiva e pessoal, nua e vestida, falada, pintada, escrita, ostenta todos os rostos mas há quem afirme que não possui nenhuma: o poema é uma máscara que oculta o vazio, bela prova da supérflua grandeza de toda obra humana! (PAZ, 2012, p. 21).

Observa-se, com riqueza de demonstração nas palavras cheias de poesia de Paz, que a encenação poética é, nos contextos incertos da pós-modernidade, uma tentativa ou um artifício para tapear o vazio existencial que nos habita. Ela é reveladora da condição em aberto do homem, por assim dizer, da lacuna que o caracteriza e, portanto, o anseio pela palavra precisa que traduza essa falta, seja no seu encontro, paradoxalmente, o que pode lhe completar, mostrar o sentido da existência.

1.7 O cotidiano traduzido em artes: pintura e poesia

Para observar a presença da temática do cotidiano nas produções poéticas, importa atentar-se, inicialmente, para os diferentes modos de esse tema ser referido pelos próprios usuários do expediente poético nesse exercício de significar o cotidiano; ou seja, como poetas a respeito dele se pronunciam na tentativa de singularizarem-no e fazerem dele expressão artística.

Para tal, observe-se o exposto por Oswald de Andrade (1924) no *Manifesto da poesia pau-brasil*: “A Poesia existe nos fatos. Os casebres de açafraão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.” Oswald não faz menção a fatos em particular, e sim, com breves

exemplos, anuncia que todos os acontecimentos podem ser apropriados por um olhar singular e expressos artisticamente. Essa forma de apreensão e registro, que é subjetiva, é o que caracteriza a poesia, e não o fato em si; sendo assim, esse ressignificar do que se viu é o que faz, do cotidiano, matéria de poesia.

De modo semelhante, Manuel Bandeira, ao expressar parecer sobre o que pode ou não ser matéria de poesia, considera que “a poesia está em tudo – tanto nos amores como nos chinelos, tanto nas coisas lógicas como nas disparatadas” (BANDEIRA, 1985, p. 34). Com o exposto, tem-se claro, pois, que aquilo que é passível de percepção está igualmente sujeito à expressão poética; podendo o objeto, com a mesma propriedade, expressar situações de natureza inversa (boas e ruins, por exemplo, feias e bonitas), não implicando que uma seja mais importante que a outra.

Alfredo Bosi (2000), ao responder, em entrevista, sobre recomendações que daria àqueles que desejarem enveredar o caminho da escrita de poemas, também ratifica a ideia de que a poesia está em tudo:

Primeiro, viver a vida com profundidade, estar sempre à procura do sentido da vida, resistir ao caráter descartável, parar. Deter-se na sua experiência, seja um amor, uma doença, um sofrimento. Depois, saber o que outras pessoas fizeram com seus sentimentos, o que os grandes poetas fizeram com sua matéria-prima existencial, para conhecer as formas que a cultura lhe dá. E daí começar a escrever. Na verdade, não são conselhos, são reflexões em torno da criação poética.

Nessa concepção, observa-se que igualmente se registram as mais diversas experiências e situações como matéria-prima do fazer poético, ou seja, que o cotidiano apresenta os fatos; e a forma de se apropriar deles, com expressão artística, caracteriza o objeto sobre o qual se deteve o olhar.

Também em *Matéria da poesia*, de Manoel de Barros (2010), o sujeito poético expressa, em poema metalinguístico, quais coisas podem se constituir assunto de elaboração de texto poético.

Todas as coisas cujos valores podem ser disputados
no cuspê à distância
servem para a poesia.

O homem que possui um pente
e uma árvore

serve para poesia.

Terreno de 10x20, sujo de mato – os que
nele gorjeiam: detritos semoventes, latas
servem para poesia.

Um chevrolé gosmento
coleção de besouros abstêmios
o bule de Braque sem boca
são bons para poesia.

As coisas que não levam nada
têm grande importância.

Cada coisa ordinária é um elemento de estima
cada coisa sem préstimo
tem seu lugar
na poesia ou na geral.

Michel de Certeau (1996), em sua obra *A Invenção do Cotidiano*, analisa “as maneiras de fazer cotidianas” das massas anônimas. Emprega os termos “sem nome”, “rumor sem qualidade”, “minúsculo”, “vivido” para referir-se às coisas ordinárias praticadas pelas pessoas em seu dia a dia, que aqui estão postas em diálogo com a expressão destacada no poema. Nesse sentido, o eu-lírico defende, para uso de matéria poética, aquilo que, normalmente, passa à margem, é desconsiderado enquanto objeto desse fazer. Parece haver, inclusive, em Barros, a conclamação àquilo que Certeau denomina de “rede de uma antidisciplina”, que, pela sua expressividade na vida social, configura-se como forma de “resistência” com relação às imposições sociais: conceder o uso artístico da palavra, a elaboração estética da mensagem, ao que é, normalmente, caracterizado como sendo sem importância.

Para Certeau (1996):

O cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente [...]. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior [...]. É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. (CERTEAU, 1996, p. 31).

O autor denomina de “artes do fazer” o expediente adotado em razão da liberdade e criatividade possíveis e fundamentais na sociedade contemporânea. Desse entendimento, resulta a sua defesa de cotidiano como uma arte de fazer. E o termo arte, nessa concepção, é muito significativo,

porque não sugere estar ligado a uma técnica, e sim a uma “(re)invenção”, uma “(re)criação” com autoria; porém, não é uma arte contemplativa, mas elaborada nas práticas de resistência e sobrevivência diária.

Nesse sentido, Mari Bueno, artista plástica de Sinop, com a Série *Cotidiano*, contempla práticas de resistência e sobrevivência diária. Ao chamar de *Desfitar* uma exposição de telas, cujas imagens têm, em comum, pessoas andando de bicicletas em diferentes situações, pretende chamar a atenção para o comportamento de uma cidade pequena que assume ritmo de cidade grande; a cidade é pequena, mas vai perdendo essa singularidade quando as pessoas não mais se olham, não mais se cumprimentam, pois estão sempre apressadas. Esse movimento das pessoas, da cidade em si, que vai também se reinventando, segundo o ritmo de seu crescimento, encerra certa nostalgia por evidenciar que, mesmo em meio a muitas pessoas, cada vez mais elas encontram-se isoladas. Esse lamento deve ser percebido, e a arte é uma forma adequada de evidenciá-lo.

Se o cotidiano, como indica Certeau (1996), é aquilo que nos cabe em partilha, a artista “pegou para si” retratos da transformação da cidade: o progresso que chega (não igualitariamente distribuído), o trabalho que consome a maior parte do tempo das pessoas, a preocupação com as próprias necessidades que tecem barreiras à gentileza com os demais, entre outros; materializando sua percepção e inquietude frente ao que sugere não gostar de ver transformado. É uma “resistência” às imposições do progresso.

Também em outras telas da Série (que não fazem parte da exposição *Desfitar*), a artista revela tendência para concretizar afirmativas que figuram no conceito de “artes de fazer” de Certeau (1996). Considerando-se o cotidiano como “uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada” (CERTEAU, 1996, p. 31), as telas *Fábrica de Compensados e Vizinhaça* indicam a confirmação dessa caminhada, especialmente ao considerar o tempo de residência da artista no município (37 anos), sua infância vivida em serraria e a intimidade com as pequenas casas de madeira que, naqueles tempos, eram as únicas. Registrar essas cenas, usar pó de serra e restos de madeira representam uma resistência àquilo que o tempo, que tudo transforma, almeja silenciar. É como se não houvesse meios de estar

na Sinop em desenvolvimento sem guardar em si as imagens que a precederam.

Bosi (1996) pondera sobre a possibilidade de o movimento das imagens circular unicamente pelos espaços da visão, observando, no entanto, que esta poderá também se dar ao nível da palavra.

Quando o faz, dão-se, pelo menos, duas operações: a) a denominação: as imagens tornam-se nomes — substantivos, adjetivos — quando comparecem ao campo da fala; b) a predicação: da imagem nome se diz, pre(dic)a-se alguma coisa a partir de nossa afetividade e da nossa percepção (BOSI, 1996, p. 65).

Dessa relação, portanto, tem-se a singularização do cotidiano, expresso seja em prosa ou poesia, ou seja, pela arte moderna de uma maneira geral, que, conforme apontado por Friedrich (1978, p.35), com base nas concepções de poesia e arte de Baudelaire, é a “elaboração criativa do destino de uma época.”

1.8 Intertextualidade

A Literatura assumida como arte possibilita apreciação positiva acerca do exposto por Alberto Pimenta de que “a afinidade entre um texto literário e uma peça musical ou uma escultura é mais essencial que a afinidade do mesmo texto com um texto pragmático” (2003, p. 11). Também leva a concordar com Aguiar e Silva, que defendem a pertinência de “articulações dos textos literários com textos pictóricos, com textos musicais e com textos fílmicos” (1998, p. 26), contemplando aspectos essenciais como o aguçar da sensibilidade e o desenvolvimento do gosto estético, importantes para a formação integral, bem como para o aprimoramento da competência leitora, estimulado pelo reconhecimento do diálogo estabelecido entre os diferentes textos.

Considerando a promoção do letramento literário em parceria com o uso de recursos da multimodalidade, é necessário dedicar atenção à força figurativa da palavra associada à imagem. Walty, Fonseca e Cury (2001) apontam para a possibilidade de o texto literário dialogar diretamente com pinturas e/ou esculturas, estabelecendo uma relação de intertextualidade

explícita. Com ênfase igualmente à força da palavra e da imagem observam que “A Literatura lê imagens e/ou as fabrica com palavras. A pintura retrata processos de leitura. O leitor, ao ler um texto ou um quadro, cria novas imagens” (WALTY, FONSECA, CURY, 2001, p. 62).

Ainda buscando a relação entre a imagem e palavra para a proposição de trabalho que vislumbra agregar imagem a textos produzidos por alunos em diálogo com poemas e imagens anteriormente apresentados, considera-se o exposto por Dionísio: “Imagem e palavra mantêm uma relação cada vez mais próxima, cada vez mais integrada. Com o advento de novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos layouts, bem como se divulgam tais criações para uma ampla audiência” (DIONÍSIO, 2008, p. 132).

Tendo em vista a profusão de imagens que inundam o contexto cultural das sociedades contemporâneas, além do cotidiano da vida social dos alunos, de uma maneira geral, justificam-se as atividades da sequência expandida que pretende relacionar os poemas com as pinturas e fotografias, cujas atividades culminarão em apropriação e releituras dos textos e imagens em atividade posterior no laboratório de informática, possibilitando a produção de videopoemas.

Walty, Fonseca e Cury apresentam que “dominando o maior número possível de códigos, o cidadão pode interferir ativamente na rede de significação cultural, tanto como receptor, quanto como produtor” (WALTY, FONSECA, CURY, 2001, p. 90). Esta postura de produtor é a desejada ao se organizar a proposta de intervenção que visa gerar videopoemas. As autoras defendem ser papel da escola proporcionar, de forma democrática, acesso mais amplo a esses códigos. Apontam ainda para a semelhança das possibilidades quanto à abertura de janelas entre o hipertexto e o texto literário. Afirmam ser a “leitura sempre parte de uma rede de textos e de sentidos construídos no jogo entre produção e recepção, nesse ininterrupto processo intertextual” (WALTY, FONSECA, CURY, 2001, p.117); e finalizam considerando que “cabe ao leitor puxar os fios, destecer nós, ao mesmo tempo em que amarra outros fios, tece outros nós” (WALTY, FONSECA, CURY, 2001, p.118). Esta é a resposta que se pretende alcançar na produção de videopoemas, com as releituras de poemas relacionadas às telas e fotografias. Até se chegar ao momento da elaboração do produto final, que é o

videopoema, diversas atividades de leitura e interpretação foram desenvolvidas visando à construção de uma rede de sentidos através de negociações possíveis com os possíveis significados expressos nos poemas em estudo. Da interpretação dos poemas, haverá a releitura de boa parte deles; destas releituras se procederá à seleção de músicas em sintonia com a temática do novo poema produzido, para o qual, posteriormente, haverá busca de imagens que a ele se conectem para a edição de videopoema e confecção de painel. Esse diálogo que se pretende pode ocorrer pela concordância com o tema e aproveitamento da estrutura, bem como pode haver subversão ao modelo, contrapondo-se em termos temáticos ou estruturais, mas guardando alguma forma de relação com o texto base.

Paulino, Walty e Cury (1995) afirmam que o texto, como objeto cultural, tem existência física que pode ser apontada e delimitada; entretanto, ainda não os consideram prontos, pois se destinam ao olhar, à consciência e à recriação dos leitores. Defendem que a significação se dá no jogo de olhares entre o texto e seu leitor, que é tomado por elas como um interlocutor ativo no processo de significação do jogo intertextual, tanto quanto o autor.

Sant'Anna (2007) define a intertextualidade como diálogo entre textos, o que significa dizer que um texto é tomado como referente para a produção de outro. Ela tem presença expressiva na Literatura, também na pintura, escultura, além de outros tipos de textos, sejam eles verbais ou não-verbais. Segundo o autor, qualquer texto, independentemente de ser literário ou não, origina-se direta ou indiretamente, em diálogo com outro. Assim, a intertextualidade é um recurso que potencializa o valor literário de uma produção, pois o saber intertextual favorece ao leitor a percepção acerca de como um texto está vinculado a outros, muitas vezes de forma explícita ou implícita.

De modo semelhante, Koch e Elias (2007) definem intertextualidade como uma interação entre textos, implicando em uma ligação também cultural, pois toda nova produção cultural relaciona-se com outra já existente, admitindo, como Sant'Anna (2007), que ela pode ser implícita ou explícita. A implícita, conforme Koch e Elias (2007, p. 92) explicam, “ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrases e ironias”. Já a intertextualidade explícita, ocorre com o emprego de citação,

como acontece nos discursos relatados, em citações e referências; resumos, resenhas e traduções; em retomadas de textos de outro para explorá-lo ou ainda para questioná-lo na conversação (KOCH e ELIAS, 2007). Segundo as autoras, a compreensão de um texto resulta do conhecimento de mundo e das experiências de vida do leitor, mas também das leituras que efetuou, pois quanto maior o conhecimento do leitor, maior a competência deste para reconhecer o diálogo estabelecido pelas referências, alusões ou citações, garantindo sua maior compreensão.

Assim, observa-se que a expansão - última etapa da sequência expandida proposta por Cosson (2012) na promoção do letramento literário - que contempla a possibilidade de diálogo da obra lida com outras, não deve ser negligenciada. Ela representa mecanismo eficiente para alargamento de sentidos e apreciação estética, quando se tratar de textos literários.

1.9 Videopoema

A videopoesia ou videopoema pertence ao gênero audiovisual, associado com frequência aos procedimentos da poesia experimental. Diversos autores têm tentado delimitar um conceito para ela, mas não há sequer uniformidade para o nome que se adota para designar esse gênero devido às constantes alterações e possibilidades que os avanços tecnológicos oportunizam.

Amâncio (2014) traz alguns conceitos na tentativa de nortear seu entendimento:

Um videopoema é qualquer trabalho gravado pelo menos parcialmente (ou completamente voltado para a distribuição) por meio de vídeo ou filme, respectivamente, em qualquer formato, exibido por projeção em qualquer meio e que seu autor a defina como tal. É também qualquer trabalho em que (com as características acima, exceto a de ser definida como "videopoesia") um poema reconhecido como tal se integra de forma sonora ou visual, ou ambos, com as imagens. Finalmente, é toda obra que visualiza ou representa um poema reconhecido como tal, ainda que este não esteja refletido diretamente (MARCHIS, 2005 p.3).

Tom Konyves (2011), citado por Amâncio (2014), vale-se do conceito de justaposição poética para elaborar uma definição de videopoesia, partindo da relação de três elementos: o verbal, o sonoro e o visual. Para ele, videopoesia

é um gênero de poesia apresentado numa tela, distinguível por sua justaposição poética de imagens, com texto e som. Da adequada combinação destes, produz-se no espectador a realização de uma experiência poética. Ou seja, a principal função do videopoema é “demonstrar o processo do pensamento e a simultaneidade da experiência expressadas em palavras – visível e/ou audível – cujo significado está misturado às imagens e à trilha sonora, mas não ilustrada por elas” (KONYVES, 2011, p.4).

O videopoema possui muito da ludicidade do poema tradicional com as palavras e do movimento icônico do videoclipe musical. Amâncio (2012), em seu estudo de mestrado intitulado *Videopoesia: análise, conceito e produção*, aponta para a complexidade de se estabelecer um conceito único para essa modalidade de poesia que tira a palavra exclusivamente do papel de protagonista. Apresenta, citando as contribuições de Castro, que

os novos gêneros digitais começam a definir-se em sistemas abertos, justamente pelas possibilidades de transformação das formas, das estruturas e, conseqüentemente, dos conteúdos informativos que os meios tecnológicos proporcionam. (...) Novos gêneros complexos, como por exemplo: poesia eletrônica, hipertexto, infopoesia, videopoesia, holopoesia, multimídia e outros, que Jorge Luiz Antonio pesquisa e apresenta (84 denominações), estão em gestação e vão sendo definidos pelos diferentes praticantes e criadores cibernéticos, sendo necessário ainda trabalhar para melhor os compreender, nas suas características e potencialidades estéticas e de comunicação. Apoiados nos novos meios, nos novos suportes e nas suas transformações, estamos agora perante uma verdadeira renovação polimorfa dos conceitos, da tipologia e dos gêneros: da invenção aberta para o futuro (CASTRO apud AMANCIO, 2008, p. 9).

Ao mesmo tempo em que estudos se desenvolvem intentando descrever objetivamente essas formulações de poesia amplamente favorecidas em virtude do desenvolvimento tecnológico, evidenciando ainda a continuidade e aprimoramento das investidas do Concretismo, observa-se a exibição de videopoemas de natureza mais singela igualmente. Essa possibilidade de convivência entre experiências de poetas “profissionais” divulgadas com o uso desses procedimentos não minimiza, por sua vez, as investidas de quem escreve no papel e, em seguida, agrega a esse texto recursos diversos que colocam a palavra em mediação com outros mecanismos de dizer, seja imagem, música, cor e movimento.

O movimento incorporado ao texto é a principal contribuição que a linguagem do vídeo traz à poesia. Ele pode conduzir os sentidos das palavras, trazendo alterações sobre o resultado final de mensagens poéticas. Amplia a noção de tempo dos vocábulos e quebra a linearidade da leitura, revelando os textos, segundo a programação do autor, com as palavras em movimentos distintos dos tradicionais de cima para baixo e da esquerda para a direita (GARCIA, 1994, p.2).

A produção de videopoemas no universo escolar é um modo de se executar tanto a leitura do texto literário, estimular a reflexão e produção em resposta ao lido, dando fio ao jogo intertextual, quanto de concretizar práticas de letramento digital, competência da qual a escola não pode se eximir. Como se observou, o texto poético tem pouca frequência à sala de aula, de um modo geral. Sua presença e partilha devem ser incentivadas e, para que essa tarefa seja facilitada, os recursos multimídias devem ser empregados com todo o potencial que encerram. Os alunos sentem-se mais motivados à realização de qualquer atividade quando é oportunizado, a eles, o contato com o computador. Logo, na promoção do estreitamento da relação do aluno com o texto literário, levá-lo a ouvir poemas declamados pelo próprio poeta em áudios e vídeos disponíveis na internet, bem como assistir a vídeos que outros alunos de escolas dos mais diversos lugares tenham produzido e disponibilizado na rede, além de acesso a sites e blogs especializados só pode gerar resultados satisfatórios. Não é mais aceitável, na época em que se vive, com tanta tecnologia que se tem à disposição, ficar unicamente com o texto copiado do quadro negro para o aluno e determinar que ele goste. Não se determina o gostar, devem-se promover experiências favoráveis e, nesse sentido, valer-se dos recursos que as TICs oferecem como suporte ao professor e ampliar as possibilidades de sucesso.

2 METODOLOGIA

Neste capítulo, será apresentada a metodologia do trabalho, ou seja, descreve-se o método empregado na pesquisa, que teve como objetivo amplo *promover o letramento literário associado ao domínio de habilidades tecnológicas para produção de videopoemas, ressignificando o cotidiano dos envolvidos a partir de releituras produzidas*.

Método é definido por Gil (1999), como o caminho para se chegar a um fim, e “método científico como o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para se atingir o conhecimento” (GIL, 1999, p. 27). Portanto, apresentam-se os caminhos adotados para o desenvolvimento desta proposta de intervenção.

Este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa - 5166 - Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT - e consta, na Plataforma Brasil, no CAAE, sob o número 51531815.7.0000.5166, tendo recebido parecer aprovado.

2.1 Revisão bibliográfica

A revisão bibliográfica foi o primeiro procedimento de pesquisa empregado para a realização do presente estudo, pois, buscou-se, inicialmente, conhecer importantes contribuições científicas sobre letramentos, com ênfase ao letramento literário e digital, multimodalidade e intertextualidade; e teve como objetivo recolher, selecionar, analisar e interpretar contribuições teóricas existentes sobre o fenômeno pesquisado (MARTINS, 2000, p. 28). Esta etapa do estudo resultou no exposto no capítulo 1, em que se procedeu à expressiva revisão de literatura sobre os temas afins deste trabalho.

2.2 Análise qualitativa

Este estudo pautou-se nos fundamentos da pesquisa qualitativa por exigir investigação de detalhes e pistas percebidas que permitem estabelecer

compreensão mais esclarecedora do objeto de estudo (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Neste sentido, de acordo com as concepções de Thiollent (2002, p. 21-22):

(...) os participantes não são reduzidos a cobaias e desempenham um papel ativo (...) trata-se de uma forma de experimentação na qual os indivíduos ou grupos mudam alguns aspectos da situação pelas ações que decidiram aplicar. Da observação e da avaliação dessas ações, e também pela evidenciação dos obstáculos encontrados no caminho, há um ganho de informação a ser captado e restituído como elemento de conhecimento.

O papel do pesquisador, em conformidade com o entendimento apresentado, é o de observar e avaliar as ações dos alunos e, por se tratar de pesquisa interventiva e interpretativa, é que se propôs a aplicação interventiva em sala de aula, o que, para Damiani (2013), também possui caráter de pesquisa científica, de pesquisa aplicada, pois há uma intervenção aplicada que visa contribuir com a solução de problemas pedagógicos, como é a proposta do Programa de Mestrado do PROFLETRAS.

2.3 Sequência expandida

A Sequência expandida, terminologia adotada por Cosson (2009), foi a norteadora das etapas de trabalho desta proposta de intervenção, que foi cuidadosamente elaborada, com vistas a evidenciar que, com planejamento sistematizado de ações, é possível se alcançarem resultados satisfatórios no que se refere à promoção do letramento literário.

Sabe-se, há muito, que os modos como a Literatura e, com especial destaque neste projeto, o poema, é trabalhada em sala não favorece as condições para o desenvolvimento da leitura literária. Nesse sentido, compete ao professor rever sua postura frente ao problema que se coloca – a fraca presença do texto literário propriamente dito – e encontrar alternativas para que a relação do aluno com o texto literário seja estreitada e ele possa se valer dos seus benefícios para a construção da consciência crítica, bem como alargar o

seu entendimento acerca de si mesmo e de todas as possibilidades que a leitura da Literatura lhe oportuniza quando, de fato, torna-se leitor.

Para que isso seja possível, não bastam discursos em favor dos benefícios da leitura. É preciso também bem mais que livros à disposição; é preciso sistematização, planejamento de atividades que contribuam para a aproximação necessária do aluno com o texto; não se aprende a ler nas entrelinhas, a entender os duplos sentidos e a estabelecer relações do texto com outros textos ou com as vivências pessoais quando não há procedimentos que orientem para essa percepção. Esse conjunto de estratégias que contempla alternativas ao trabalho com o texto literário precisa ser elaborado cuidadosamente para que, passo a passo, o leitor seja convidado a ficar mais próximo do texto, ou seja, a querer ficar no texto.

Uma metodologia recomendada à promoção do letramento literário é a proposta por Cosson (2012), classificada em sequência básica e expandida. Como o nome já sugere, constituem-se, ambas, de uma sequência de atividades que, progressivamente, visam à aproximação do leitor com o texto literário, contribuindo para o melhor aproveitamento de suas potencialidades para a construção de significados e desenvolvimento da consciência crítica do aluno frente ao mundo de que faz parte.

Para as especificidades a explorar com o texto literário, a sequência básica (recomendada para o Ensino Fundamental) ou a sequência expandida (Ensino Médio) têm sido utilizadas para deixar registrado que, ao se perseguir a formação de leitores literários, é preciso trabalho planejado, pois o letramento literário não acontece ao acaso. Negligenciar os passos que favorecem essa aproximação do aluno com o texto é ser omissos para com os benefícios que a Literatura acrescenta à formação do homem.

Cosson (2009) faz considerações acerca das duas sequências, com cuja posição se concorda, justificando a adoção desta para o presente projeto.

Na sequência básica se realiza a aprendizagem plena da literatura, mas porque nela se enfatiza a experiência da interpretação como construção de sentido de mundo, as outras dimensões do letramento literário terminam por ocupar um segundo plano. Essa posição secundária pode levar a um obscurecimento do lugar da literatura na escola, sobretudo aquele dado pela tradição. A sequência expandida vem deixar mais evidente as articulações que propomos entre experiência, saber e educação literária inscritos no horizonte desse letramento na escola (COSSON, 2012, p.76).

Cada etapa é importante e contribui para que a produção final seja satisfatória, visto ser ela consequência dos entendimentos permitidos com as atividades anteriores desenvolvidas. Pela contribuição fundamental de cada uma destas etapas para o adequado exercício de leitura literária, discorre-se sobre cada uma delas.

2.3.1 Etapas da sequência expandida

Relativo à *motivação*, Cosson (2009) considera que:

seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. Nesse sentido, cumpre observar que as mais bem-sucedidas práticas de motivação são aquelas que estabelecem laços estreitos com o texto que se vai ler” (COSSON, 2012, p. 54-55)

Finalizada a motivação, prossegue-se o trabalho de aproximação do leitor com o texto, procedendo à *introdução*, momento em que “a apresentação física da obra é também momento em que o professor chama a atenção do aluno para a leitura da capa, da orelha e de outros elementos pretextuais que introduzem a obra”. (COSSON, 2009, p. 60). Nesta etapa do trabalho, importa o professor realizar uma leitura coletiva do livro.

Segundo Cosson (2009), a *leitura*, que é o próximo passo, precisa ser acompanhada. Se for a leitura de um pequeno texto a ser feita em sala de aula, não há muito o que fazer, a não ser esperar que o aluno termine. Não se deve tomar por sinônimo acompanhar e policiar. Cabe, ao professor, acompanhar o processo de leitura para auxiliar o aluno em suas dificuldades. Quando o texto é extenso, há intervalos que o autor sugere para garantir que esse acompanhamento seja mais eficiente. A *primeira interpretação* é a que se destina à apreensão global da obra. “O objetivo dessa etapa é levar o aluno a traduzir a impressão geral do título, o impacto que ele teve sobre sua sensibilidade de leitor” (COSSON, 2009, p.83).

Após o término das atividades referentes à primeira interpretação, dá-se sequência ao letramento literário com a *contextualização* e a *segunda interpretação*. Cosson (2009) sugere diversas formas de se proceder à contextualização da obra: teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática, ficando a critério do professor escolher qual ou

quais pretende trabalhar, segundo os objetivos que estabelecer e nível de aprofundamento da obra em estudo.

A contextualização favorece a melhor compreensão da obra. Assim, se a primeira interpretação é mais livre, a segunda, mediada pela contextualização, implica em aprofundamento. Acerca disso, o autor estabelece que: “se a primeira interpretação é um momento de introjeção da obra na história de leitor do aluno – daí a ênfase sobre o encontro pessoal entre obra e leitor –, a segunda interpretação deve resultar em compartilhamento da leitura” (COSSON, 2009, p.94). Ele ainda indica que esta segunda interpretação deve favorecer um saber coletivo, culminando no “reconhecimento de que uma obra literária não se esgota, antes se amplia e se renova pelas várias abordagens que suscita” (COSSON, 2009, p.94).

Após a segunda interpretação, é o momento de se dedicar ao registro, que deverá evidenciar o aprofundamento da leitura. Nessa etapa, o aluno tem a oportunidade de externar o seu aproveitamento da leitura, de expressar, segundo o que lhe é solicitado, aspectos da obra que lhe comunicaram mais de perto, pois a experiência da leitura é um encontro do texto com um conjunto de saberes e experiências do leitor que são associados na promoção do sentido do texto. A socialização das produções, nessa etapa, é uma estratégia recomendada, pois permite que se observem as possibilidades distintas de apreensão que um mesmo texto apresenta entre diferentes leitores, o que amplia, certamente, a compreensão do texto em leitura.

Por último, a *expansão*, que “busca destacar as possibilidades de diálogo que toda obra articula com os textos que a precederam ou que lhe são contemporâneos ou posteriores” (COSSON, 2009, p.94). Observa-se que esta etapa servirá de reforço para a constatação, pelos alunos, das possibilidades inúmeras de “conversa” entre os textos, devendo se constituir como um momento também de reflexão, e que convide o aluno a desejar ampliar o seu repertório cultural, uma vez que isso é condição fundamental para a percepção dos diálogos que se apresentam.

Colomer (2007) emprega o termo *corpus de procedimentos*, Solé(1998) estratégias de leitura e Cosson (2009) sequência básica e expandida para referirem-se à necessidade de planejamento sistematizado para a promoção do letramento literário. A nomenclatura diversa aponta para o volume expressivo

de estudos nessa área, indicando realmente que é preciso trabalho sistematizado para que se envolva o aluno, de maneira profícua, em “uma aprendizagem de percursos e itinerários de tipos e valor muito variáveis” (COSSON, 2009, p.68).

A sequência expandida foi desenvolvida de acordo com as atividades descritas a seguir.

2.4 Relato das atividades da proposta de intervenção - sequência expandida

Apresentação da proposta (duas aulas) - Entendeu-se pertinente, de início, mesmo os alunos tendo participado da reunião junto aos pais para a apresentação da proposta, dedicar uma aula para explicar a eles especialmente a proposta de trabalho, que seria desenvolvida a partir de então nas aulas de Língua Portuguesa. Sendo assim, discorreu-se brevemente acerca do que é um curso de Mestrado, por que professores buscam por qualificação e em que medida isto interfere nas aulas deles. Também foi o momento para especulações sobre domínios relativos às tecnologias e internet, arte e, mais especificamente, os hábitos de leitura, se costumam ler poemas, entre outros.

As duas primeiras etapas da sequência expandida (motivação e introdução, abaixo explicadas) foram desenvolvidas em duas aulas.

MOTIVAÇÃO – a atividade inicial da sequência teve como objetivo apresentar a temática - O cotidiano traduzido em arte: poesia, pintura e videopoemas, problematizando-a, e preparar os alunos para a leitura e apreciação dos poemas.

Para tanto, os procedimentos metodológicos adotados foram os seguintes: inicialmente, a exibição do vídeo “Encontrar poesia na rotina é possível” de uma campanha publicitária da empresa Natura, fazendo-se as devidas ressalvas quanto ao marketing da marca patrocinadora. O vídeo foi selecionado em função de dar destaque àquilo que representa a elemento fundamental da proposta: perceber motivos de poesia na própria rotina, que foi o objeto de suas releituras posteriormente.

Após a exibição do vídeo, discutiram-se as seguintes questões:

- Qual a relação entre o título do vídeo e o seu conteúdo?
- Concordam que há poesia na rotina das pessoas? Citar exemplos.
- O que pode ser poesia na sua rotina?

INTRODUÇÃO - para esta etapa do processo de letramento literário, foram propostos dois objetivos, a saber: apresentar os poetas aos alunos, com considerações breves sobre cada um deles e sobre os títulos dos poemas e cenas (dos poemas sem títulos).

Com esse propósito, foi exibido um slide com fotos e dados biográficos resumidos sobre os poetas em *data show*, bem como uma sequência de imagens representativas de cenas possíveis de serem reconhecidas nos poemas com os quais tomariam contato em seguida (no momento da leitura), estimulando-os para falarem sobre elas.

Ocorreu, também, a apresentação física de exemplares de livros, de diferentes editoras e edições, nos quais constavam os poemas selecionados para a leitura, corpus desta proposta de intervenção.

LEITURA e 1ª INTERPRETAÇÃO (04 aulas) - para a aproximação do aluno/leitor com o texto literário, além de ler os seis poemas selecionados, foram delineados mais estes objetivos: compartilhar interpretações e ampliar os sentidos construídos individualmente; favorecer a identificação (ou não), compreensão e associação de aspectos temáticos do texto com fatos do cotidiano dos alunos por meio da solicitação de registros fotográficos; organizar um painel para exibição dos poemas junto às fotografias que os reinterpretem.

Como a etapa de introdução ocorreu na biblioteca, foi neste espaço também que se desenvolveu a leitura e a primeira interpretação. Tão logo houve a apresentação dos poetas, procedeu-se à distribuição dos livros confeccionados com cópia dos poemas para cada aluno, os quais foram orientados a fazerem uma leitura silenciosa, seguida de outra leitura de cada um dos seis poemas, realizada pela professora. Depois, em duplas, já na sala, trocaram impressões sobre a leitura, que logo foram socializadas com o grande grupo.

Decorrente dessa primeira interpretação, os alunos foram incumbidos de registrarem, com seus celulares ou câmeras fotográficas, eventos de seu cotidiano e/ou da cidade, em diálogo com os poemas (cada aluno elegeu um dos poemas). Como havia alunos que não dispunham de nenhum dos equipamentos apontados, também se sugeriu pesquisar em revistas, jornais ou internet imagens que fizessem correspondência com os poemas lidos.

Organizou-se um painel com os poemas, fotografias e imagens associadas. Os poemas que constaram do livro confeccionado para o projeto são seis, como se apresenta:

1) Cidadezinha Qualquer, Carlos Drummond de Andrade

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

2) O Apanhador de Desperdícios, de Manuel Barros

Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.

3) Preguiça, de Luciene Carvalho

O sono bate nos olhos,
o corpo bate na rede,
varanda de Cuiabá.
Em cada poro o calor,
a boca guarda o sabor
do almoço curimbatá.
Balança a rede e o dia,
enquanto a tarde anuncia
a noite que vai chegar...
Melhor programa
que o meu olho já viu
é antes de ir jantar,
ver o sol morrer no rio.

4) Dois maços de alface, Lucinda Persona

Dois maços de alface
Infinito
é o tempo de que preciso
para cada coisa que faço
são dez horas da manhã
lavo
com fé religiosa
dois maços de alface
a dimensão da atividade
é pequena
mas
enquanto desfaço
os rosários de bactérias
dá tempo de pensar na vida
dá tempo de pensar na morte
e ainda muito mais.

Ai daqueles que não pensam na vida
Ai daqueles que não pensam na morte
Ai daqueles que não pensam em nada.

5) Aclyse de Mattos

O inverno de Mato Grosso é secura.
A neve de Mato Grosso é poeira.
Cidades, vilas, malocas
ficam durante três meses
recobertos de poeira
Pairam no ar os cristais
Amarelos da poeira

O rio desfaz-se em anti-rio
Corredeiras de vento seco
- o leito um anti-leito -
E pedrumes de poeira

Os carros movem-se duros
Como estátuas gregas de poeira

As falas cortando o ar
As vozes
Poeira

Os pensamentos e a escrita
A tinta
Poeira

6) Marli Walker

O endereço verde das tuas ruas
Nos salva da derrubada
Enche de mata a calçada

CONTEXTUALIZAÇÃO e 2ª INTERPRETAÇÃO - nesta fase da sequência, exploraram-se mais profundamente alguns aspectos dos poemas, visando à sua maior compreensão. Definiu-se pela contextualização poética, presentificadora e temática que, devidamente trabalhadas, possibilitaram entendimentos mais amplos acerca dos temas e estruturas empregados em cada um dos textos.

Para tal, listaram-se estes objetivos: reconhecer as características do gênero poema; identificar possibilidades diversas de expressão artística para fatos do cotidiano; perceber possibilidades de diálogos entre manifestações artísticas distintas (arte plástica e poesia); compreender o conceito de intertextualidade, com vistas ao reconhecimento deste recurso em textos diversos e realizar as releituras das obras estudadas.

Poética: (03 aulas) - foram exibidas telas de slides com poemas para observação e identificação das características do gênero poema. Este mesmo material foi também entregue, em versão impressa, para os alunos. Durante as explicações, os textos base da proposta foram sendo retomados para observação, de forma conjunta, das características do texto poético, sendo citadas principalmente: o emprego de linguagem figurada, disposição das palavras na linha (verso), repetições, brevidade, “jeito esquisito, diferente” de dizer.

Perceberam também que, apesar de todos os poemas abordarem situações do cotidiano, há vários modos e temas distintos para fazê-lo. Para garantir o entendimento acerca do emprego da linguagem figurada e dar ênfase à ideia de olhar singularizado do texto poético, apresentou-se, aos alunos, um exercício desafio, que eles produzissem exemplos de metáforas e personificação que evidenciassem esses dois aspectos importantes a partir de elementos presentes na sala de aula.

Observação: Essas atividades desenvolveram-se até o dia 30 de maio, quando foram interrompidas com a greve dos servidores da Rede Pública Estadual de Educação de Mato Grosso, sendo retomadas somente em 11 de agosto.

RETOMADA DAS ATIVIDADES: (02 aulas) - com o retorno, depois de dois meses e dez dias sem aulas, houve necessidade de revisão das atividades anteriormente desenvolvidas. Foram consultadas as anotações e materiais impressos e, coletivamente, lembrados os itens já estudados. Procedeu-se, outra vez, à leitura dos seis poemas, com o objetivo de os alunos reconhecerem nestes as características do gênero poema. Em seguida, desenvolveram-se as atividades relativas à contextualização temática.

Temática: (08 aulas) – No laboratório de informática, os alunos foram orientados a pesquisarem sobre a artista plástica Mari Bueno, pois, ao expor sobre a visita à sua galeria, estes ficaram admirados e revelaram não ter o mínimo conhecimento sobre ela e nem de suas obras, premiações e representatividade cultural. Pesquisaram, portanto, sobre o conjunto de suas obras, suas premiações, mas especialmente sobre os quadros que compõem a *Série Cotidiano*, com os quais os temas dos poemas em estudo estabelecem diálogo. No retorno para a sala, houve breve compartilhamento de impressões sobre a pesquisa e observou-se a expectativa pela possibilidade iminente de ir à galeria.

Na aula posterior, foi elaborado o roteiro para a entrevista e estudou-se o conceito de intertextualidade, seguido de análise coletiva das imagens e textos dos exemplos apresentados no *Datashow*, os quais também foram distribuídos, em versão impressa, para os alunos colarem no caderno.

No dia 17 de agosto, aconteceu a visita à Galeria de arte, também a entrevista com a artista plástica sobre arte e cotidiano, com ênfase à coletânea de obras da *Série Cotidiano*. Aproveitou-se a ocasião para ir com os alunos à Catedral (a grande maioria nunca tinha entrado nesta igreja) para ampliarem a percepção sobre as possibilidades de expressão artística (mesmo que a arte sacra não seja o objeto deste estudo). Já em sala, na escola, houve conversação acerca das impressões sobre a visita; momento para compartilhamento de fotos, áudios e vídeos produzidos durante o passeio. Produziu-se um relatório coletivo da visita.

Presentificadora: (02 aulas) - Essa contextualização já se deu, parcialmente, quando os alunos fotografaram situações de sua rotina associadas às impressões que um texto ou outro lhe possibilitara. Foram convidados a pensarem sobre o poema 1 da sequência, *Cidadezinha Qualquer*

de Drummond, adaptado a Sinop ou outro elemento atual, participante da rotina deles.

A contextualização, pois, teve como objetivo possibilitar o aprofundamento, a maior compreensão dos textos, que é a segunda interpretação.

Segunda interpretação: (16 aulas) - Para dar início à produção das releituras, houve orientações gerais, a fim de que todos estivessem bem informados sobre as possibilidades de escrita, encontrando em sua rotina, nos elementos de seu cotidiano, motivos para produzir a sua versão para os poemas lidos. Dentre os seis poemas, solicitou-se que fizessem a releitura de, no mínimo, quatro. Das imagens distribuídas da *Série Cotidiano* e da visita à Galeria, que escolhessem uma ou duas para, igualmente, produzirem uma releitura em forma de poema. Ainda ficaram livres para fazer o poema para a foto ou imagem que figurou no mural ou tema livre. Destas recomendações, resultaram os compartilhamentos de leitura.

Durante as aulas que se seguiram, os alunos com dificuldade ou dúvidas receberam novas orientações, segundo a dificuldade que cada um apresentava. Como o volume de textos produzidos foi expressivo, houve necessidade de acompanhamento extraclasse para garantir a revisão das produções, ajustes e finalização das releituras. Os alunos foram orientados e auxiliados em duplas, na biblioteca ou laboratório, durante as aulas das demais disciplinas, quando os professores consideravam possível dispensá-los. Depois disso, os alunos registraram a versão final no livreto junto aos poemas originais.

A tarefa seguinte foi digitar os poemas. Alguns alunos trouxeram seus notebooks (os computadores do laboratório têm sistema operacional Linux); a professora disponibilizou dois também, havendo revezamento e trabalho em parceria para conclusão da tarefa. As atividades não foram concluídas de forma homogênea devido à falta de alguns alunos às aulas, bem como comprometimento e/ou dificuldade para a sua realização.

5. EXPANSÃO - Para o fechamento da sequência expandida, foi ouvida a música *A banda*, de Chico Buarque de Holanda, para, entre outros objetivos, *observar a presença de elementos do cotidiano na música em diálogo com a*

temática estudada nos poemas e reconhecer possibilidades de intersecção entre imagem, poema e música.

Ainda para esta etapa, foram propostos mais dois objetivos: *compreender os modos possíveis de organização de um videopoema (ou infopoesia) e reconhecer, na conjugação de música, palavra e imagem, possibilidades de atribuição de novos sentidos ao poema.*

A pesquisa por letras de músicas que também estivessem, de alguma forma, relacionadas com os temas apresentados nos poemas ocorreu no laboratório de informática, nos computadores ou nos celulares dos alunos. Algumas músicas foram ouvidas, comentadas por colegas e professora, reforçando a temática em comum, a escolha foi aprovada ou, quando não, nova pesquisa foi orientada.

Na sequência, os alunos leram conceitos de videopoemas (ou infopoesia) na internet. Copiaram um conceito, aquele que julgaram mais apropriado e, em seguida, houve reforço do material lido com as orientações da professora. Em seguida se procedeu à visualização de *Greve*, de Augusto de Campos e *Tuiuiu*, de Lucinda Persona, em versão digital produzida por Ademir Juvêncio da Silva. Houve meia hora para pesquisa e visualização de outros videopoemas.

Na aula seguinte, a professora orientou sobre dois aplicativos possíveis de fazer o download nos celulares – o *vivavídeo* e o *slideshow* – a fim de que os alunos comesçassem a manuseá-los, criando familiaridade para produzirem os videopoemas nas próximas aulas. Alguns alunos organizaram-se em duplas (poucos), mas a maioria optou por produzir um videopoema sozinho. Decidida a releitura a ser empregada na sua produção, os alunos pesquisaram imagens e sons que consideraram apropriados para começarem a editar os vídeos. Alguns alunos sem celulares foram auxiliados por outros.

No decorrer da aplicação da proposta de intervenção, criou-se um grupo de *WhatsApp* para facilitar a comunicação. E, nesta etapa do projeto, ele mostrou-se muito útil, pois muitos alunos editavam os vídeos, compartilhavam no grupo, solicitando auxílio ou avaliação. Muitas vezes, antes de a professora fazer as intervenções necessárias, outros colegas já haviam interagido e o problema ou dúvida inicial resolvido, revelando-se, pois, atividade colaborativa.

Ademais, as orientações dos colegas já sinalizavam aspectos que cada qual deveria também observar no vídeo ainda em processo.

Criou-se um perfil e uma página no *Facebook* para publicação das releituras e dos videopoemas. Houve divulgação, pelos alunos, dessa página na comunidade escolar e ficaram responsáveis, alguns deles, para postagens e atualizações à página. Também foram publicadas releituras em jornal local durante o mês de setembro. Foram selecionadas releituras diversas, dos seis poemas trabalhados, para composição de seis painéis em que configura o poema no centro e, em torno dele, as releituras com imagens em diálogo selecionadas pelos alunos. Estes painéis tinham como objetivo serem expostos em diferentes locais da cidade para ampla divulgação do trabalho, aproveitando-se da ocasião das comemorações do aniversário de emancipação do município. E, por fim, organizou-se um mini festival em dois momentos e para públicos diferentes: o primeiro, para os alunos dos sétimos, oitavos e nonos anos do Ensino Fundamental, além dos primeiros anos do Ensino Médio que foram convidados a assistirem aos videopoemas na sala de vídeo da escola, cada turma separadamente; o segundo, para os pais dos alunos do oitavo ano B, a quem se deu um retorno sobre as atividades desenvolvidas durante o projeto. Este momento foi propício para entregar um exemplar do jornal em que os trabalhos dos participantes foram publicados, e também para assistir aos videopoemas, apreciar os painéis com as releituras e ouvir alguns alunos declamarem seus poemas.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Inúmeros são os estudos e publicações que teorizam e discutem práticas na intenção de efetivar propostas de ensino na área de leitura mais eficazes. A afirmativa se justifica em razão de índices de avaliação insatisfatórios neste quesito, bem como a alegação de que tal dificuldade compromete a aquisição de saberes nas mais diversas áreas do ensino-aprendizagem. Por isso, os múltiplos letramentos são apontados como uma alternativa que sugere possibilidades de alteração a essa realidade.

No entanto, além da necessidade de metodologias mais adequadas no que se refere ao ensino e aprendizagem da língua e estímulo à leitura, a escola defronta-se ainda com outras situações-problema que, por vezes, tornam esse processo quase imóvel, dado à dificuldade de se obterem avanços. Trata-se da indisciplina de muitos alunos, da ausência de limites, faltas frequentes e pouco comprometimento para com as tarefas propostas no decorrer das aulas. É como se a escola fosse espaço oportuno para tudo, menos para concentração e estudo. E esta conduta, mesmo que não seja de todos, interfere na dinâmica da aula, pois o professor precisa, além de orientar as atividades, regular o comportamento daqueles que mais tumultuam e atrapalham.

A escola estadual Olímpio João Pissinati Guerra, em que o projeto foi desenvolvido encontra, em suas salas de aula, realidade semelhante. A turma – 8ºB – foi indicada para a aplicação desta proposta exatamente por ser considerada “uma turma difícil”, tendo sido observado que, pelo fato de trabalhar com uma metodologia diferenciada, pudesse (talvez) ter seu comportamento alterado e apresentar resultado positivo em suas produções. A escola tem aproximadamente 800 alunos, oferece turmas do Ensino Fundamental II ao Ensino Médio nos períodos matutino e vespertino. O número de alunos por turma obedece aos critérios da portaria estadual, podendo exceder, de acordo com a demanda. Para o Ensino Médio, 35 alunos por turma; Ensino Fundamental II, 30 alunos. Localiza-se em um bairro dos mais antigos da cidade, o Jardim Primavera, próximo ao centro, na Rua das Bilbérgias, nº 422, CEP 78.550.389 e seu código do INEP é: 51016419. O ano de sua criação foi 1985 e atende a alunos, além do bairro em que se situa,

também de bairros adjacentes, como: Parque das Araras, Jardim Violetas e Jardim das Oliveiras, não tendo alunos dependentes de transporte escolar.

A caracterização da turma, no geral, compreendeu, num primeiro momento, um coletivo de adjetivos nada animadores. Conversavam o tempo todo, não atendiam a comandos em tom de voz normal, interrompiam a fala da professora e de colegas sem a menor cerimônia, não se dedicavam às tarefas com concentração, tinham tendência a querer copiar uns dos outros; sugeriam não saber de que se tratava uma leitura silenciosa e entre outras manifestações, alegaram não gostar de ler poemas. As participações para responder a questionamentos aconteciam, mas queriam falar todos ao mesmo tempo. Foi preciso paciência, persistência e muita determinação para conduzir o processo.

Apesar do quadro nada animador, os alunos ficaram empolgados por terem sido a turma eleita para a aplicação da proposta, especialmente por causa do uso de celulares, maior frequência ao laboratório e acesso à internet. Por isso, sempre que esses recursos eram utilizados, fazia-se um planejamento bem detalhado, determinando, com clareza, para os alunos o que deveriam fazer para que não se configurasse como um mero passeio. À medida que as aulas iam avançando, alguns comportamentos também começaram a melhorar, muito embora tenha se observado o quão “perigoso” era deixá-los com pouca atividade; por isso, para cada aula, listavam-se diversas tarefas para serem executadas. Assim, conforme finalizavam uma, já tinham outra para fazer e assim sucessivamente.

Como será evidenciado abaixo, o uso de ferramentas tecnológicas é, certamente, o diferencial na sala de aula na promoção de resultados mais satisfatórios. A diversidade de ações possíveis de serem demandadas pela internet, além dos recursos de sistemas e aplicativos pode (e deve) ser empregada na escola para promover a aprendizagem. E, como no caso específico deste projeto, favorecer experiências bem significativas no que se refere ao letramento literário.

3.1 Detalhamento da proposta desenvolvida

A *apresentação* da proposta deu-se em duas aulas e, de início, mesmo os alunos tendo participado da reunião junto aos pais para a apresentação do projeto, dedicou-se uma aula para explicar a eles especialmente a proposta de trabalho, que seria desenvolvida a partir de então nas aulas de Língua Portuguesa. Sendo assim, discorreu-se brevemente acerca do que é um curso de Mestrado, por que professores buscam por qualificação e em que medida isto interfere nas aulas deles. Também foi o momento para especulações sobre domínios relativos às tecnologias e internet, arte e, mais especificamente, os hábitos de leitura, se costumam ler poemas. Essa conversa inicial foi importante, uma vez que os alunos estavam bastante ansiosos por conhecerem a proposta, também por revelarem as suas expectativas para com o encaminhamento do projeto, deixando claro o seu entusiasmo pela possibilidade de uso dos celulares para a realização de algumas atividades. Desta conversa inicial, observou-se que a leitura de poemas não se constituía atividade frequente nas aulas, que alguns alunos (meninos na maioria) manifestaram risos como sinal de certo desconforto frente ao iminente exercício de leitura de textos deste gênero. Durante as apresentações dos alunos, observou-se a dificuldade dos demais dispensarem atenção e respeito às apresentações dos colegas.

O primeiro momento foi a *motivação*, com o que se pretendeu conquistar a adesão dos alunos às propostas de trabalho que seriam desenvolvidas; por isso, para motivá-los adequadamente e fazê-los reconhecer a sua proximidade com o tema proposto: o cotidiano traduzido em arte: poesia, pintura e videopoemas, exibiu-se um vídeo “Encontrar poesia na rotina é possível” (<https://youtu.be/q3n935kj9zo>). Este vídeo, de campanha publicitária da empresa Natura, foi selecionado em função de dar destaque àquilo que representa a base da proposta: perceber motivos de poesia na própria rotina, que foi o objeto de suas releituras posteriormente. Neste vídeo, apresentaram-se mulheres poetisas, mulheres comuns, que falam sobre o que, para elas, é motivo de poesia em suas rotinas. Destacam a importância do olhar atento para a percepção de imagens ou cenas que, no dia a dia, passam

despercebidas, mas encerram motivos de poesia: seja pela beleza, sensibilidade, surpresa, entre outros.

Após a exibição do vídeo, apresentaram-se as questões abaixo, para as quais alguns alunos, de imediato, desejaram se manifestar.

A) Qual a relação entre o título do vídeo e o seu conteúdo?

B) Concordam que há poesia na rotina das pessoas? Citar exemplos.

C) O que pode ser poesia na sua rotina?

Como nem todos haviam prestado a atenção necessária ao vídeo, sendo ele breve, foi exibido mais uma vez. Como agora já conheciam as perguntas e, mais atentos à segunda exibição, boa parte dos alunos respondeu. Em seguida, cada aluno colocou as questões em seu caderno e respondeu-as por escrito.

Entre muitas respostas interessantes, destacam-se duas para cada uma das três interrogações.

A1- O abraço do filho e o aconchego que ele sente envolvido nos braços da mãe;

A2 – As risadas, a alegria por estar junto com as amigas.

B1 – Sim. Brincar com os seus cachorros e animais de estimação;

B2 – Sim. Passear, estar com a família e beijar na boca.

C1- O futebol e as brincadeiras;

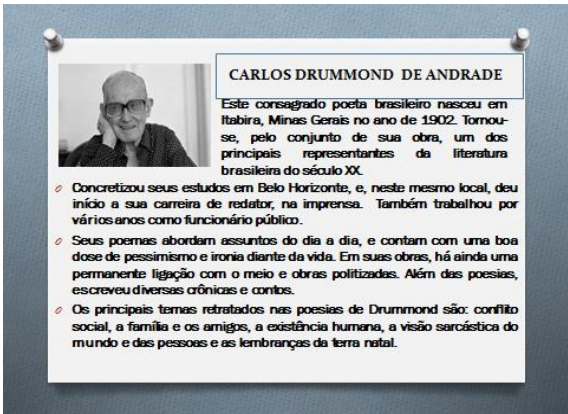
C2 – Conversa com as amigas, passeios e comida da minha vó.

Como o vídeo chama a atenção para os fatos cotidianos que, de tão frequentes que são, costumam não mais ser percebidos com o apreço que merecem, as respostas mostraram-se adequadas, evidenciando o entendimento dos alunos de que fatos comuns podem ser apreciados com maior sensibilidade; que esse olhar diferenciado é o primeiro passo para o reconhecimento de que a poesia comporta qualquer tema.

Na sequência, já sensibilizados para o tema, deu-se continuidade às etapas do trabalho com a *introdução*, procurando, nesta ocasião, apresentar os poetas aos alunos, com considerações breves sobre cada um deles, além de fazer provocações sobre os títulos dos poemas e cenas (dos poemas sem títulos). Com esse propósito, foi exibido um slide com fotos e dados biográficos resumidos sobre os poetas em *data show*, como se apresenta:

Figura 1 – Biografia de Carlos Drummond de Andrade.

Figura 2 – Biografia de Manoel de Barros.

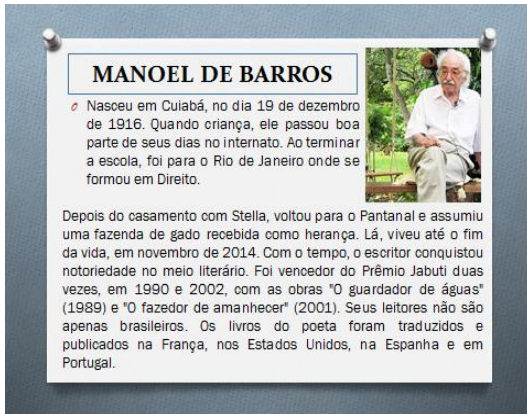


CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Este consagrado poeta brasileiro nasceu em Itabira, Minas Gerais no ano de 1902. Tornou-se, pelo conjunto de sua obra, um dos principais representantes da literatura brasileira do século XX.

- Concretizou seus estudos em Belo Horizonte, e, neste mesmo local, deu início a sua carreira de redator, na imprensa. Também trabalhou por vários anos como funcionário público.
- Seus poemas abordam assuntos do dia a dia, e contam com uma boa dose de pessimismo e ironia diante da vida. Em suas obras, há ainda uma permanente ligação com o meio e obras politizadas. Além das poesias, escreveu diversas crônicas e contos.
- Os principais temas retratados nas poesias de Drummond são: conflito social, a família e os amigos, a existência humana, a visão sarcástica do mundo e das pessoas e as lembranças da terra natal.

FONTE: A autora.



MANOEL DE BARROS

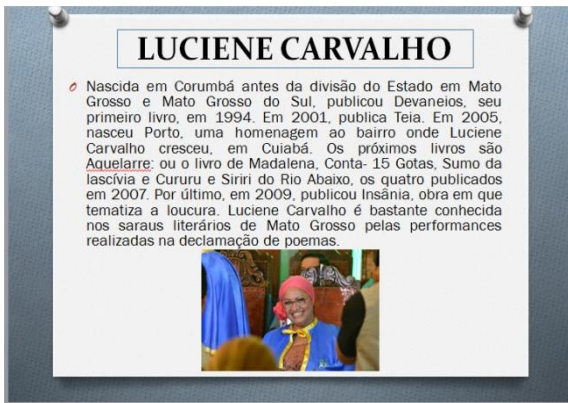
Nasceu em Cuiabá, no dia 19 de dezembro de 1916. Quando criança, ele passou boa parte de seus dias no internato. Ao terminar a escola, foi para o Rio de Janeiro onde se formou em Direito.

Depois do casamento com Stella, voltou para o Pantanal e assumiu uma fazenda de gado recebida como herança. Lá, viveu até o fim da vida, em novembro de 2014. Com o tempo, o escritor conquistou notoriedade no meio literário. Foi vencedor do Prêmio Jabuti duas vezes, em 1990 e 2002, com as obras "O guardador de águas" (1989) e "O fazedor de amanhecer" (2001). Seus leitores não são apenas brasileiros. Os livros do poeta foram traduzidos e publicados na França, nos Estados Unidos, na Espanha e em Portugal.

FONTE: A autora.

Figura 3 – Biografia de Luciene Carvalho.

Figura 4 – Biografia de Lucinda Nogueira Pessoa.



LUCIENE CARVALHO

Nascida em Corumbá antes da divisão do Estado em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, publicou Devaneios, seu primeiro livro, em 1994. Em 2001, publica Teia. Em 2005, nasceu Porto, uma homenagem ao bairro onde Luciene Carvalho cresceu, em Cuiabá. Os próximos livros são Aquelarre: ou o livro de Madalena, Conta-15 Gotas, Sumo da lascívia e Cururu e Siriri do Rio Abaixo, os quatro publicados em 2007. Por último, em 2009, publicou Insânia, obra em que tematiza a loucura. Luciene Carvalho é bastante conhecida nos saraus literários de Mato Grosso pelas performances realizadas na declamação de poemas.

FONTE: A autora.



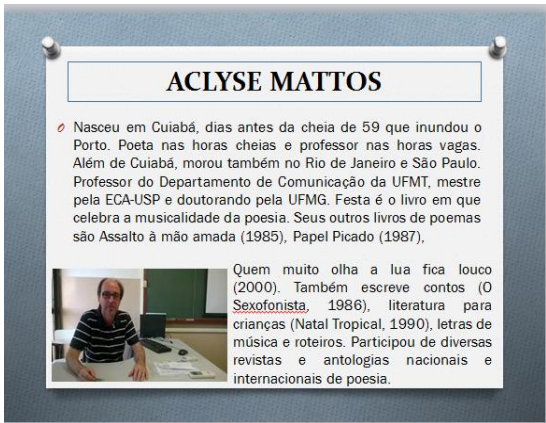
LUCINDA NOGUEIRA PERSONA

Paranaense de Araçongas, vive em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. É formada em Biologia pela UFMT e mestre em Histologia e Embriologia pela UFRJ. Na poesia estreou com Por imenso gosto (Massao Ohno, 1995) – Prêmio Especial do Concurso Cecília Meireles (1997) da União Brasileira de Escritores – UBE. Pela 7 Letras, publicou Ser cotidiano em 1998 e Sopa escaldante em 2001 – Prêmio Cecília Meireles (2002) da UBE e Leito Ao Acaso, de 2004. É autora de livros infanto-juvenis, contos e crônicas. Professora da Universidade Federal de Mato Grosso e Universidade de Cuiabá.

FONTE: A autora.

Figura 5 – Biografia de Aclyse Mattos.

Figura 6 – Biografia de Marli Walker.



ACLISE MATTOS

Nasceu em Cuiabá, dias antes da cheia de 59 que inundou o Porto. Poeta nas horas cheias e professor nas horas vagas. Além de Cuiabá, morou também no Rio de Janeiro e São Paulo. Professor do Departamento de Comunicação da UFMT, mestre pela ECA-USP e doutorando pela UFMG. Festa é o livro em que celebra a musicalidade da poesia. Seus outros livros de poemas são Assalto à mão amada (1985), Papel Picado (1987).

Quem muito olha a lua fica louco (2000). Também escreve contos (O Sexofonista, 1986), literatura para crianças (Natal Tropical, 1990), letras de música e roteiros. Participou de diversas revistas e antologias nacionais e internacionais de poesia.

FONTE: A autora.



MARLI WALKER

Natural de Santa Catarina, nasceu em 21 de abril de 1966. Mora em Mato Grosso há mais de 20 anos e considera este o seu lugar no mundo.

É mestre em Estudos Literários e Culturais pela Universidade do Estado de Mato Grosso, tem Doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília, pesquisadora do Grupo de Estudos em Cultura e Literatura de Mato Grosso (RG-Dicke) e do Grupo de Pesquisa em Estudos Comparativos de Literatura: Tendências Identitárias, Diálogos Regionais e Vias Discursivas.

Publicou Pó de serra em 2006 e Águas de encantação em 2009, ambos poesia. Publicou artigos sobre Literatura Mato-grossense em coletâneas, revistas e meios eletrônicos. Em 2009 lançou, também, Inferno e paraíso na poética da Adriane Rocha, resultado da sua pesquisa de Mestrado.

FONTE: A autora.

Após a apresentação dos poetas, exibiu-se uma sequência de imagens representativas de cenas possíveis de serem identificadas ou associadas aos poemas com os quais tomaram contato em seguida (no momento da leitura), provocando-os para falarem sobre elas. A imagem era exibida e alguns alunos, aqueles que se sentiam à vontade, teciam considerações, destacando o que lhes chamou atenção, o que poderia haver de expressivo em cada cena visualizada e mais. Depois da socialização de impressões, cada aluno escolheu duas imagens para registrar as sensações que elas lhe suscitaram.

De cada imagem, selecionaram-se duas observações que os alunos registraram no caderno. Nesta aula, estavam presentes os 29 alunos, somando, no total, 75 impressões registradas, pois alguns alunos fizeram o registro para outras, além das duas solicitadas.

Figura 7 – Cenas do cotidiano.



FONTE: www.google.com/imagem

Referente à figura 7, 20 alunos escolheram-na para aprofundar o olhar; reconhecer motivo para composição poética.

1A – Os cachorros estão solidários com o homem.

1B – É o contrário do normal, os cachorros cuidam do homem, mas todos estão tristes, parecem abandonados, tanto o homem como os cachorros.

Figura 8 – Cenas do cotidiano.



FONTE: www.google.com/imagem

Para a figura 8, 13 alunos registraram suas interpretações:

2A – A música deixa as pessoas leves, enche de paz (sinalizado pela bermuda branca do menino).

2B – A música encanta a ave, chamou pra perto dela.

Figura 9 – Cenas do cotidiano.



FONTE: www.google.com/imagem

Para a figura 9, 12 alunos realizaram o exercício:

3A – A gente pode plantar coisas boas na nossa vida.

3B – Nem tudo que parece é. Nossa imaginação é uma coisa grande.

Figura 12 – Cenas do cotidiano.



FONTE: www.google.com/imagem

E a figura 12 provocou reflexões para 20 alunos:

6 A – Amazônia no caminhão.

6 B – Troco toras por caminhonetes.

Foi possível constatar que, a partir do conjunto de imagens, houve registros bem expressivos. Foi lhes solicitado que observassem o que se poderia ver e dizer sobre as imagens que talvez a grande maioria das pessoas não enxergasse, ou não dissesse. E eles atenderam bem ao solicitado, pela originalidade das associações que fizeram, pelo emprego da linguagem figurada, aproveitamento singular das imagens apresentadas para não sugerir o óbvio.

Ocorreu também a apresentação física de exemplares de livros, de diferentes editoras e edições, nos quais constavam os poemas selecionados para a leitura, corpus desta proposta de intervenção.

Como a etapa de introdução ocorreu na biblioteca, foi ali também que se desenvolveu a *leitura* e a *primeira interpretação*. Os seis poemas selecionados para trabalhar o letramento literário foram organizados em livrinho com folhas em branco para anotações, registros de pesquisa e, posteriormente, a produção das releituras. Os alunos, ansiosos para conhecer o conteúdo do livro, foram orientados a fazerem uma leitura silenciosa, seguida de outra leitura de cada um dos seis poemas, realizada pela professora. Depois, em

duplas, já na sala, trocaram impressões sobre a leitura, que logo foram socializadas com o grande grupo.

Do poema 1 – *Cidadezinha qualquer*, de Drummond, o verso mais reportado foi o último “Eta vida besta, meu Deus”, com comentários engraçados, revelando terem achado “legal” esse jeito do poeta (ainda não se referiam a eu lírico) escrever; que acharam a linguagem bem parecida com a que eles usam, fácil de compreender; que o tédio, a “paradeira” da cidade motivou a escrita do poema. Assim, observou-se que, para a maioria deles, a linguagem coloquial foi o fato mais surpreendente, pois quase todos acreditavam que a linguagem necessária a um poema deveria ser complexa, uma vez que compartilhavam do entendimento, originado bem possivelmente pela distância desse tipo de texto, de que um poema é quase sempre difícil de compreender.

Do poema 2 – excerto de *O apanhador de desperdícios*, de Manuel de Barros, comentaram da presença de palavras diferentes, citando “desimportantes” e “aparelhado”, tanto que, mais adiante na etapa de produção das releituras, muitos alunos empregaram “aparelhado”, para dizerem de si, daquilo que os caracteriza. Alguns alegaram não compreender como o quintal poderia ser maior que o mundo, que não tinha lógica, mas que era bonito esse jeito de escrever. Inclusive avaliaram como engraçada a associação da velocidade de tartaruga e mísseis. Observou-se, com as considerações sobre este poema, que a elaboração poética deste texto parece ter encontrado maior sintonia com os entendimentos que eles já tinham sobre poema; como por exemplo, de “escrever diferente” do usual, quando se escreve para fins práticos. Identificaram que houve cuidado, uma preocupação especial com a linguagem para a elaboração do poema. É como se eles, com alegria e sem saber direito por que, concordassem com essa declaração do poeta: “O sentido normal das palavras não faz bem ao poema” de *O livro das Ignorâncias* (BARROS, 2009, p. 63).

Do poema 3 – *Preguiça*, de Luciene Carvalho, a identificação com a preguiça foi o mais observado, fizeram inclusive gestos e expressões corporais imitando a sensação boa da preguiça, quando se pode “largar” o corpo na rede, cadeira ou cama e descansar. Também fizeram referência ao calor, observação bem conhecida acerca do clima da capital, além do emprego da linguagem

figurada, cuja compreensão ficou evidente, quando se referiram ao último verso “ver o sol morrer no rio”, dizendo que se tratava do final da tarde, momento em que o sol se põe, que logo anoiteceria.

Do poema 4 – *Dois maços de alface*, de Lucinda Persona, destacaram que enquanto a mulher faz as atividades da casa, como cozinhar, ela está com os pensamentos em outro lugar. Revelaram, em geral, dificuldade para compreender a expressão “rosário de bactérias” e foram estimulados a associá-la à palavra “fé”. Um aluno fez referência à formação da poeta, Biologia, comentando que a profissão dela associa-se com os poemas que escreve. Uma aluna (católica) explicou sobre o rosário e disse que poderia ser entendido como se a mulher do poema, ao lavar folha por folha, faz isso pausada e seguidamente como quando se acompanham as contas do rosário, uma a uma, até fazer as orações todas. Solicitou-se, então, que observassem o quanto saberes prévios, que podem ou devem ser associados às informações presentes em textos de natureza diversa, também em poemas, contribuem para entendimento mais aprofundado deles. Fizeram menção também que é preciso pensar na vida, se não o tempo passa e não se aprende nada; que é preciso pensar para aprender a viver melhor. Referiram-se à repetição da interjeição “Ai”, como se fosse mesmo um lembrete, estimulando quem lê o poema a pensar na sua vida.

Do poema 5 – que tematiza o inverno de Mato Grosso – de Aclise de Mattos, chamou-lhes atenção a palavra “poeira”; porque, de fato, todos têm experiência no convívio com ela e a associação proposta pelo poeta, fazendo-a configurar como a neve seca de nosso estado, pareceu-lhes muito singular e apropriada. Na época da leitura do poema já se estava em clima seco, de muito calor e poeira. Alguns relataram episódios de estradas de chão em que se forma extensa e grossa camada de poeira, fazendo os carros perderem a estabilidade, rodopiarem, exigindo maior cautela na direção. Um aluno relatou que o poeta fez o jogo do contrário, pois, normalmente, o inverno se associa à chuva e frio; e, neste caso, dialogando com o clima do estado, o inverno é caracterizado pela ausência de chuva e frio, atípico, portanto. Uma dupla relatou que achava ter entendido o processo de elaboração dos poemas lidos e em discussão: que eles não falavam de coisas estranhas (todos tematizam aspectos do cotidiano comum), mas que

escreviam diferente do comum; é como se os poetas quisessem fazer ver beleza onde tem, mas não é apreciada.

Do poema 6 – de Marli Walker: “O endereço verde das tuas ruas /Nos salva da derrubada/Enche de mata a calçada”; resultou espanto (essa é a palavra) mediante a perspectiva de que um poema pode ser escrito assim com tão poucos e breves versos. Essa reação chamou a atenção para a pouca intimidade que os alunos sugeriram ter com as diferentes formas possíveis de registros poéticos. Bem poucos perceberam logo a associação desse poema com os nomes de ruas e avenidas de Sinop, ao que foram convocados a dizer os nomes das ruas em que moram, os pais trabalham, entre outras. Questionou-se, então, se as árvores que nomeiam as ruas e avenidas estão plantadas nestes endereços, e assim foi solicitado a alguns alunos dizerem se conheciam a árvore que nomeia a rua em que moram. Dessas reflexões, decorreu a compreensão da metáfora do poema e consideraram criativo o modo de a poeta “reflorestar” a cidade.

Assim, foram compartilhadas as interpretações e ampliados os sentidos construídos individualmente. Observou-se que os alunos, em geral, apresentaram boa compreensão dos poemas, fazendo a associação de aspectos temáticos destes com fatos de seu cotidiano, reconhecendo algumas particularidades que envolvem a produção desse gênero; entre eles: a linguagem figurada, que tem na metáfora e personificação exemplos expressivos nos poemas analisados e que representam arranjo especial do uso da palavra para a elaboração artística da mensagem (a função poética); a possibilidade de identificação do leitor com a mensagem do poema, como ratifica Paz (2003) “não poema em si, mas em mim ou em ti”, pois o conteúdo do poema encontra aconchego no íntimo do leitor; a reflexão que o texto poético motiva, bem como a singularidade com que se captam e registram situações das mais diversas e, característico da lírica moderna, o emprego da linguagem cotidiana.

Assim, a leitura primeira dos poemas não pretendeu a exploração da forma literária em si, mas ser, o que Paz (2003) indica, como “o lugar de encontro entre a poesia e o homem”. Foi um encontro feliz.

Decorrente dessa primeira interpretação, a tarefa dos alunos foi, com seus celulares ou câmeras fotográficas, registrarem eventos de seu cotidiano e/ou da cidade, em diálogo com os poemas (cada aluno elegeu um dos

poemas). Como havia alunos que não dispunham de nenhum dos equipamentos apontados, também se sugeriu pesquisar em revistas, jornais ou internet imagens que fizessem correspondência com os poemas lidos. Organizou-se um painel com os poemas, fotografias e imagens associadas.

Na *contextualização e 2ª interpretação*, os poemas foram lidos outra vez, visando à sua maior compreensão e reconhecimento objetivo de alguns critérios que compõem na escritura do poema. Definiu-se pela contextualização poética, presentificadora e temática que, devidamente trabalhadas, possibilitaram entendimentos mais amplos acerca dos temas e estruturas empregadas em cada um dos textos.

Para a contextualização poética, foram necessárias três aulas. O objetivo era o de reconhecer as características do gênero poema; para tal, organizaram-se slides com poemas diversos (não os da proposta) para observação e identificação das características do gênero poema, cujas informações foram impressas e entregues aos alunos para posterior retomada, caso houvesse necessidade. Durante as explicações, os textos base da proposta foram sendo retomados para, de forma conjunta, associar a eles as características do texto poético. Alguns alunos sabiam que cada linha do poema é designada como verso, que um conjunto de versos constitui uma estrofe. Analisaram-se alguns exemplos de metáfora e personificação, figuras que já haviam sido mencionadas em momentos anteriores, agora reforçadas, confirmando, pois, o predomínio da linguagem figurada, a plurissignificação das palavras. Apontaram a repetição como estratégia também para elaboração artística, sendo que uma aluna lembrou que, caso esse recurso fosse usado numa “redação”, não seria avaliado positivamente. Também a síntese (menos palavras que em uma história ou notícia) e “jeito esquisito, diferente” de dizer, que é o manejo artístico da palavra.

Perceberam ainda que, apesar de todos os poemas abordarem situações do cotidiano, há vários modos e temas distintos para fazê-lo, o que caracteriza o estilo individual de cada poeta. Feita esta contextualização, os alunos foram desafiados a produzirem metáforas e personificações a partir de elementos observáveis na sala de aula, no pátio da escola ou situações do dia a dia em geral.

Dentre as respostas alcançadas, selecionaram-se alguns exemplos para evidenciar a compreensão deles sobre estas duas figuras. Em A, apresentam-se as metáforas e em B, as personificações:

A1 – Os celulares são os presos, a caixa o presídio.

A2 – Os olhos filmam nossas vidas.

A3 – Se cada político corrupto tivesse uma luz na cabeça, o Brasil seria uma árvore de natal.

A4 – As mesas estão tatuadas.

A5 – A garrafa aprisiona a água, que liberta minha sede.

A6 – As árvores são as obras de arte da escola.

B1 – As flores estavam chamando minha atenção.

B2 – Quando o vento sopra, as cortinas dançam.

B3 – As folhas bailavam alegremente quando o vento passava por elas.

B4 – A pasta de chamada coletiva fala cada coisa...

B5 – O sorriso radiante do sol acaba com a tristeza da escuridão.

B6 – Os cadernos choram ao ter suas folhas arrancadas.

Como expressei anteriormente, estas atividades foram desenvolvidas até o dia 30 de maio, quando foram interrompidas com a greve dos servidores da Rede Pública Estadual de Educação de Mato Grosso, sendo retomadas somente em 11 de agosto.

Com o retorno, depois de 70 dias sem aulas, houve a retomada das atividades, tendo sido necessária uma revisão das atividades anteriormente desenvolvidas. Para isso, foram consultadas as anotações e materiais impressos e, coletivamente, lembrados os itens já estudados. A leitura dos seis poemas foi realizada para observar se os alunos ainda se recordavam das características do gênero poema, o que, felizmente, ocorreu. A impressão que se teve do ambiente de trabalho na sala de aula, logo após o término da greve, é que os alunos estavam com maior disposição para as atividades do projeto.

Concluída a retomada das atividades anteriores à greve, iniciou-se a contextualização temática, para o que foram necessárias oito aulas para identificar possibilidades diversas de expressão artística para fatos do cotidiano, os alunos foram orientados a pesquisarem sobre a artista plástica

Mari Bueno no laboratório de informática, pois, ao expor sobre a visita à sua galeria, ficaram admirados e revelaram não ter o mínimo conhecimento sobre ela, nem de suas obras, premiações e representatividade cultural. Pesquisaram, inicialmente, no site geral da artista (http://maribueno.com.br/?page_id=1193) sobre o conjunto de suas obras, suas premiações, mas especialmente sobre os quadros que compõem a *Série Cotidiano*, com os quais os temas dos poemas em estudo estabelecem diálogo. Depois buscaram informações no *Facebook* da artista e outros endereços que exibiam informações diferentes das já pesquisadas. Observaram, dessa forma, possibilidades de diálogos entre manifestações artísticas distintas (arte plástica e poesia) e, no retorno para a sala, houve compartilhamento de impressões sobre a pesquisa, havendo bastante expectativa pela possibilidade iminente de ir à galeria. Manifestaram grande satisfação com o que pesquisaram, por “descobrirem” que, em sua cidade, há uma artista tão famosa.

Na aula seguinte, foi elaborado o roteiro para a entrevista com Mari Bueno. E estudou-se o conceito de intertextualidade, seguido de análise coletiva de imagens e textos dos exemplos apresentados no *Datashow*, os quais também foram distribuídos, em versão impressa, para os alunos colarem no caderno. Desta forma, o objetivo proposto para esta aula, que era o de compreender o conceito de intertextualidade, com vistas ao reconhecimento deste recurso em textos diversos, também foi alcançado.

Roteiro da entrevista:

1. Qual sua idade? Qual a sua formação?
2. Quanto tempo mora em Sinop? Onde nasceu?
3. Com que idade você começou a se interessar pela pintura? Se dedica somente à pintura ou tem outra profissão?
4. Tem mais alguém na família que se dedica à arte?
5. Fazer um breve relato de como se constituiu artista.
6. Tem algum artista que lhe inspira ou serviu de inspiração?
7. Quais foram os temas dos seus primeiros trabalhos?
8. De que maneira a arte e o cotidiano se relacionam?
9. Você pode explicar o que é enculturação?
10. Fale sobre a *Série Cotidiano*.

11. *Qual a sensação de participar de exposições e ser premiada em muitos países?*

12. *Você sonhava em ser tudo que você é?*

No dia 17 de agosto, os alunos, devidamente autorizados pelos pais e acompanhados da coordenadora pedagógica e professora pesquisadora foram, de micro-ônibus, para a Galeria. Lá, os alunos foram recebidos pela artista plástica e sua secretária, que os conduziram pelos diferentes ambientes da galeria, deixando-os à vontade para apreciarem as telas expostas. Os alunos demonstraram-se encantados (essa é a palavra) com o ambiente e com a simpática acolhida que lhes foi dispensada; a ideia entre eles era a de que alguém tão famoso não lhes seria gentil e atencioso. Meia hora depois da apreciação das telas, os alunos acomodaram-se na sala principal da galeria de arte para a realização da entrevista. Questionaram sobre sua vida, motivação para a arte, sobre arte, com ênfase à coletânea de obras da *Série Cotidiano*. Tiveram interesse em saber sobre enculturação, já que haviam lido sobre isso na pesquisa escolar. Os alunos foram autorizados a tirar fotos, seja das obras, com a artista, gravar a entrevista; enfim, puderam registrar o passeio. Aproveitou-se a ocasião para ir com os alunos à Catedral (a grande maioria nunca tinha entrado nesta igreja) para ampliarem a percepção sobre as possibilidades de expressão artística (mesmo que a arte sacra não seja o objeto deste estudo). Nesse espaço, o maravilhamento também se fez perceber, já que, como expresse anteriormente, muitos ainda não haviam estado ali, e o tamanho das telas, em especial, a do altar com Cristo caminhando entre a mata – O Bom Pastor – chamou-lhes muito a atenção. De lá, retornou-se para a escola e os alunos lancharam. Já em sala, houve conversação acerca das impressões sobre a visita; momento para compartilhamento de fotos, áudios e vídeos produzidos durante o passeio. Elaborou-se um relatório coletivo da visita.

Relatório da entrevista:

Mari Bueno tem 44 anos de idade, nasceu em Marechal Cândido Rondon/PR, ela é formada em Letras na Unemat em Sinop/MT. Tem especialização em Artes e Mariologia (estudo sobre a mãe de Jesus).

Atualmente cursa Teologia. É casada e tem dois filhos. Ela mora em Sinop há 37 anos. Tinha 7 anos quando se mudou para cá. Seu pai tinha uma serraria, brincava com a natureza e relata sobre as dificuldades de acesso à região, que tinha asfalto só até Cuiabá. A artista contou que, desde criança, gostava muito de desenhar e, na escola, ilustrava capas de caderno para colegas. Um tio avô dela também desenhava muito bem. Começou a fazer curso de pintura aos 12 anos e lembra de seu encantamento com uma tela que sua vizinha tinha. Ficava imaginando como era possível alguém pintar tão bem. Disse que aprecia Portinari e também pintores italianos que a inspiraram. Os temas retratados são indígenas, a floresta amazônica, o cotidiano, arte sacra, abstrata. Ela emprega, nas suas telas, elementos regionais, um processo chamado enculturação. Exemplos disso é o Cristo no altar da Catedral em meio à floresta. Mari Bueno já participou de exposições internacionais, recebeu inúmeras premiações e diz estar constantemente estudando para valorizar a sua arte. Ela comentou ainda que a arte convida a olhar para as coisas do dia com sensibilidade, com olhar diferente. Que é preciso ver a beleza nas coisas simples. E que não existe só um jeito de ver, de interpretar, que depende do modo como se olha, pois coisas diferentes chamam atenção para também diferentes pessoas. Sobre a Série Cotidiano, ela mencionou ser um conjunto de obras com as quais pretendeu captar flagrantes do dia a dia, que guardassem cenas de uma paisagem que se altera seguidamente, que chamassem a atenção para olhar mais devagar tudo que se passa à volta das pessoas e que não é percebida pela pressa com que todos são envolvidos. É como um convite a contemplar a beleza desses episódios que não são captados com a singularidade que oferecem.

Relativo à contextualização presentificadora, esta já havia sido desenvolvida parcialmente quando os alunos fotografaram situações de sua rotina associadas às impressões que um texto ou outro lhe possibilitara, logo no início da aplicação da sequência. Agora, o poema 1 da sequência, *Cidadezinha Qualquer*, de Drummond, foi objeto de discussão e pensado como referencial à adaptação para a cidade de Sinop ou outro elemento atual, participante da rotina deles, de modo que atualizassem seu conteúdo, percebessem as possibilidades de acomodação de estrutura e ou tema para

situações de seu universo, de seu tempo. Foi uma atividade produtiva, como se observa no exemplo abaixo:

Sala de aula qualquer

Alunos entre salas

Mulheres dando aula

Estudar, estudar, estudar...

Um aluno escreve devagar

Outro aluno escreve devagar

A professora escreve não tão devagar

Devagar a hora passa

Eita vida lenta, meu Deus!

(José Roberto Ribeiro)

Outros exemplos mais serão apresentados posteriormente quando da análise das releituras. A contextualização teve como objetivo possibilitar o aprofundamento, a maior compreensão dos textos, efetivando, assim, a segunda interpretação. Observou-se que, com as etapas da contextualização, os alunos se aproximaram dos textos e identificaram, de fato, as particularidades e possibilidades da escrita poética, manifestando interesse em começarem logo a produzir as suas releituras, pois foram se alargando os entendimentos acerca das hipóteses todas de que dispunham para a escrita. Quando eram convidados a pensar em situações de seu cotidiano, sobre ações que fazem rotineiramente, não conseguiam identificar com clareza, antes desse primeiro exercício de releitura, que isto poderia ser matéria de reflexão poética. Havia o entendimento de que um poema era próprio de considerações abstratas e difíceis; e agora estavam sendo desafiados a pensarem suas ações e transformá-las em versos à moda dos poetas em estudo. Isso foi desafiador, mas também muito revelador.

Portanto, no exemplo aqui em análise, percebe-se que o aluno trouxe para a sua realidade a proposta de atualização. Em vez de *Cidadezinha qualquer*, agora é *Sala de aula qualquer* e o que ele acomoda na estrutura do

poema de Drummond é, na verdade, o que vai caracterizar esse espaço onde ele se encontra no momento em que escreve. Por isso, talvez, com tanta propriedade ele lê esse espaço, que é seu: o predomínio de mulheres na Educação, a oposição entre o ritmo da professora e dos alunos, a hora que não passa quando se está na sala e pensando no mundo fora dela... e o “eita vida lenta, meu Deus”, sendo o próprio desabafo pelo estado em que se encontra, talvez o mesmo tédio de Drummond com a pacata cidade qualquer.

Para a segunda interpretação, foram utilizadas 16 aulas. - Após a produção da primeira releitura, como exposto anteriormente, houve outra vez orientações gerais sobre os modos de fazer, a fim de garantir que todos estivessem bem informados sobre as possibilidades de escrita, encontrando em sua rotina, nos elementos de seu cotidiano, motivos para produzir a sua versão para os poemas lidos. Eles escolheram, dentre os seis poemas, quatro para fazerem a sua versão. Houve alunos que produziram a partir dos seis poemas. Das imagens distribuídas da *Série Cotidiano* e da visita à Galeria, que eles receberam impressas e colaram no seu livro de poemas, produziram também uma releitura em forma de poema. Como no caso anterior, alguns alunos fizeram mais que uma produção, por isso os compartilhamentos de leitura foram numerosos.

Nas aulas dedicadas à escrita, o ritmo de produtividade foi bem diverso. Alguns alunos tiveram facilidade, escreviam com dedicação durante as aulas, adiantavam as produções em casa. Outros demoraram mais a se envolverem com a atividade mesmo, alegando não saberem escrever poemas; na verdade, pareceu ser resistência à ideia de escrever poemas. Nesse sentido, foi trabalhosa esta etapa porque demandou comandos e orientações muito diversas: ao mesmo tempo em que se precisava acompanhar o ritmo de quem produzia bem, estimulando-os a aprimorarem ainda mais as suas produções, havia também o problema da disciplina dos outros que ainda não tinham demonstrado comprometimento com as releituras e a necessidade de orientar aqueles alunos que desejavam fazer, mas não haviam ainda entendido, tinham real dificuldade com o entendimento da atividade, da tarefa de produção. Como se produziram muitos textos, houve necessidade de se fazer acompanhamento extraclasse para garantir a revisão das produções, ajustes e finalização das releituras. Os alunos foram orientados e auxiliados em duplas, na biblioteca ou

laboratório, durante as aulas das demais disciplinas, quando os professores consideravam possível dispensá-los.

Depois, os alunos registraram a versão final no seu livro junto aos poemas originais, o qual dispunha de espaço reservado para tal. Em seguida, os poemas por ele produzidos foram digitados, tarefa aparentemente simples, mas nem tanto. Os computadores do laboratório têm sistema operacional Linux e, por isso, os poemas digitados nestes equipamentos, depois de salvos em pen drive, não abriram no notebook, que tem sistema operacional *Word*. Sendo assim, foi preciso repetir a tarefa e, para isso, a professora disponibilizou dois notebooks, três alunos trouxeram os seus e, com os cinco aparelhos então, houve revezamento e trabalho em parceria para a nova digitação. Nesta etapa, foi preciso ensinar noções básicas a alguns que apresentavam inclusive dificuldade para manuseio das ferramentas do *Word*, como salvar o documento em uma pasta, por exemplo. Já outros agiram como monitores com os demais os colegas, prestaram orientações e realizaram com eles a atividade exigida. Todos os textos produzidos pelos alunos foram enumerados, segundo a ordem dos poemas conforme apresentada no livro que lhes foi entregue e salvos em uma pasta identificada com o nome de cada aluno. As atividades não foram concluídas de forma homogênea devido à falta de alguns às aulas, bem como comprometimento e/ou dificuldade para com a realização delas.

Apresentam-se, abaixo, sete grupos de releituras produzidas pelos alunos. Cada grupo corresponde ao trabalho de releitura de um poema e o último deles refere-se às releituras para as telas de Mari Bueno. Para cada grupo, foram selecionados seis poemas.

Releituras 1: Cidadezinha Qualquer – Carlos Drummond de Andrade

Cidadezinha Qualquer

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

A primeira observação que se considera importante registrar diz respeito ao reaproveitamento do pronome adjetivo indefinido no título. Todas as releituras o apresentam, marcando, em efetivo, o diálogo com o poema já no princípio da escrita. Se, para Drummond, os aspectos pitorescos de uma cidade pequena foram o objeto para produção poética, os alunos substituíram esse referente por outros, como apontado nos títulos de suas produções: metrópole, padaria, cozinha, trailer, praça e games, que indicam situações de seu cotidiano com as quais se sentiram convidados a dialogar.

1. Metrópole qualquer	2. Padaria qualquer	3. Uma cozinha qualquer
Casas entre edifícios Pessoas imprimindo ofícios Buzinas a tocar Um carro vai devagar Um táxi vai devagar Uma moto vai não tão devagar Devagar... o congestionamento anda. Eta vida dura, meu Deus! (Paulo Henrique Bohnen Fruhling)	Padeiros entre assadeiras Mulheres virando confeitadeiras Bolos, calor, sonhos Um pão cresce devagar Tem bolo a confeitar Sonhos a embalar Ansioso, o freguês a esperar Eita vida gostosa, meu Deus! (Gabriela Rissardi)	Mantimentos entre preocupações Mulheres entre panelas Cozinhar, amor, temperos A comida cozinha devagar A geladeira esvazia nem tão devagar E a fome a acelerar Devagar.... a fome passa. Eta vida farta, meu Deus S2 (Gustavo Paschoalin Dias)

A releitura 1 dialoga com o poema numa espécie de extremo, pois metrópole indica o tom oposto ao de uma cidade pacata. No entanto, o advérbio devagar se revela extremamente adequado também na metrópole quando ele é associado ao ritmo lento do tráfego quando ocorrem congestionamentos. O aluno evidenciou perspicácia para se valer dos versos agora direcionados aos veículos, símbolos marcantes da vida agitada das grandes cidades. Na verdade, sugere ter entendimento de que os homens têm pressa nas grandes cidades, e a sua vida é dura justamente porque o trânsito é lento e impede que vivam no ritmo que a cidade exige, por isso as buzinas tocam e o motoqueiro transgride o sistema, encontrando rotas alternativas para não ficar preso no congestionamento. Também o signo *edifícios* caracteriza o espaço urbano, como se estes comprimissem cada vez mais as casas entre eles; sugerindo que o progresso devora tudo que é pacato; as casas devem

ceder lugar para novos edifícios para que cada vez mais pessoas trabalhem: “imprimem ofícios”. Nas metrópoles, a impessoalidade é reforçada por atos oficiais, documentos ao contrário das relações mais íntimas de cidades pequenas. Também o cuidado do aluno em empregar a rima que, para a grande maioria, é um expediente importante na poesia; bem como a personificação presente nos versos da segunda estrofe. O fato de Sinop apresentar número expressivo de veículos contribui para que, em alguns horários – os de maior pico – já se formem alguns congestionamentos, marcando, para o aluno escritor, a condição de sua cidade não mais como uma cidadezinha, mas que apresenta características de cidade grande. Segundo dados do Denatran (2013), Sinop contava com 79,785 automóveis, o que representava, à época, uma média de 1,55 por habitante sendo que a média nacional é 2,57 habitantes por veículo. Logo, o raciocínio do aluno procede.

As releituras 2 e 3 relacionam-se entre si pela temática, uma vez que ambos expressam situações relativas ao universo do comer. Como se tem destacado, os alunos foram convidados a pensarem situações de seu cotidiano para serem postas em diálogo com os poemas.

No poema 2, a aluna caracteriza o ambiente de trabalho de uma padaria; apresentando sua dinâmica, seus personagens e produtos. Interessante observar o emprego propositadamente ambíguo da palavra sonhos: “Mulheres virando confeitadeiras/ Bolos, calor, sonhos”, que tanto pode ser o doce que se vende neste espaço; bem como o fato de virar confeitadeira e trabalhar em uma padaria pode ser o sonho de alguém, que vê prazer no exercício dessa função. Nos versos: Um pão cresce devagar/ Tem bolo a confeitar /Sonhos a embalar/Ansioso, o freguês a esperar, a aluna não reproduziu o advérbio devagar em todos, como no poema base, mas observou a rima cuidadosamente para que o ritmo não fosse comprometido. E o ritmo também se evidencia na progressão das atividades que são apresentadas. E, novamente, o substantivo sonhos remete à possibilidade de dupla interpretação. Pode tanto ser o doce sendo embalado para facilitar a busca do freguês no ato da compra, bem como pode sugerir que o freguês esteja pedindo para embalar o bolo, que será motivo de festa e ele está ansioso por fazer feliz a pessoa a quem vai oferecê-lo. Por isso, “Eita vida gostosa, meu

Deus!” soa tão agradável ao final; tudo que se dispõe nesse espaço é gostoso para ser degustado, bem como é gostosa a vida quando se realizam sonhos.

Na releitura 3, o aluno revelou sensibilidade para o que compõe o universo de preocupações e zelo de uma dona de casa; como se ele entendesse que enquanto ela pensa no preparo da refeição, também tem outras lidas para resolver. Mesmo não repetindo o “devagar” em todos os versos da segunda estrofe, guardou o cuidado com a rima e a estrutura do texto com que dialoga. O emprego de “amor” no quarto verso foi questionado, e o aluno considerou que, para a comida ficar saborosa, é preciso fazer com amor; ou seja, que não basta ter o mantimento e os temperos. Assim, parece ratificar a expressão popular de que cozinhar é um gesto de amor, que ele associa ao universo feminino. E a vida farta exaltada ao final do poema indica a satisfação percebida, seja com a comida que não falta, mas também com o cuidado e dedicação de quem prepara o alimento. Essa percepção parece estar reforçada pelo *emoticon* S2, que ele não quis eliminar do texto.

4. Um trailer qualquer	5. Praça qualquer	6. Games a qualquer hora
Mesas entre cadeiras Lanches entre cardápios Pessoas entre garçons Anotar, servir, conversar Um homem come devagar Uma mulher come devagar Uma criança come devagar Devagar.... as horas passam (pois estou trabalhando) Eta que horas lentas, meu Deus! (Luiz Guilherme Morais)	Skatista entre manobras Atletas entre plateia Capacete, mina, inspiração Brother faz a manobra O vovozinho do skate, o mais radical Um jovem <i>kick flip</i> de base Empolgada, ... a torcida aplaude Eta vida radical, meu Deus!! (Victor Teixeira)	Games entre lojas Adolescentes entre computadores Games entre acessórios. Controles instruções jogar Um moleque joga sem parar Outro viciado joga sem parar Com velocidade as mãos mexem no controle Eta vida doida, meu Deus ! (Eduardo Maurício)

As releituras 4 e 5 dão conta de apropriações relativas ao espaço social público; uma vez que trailer e praça são ambientes pelos quais transita um grande número de pessoas e neles se manifestam configurações diversas do cotidiano.

Em *Um trailer qualquer*, o sujeito autor particulariza uma concepção desse espaço a partir de seu envolvimento com o ambiente descrito. Logo,

mesmo que essas sejam as características de um trailer qualquer, ainda assim ele manifesta um julgamento da sua posição nesse contexto, evidenciando a relação da sua experiência com a forma de se posicionar sobre o tema. Na primeira estrofe, ele apresenta o espaço de maneira geral, como todos os trailers normalmente; porém, no último verso “Anotar, servir, conversar”, registra o que compete a ele neste trailer, delimitando a sua condição de trabalhador e não de usuário dos serviços ali oferecidos. Este dado, possivelmente, contribuiu para a não alteração no emprego do advérbio devagar, cuja conotação está reforçada pelo verso entre parêntesis “ (pois estou trabalhando).” O entendimento, por parte do aluno que se revela na releitura, da postura do homem, da mulher e da criança que ali estão comendo devagar também propõe reflexão sobre o sentido do tempo. Embora se saiba que o tempo daqueles que comem devagar e o tempo de quem ali está trabalhando é o mesmo, a impressão é de que ele passa mais devagar para quem trabalha, que vê, nos gestos naturais daqueles que estão em situação oposta, uma espécie de comportamento premeditado para estender a demora da ação. Por isso, o lamento no verso final mostra-se bem apropriado, pois o emprego do que (pronome relativo) reitera que são as horas em que se trabalha que passam muito devagar. Com isso, pode-se considerar que, além do trailer e suas demandas, o objeto desta releitura é mais apropriadamente o tempo psicológico.

Já na releitura 5, celebra-se o movimento em clara oposição ao texto de Drummond, que celebra a monotonia, a ausência de movimento como matéria de sua poesia. Não se empregou, nenhuma vez, o advérbio devagar, com o que já se identificam elementos suficientes para afirmar a subversão proposta na releitura. Se há poesia no pacato, há também poesia no radical. Desse entendimento, o aluno organiza sua releitura em diálogo com a estrutura, mas radicalizando na temática. Aqui, também se evidencia a experiência subjetiva do aluno na formulação de um novo texto a partir do que lhe foi apresentado; o aluno é skatista, fala com propriedade desse esporte e usou o seu conhecimento de mundo para refletir sobre ele, para singularizar essa experiência deitando suas palavras em formato que lhe foi apresentado e seguido para o registro. A escrita da releitura foi uma “manobra” para o aluno perceber que a rotina e a vivência de situações das mais distintas representam temas do fazer artístico. A releitura como um todo se distancia da monotonia reinante no poema de Drummond; e a energia e disposição

verbalizadas na releitura são celebradas com um fechamento bem apropriado, comemorando a vida radical.

No último poema do bloco, *Games a qualquer hora*, também o olhar do aluno se deu na direção da própria experiência, em busca do conteúdo de seu poema. O universo dos jogos eletrônicos, cada vez mais, se estabelece entre crianças e adolescentes que, com muita empolgação e destreza, dominam as regras e esquemas para dele tomarem parte. Também neste texto não ocorreu o emprego do advérbio devagar; pelo contrário, em seu lugar usou-se: “sem parar” e “com velocidade”, sinalizando que o aluno teve critérios para a escolha das palavras de modo a conseguir traduzir a impressão que ele tem da realidade que apresenta. Isso significa dizer que, à medida que iam pensando nas suas releituras, escrevendo-as, perceberam que a escrita de um poema não se dá com palavras ao acaso; para criar os efeitos de sentido que se deseja, a elaboração da mensagem exige trabalho. No verso “Outro viciado joga sem parar”, também o aluno dá a entender que o conteúdo de seu texto sugere uma interpretação crítica da realidade; que sua mensagem está em diálogo com um problema presente no cotidiano de muitas famílias. Mas, ao afirmar que essa vida, de games e computadores, é doida, propõe uma identificação consigo mesmo, com outros adolescentes que usufruem desses expedientes tecnológicos em sua rotina, revelando, portanto, um retrato dessa geração quanto às formas de lidar com as opções de lazer tecnológicas, que operam profundas transformações nas relações desses sujeitos com os outros.

Portanto, nesse conjunto de releituras, observou-se que os alunos entenderam o exercício proposto, que era o de dialogar, partindo de elementos de seu cotidiano com o poema *Cidadezinha qualquer* de Drummond. Empregaram linguagem figurada, expressaram visão crítica de mundo e celebrações empregando, para isso, situações das mais diversas ora aproximando-se dos termos empregados pelo autor, ora afastando-se. O diálogo se deu com a estrutura, com o tema e também pela contestação da ideia base. Houve exercício de criatividade.

Releituras 2: O Apanhador de Desperdícios – Manuel de Barros

O Apanhador de Desperdícios

Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.

Para a releitura do texto 2, observou-se, inicialmente, o estranhamento que a palavra “aparelhado” provocou entre os alunos, bem como lhes chamou atenção também o emprego de “desimportantes”, visto se tratarem de expressões não usuais em sua comunicação diária. Decorrente dessa observação, realizaram-se provocações no sentido de aguçar-lhes a sensibilidade para dizerem desse estranhamento provocado pela leitura do poema, em especial das palavras mencionadas. Também acerca do título que manifesta uma ação contrária à natureza objetiva dos fatos, foram solicitados a falar na intenção de que percebessem a singularidade da expressão artística, que ao poeta é autorizado se apropriar de palavras e elementos do cotidiano e manejá-los de maneira poética. Consideraram então as associações entre os extremos como um recurso poético que faz pensar na não necessidade de todos gostarem da mesma coisa. Citaram também o critério subjetivo envolvido na apreciação do que é importante e do que é desimportante.

1. Dou respeito às coisas desimportantes E aos seres desimportantes Prezo pequenas formiguinhas Mais que grandes caminhões Prezo a velocidade de uma lesma Mais do que a da luz Tenho dentro de mim essa vagareza Eu fui criada assim Para gostar do cantar dos passarinhos Tenho orgulho e sou feliz por isso Meu quintal, meu mundo, meu	2. Dou respeito aos seres humanos E às coisas bonitas da vida Prezo a natureza mais do que qualquer coisa. Prezo a amizade Dos cachorros e dos gatos. Tenho em mim essa marca de nascença Eu fui criada Para aprender a voar. Tenho tendência de ser alegre por isso Minha imaginação é maior que o mundo.	3. Prezo coisas importantes Mas também prezo coisas desimportantes Prezo um pequeno inseto Mas também um enorme avião Prezo a velocidade da tartaruga Mas também a do gavião Me ensinaram essa maneira de pensar Fui criado para gostar dos extremos Sou muito feliz E meu quintal é miúdo Mas quando eu começo a escrever Todo o mundo parece pequeno
--	---	---

sossego. (Amanda Letícia Turatti da Silva)	(Ândria Mendes da Silva)	Vasto que me sinto. (Luiz Guilherme Moraes)
---	--------------------------	--

Na releitura 1, a aluna dialoga com o poeta concordando com a sua postura de dar mais ênfase ao que sugere, objetivamente, maior insignificância. Nos versos “Prezo a velocidade de uma lesma/ Mais do que a da luz”, ela revela a apropriação do recurso comparativo de extremos empregado pelo poeta, elaborando com “palavras articuladas” duas imagens bem apropriadas para velocidade e lentidão. E em “Eu fui criada assim” ela manifesta a sua interpretação de “aparelhado”. Já no último verso, ela subverte o modelo de Barros, pois não contrapõe seu universo particular ao geral (mundo), pois ao escrever “Meu quintal, meu mundo, meu sossego” ela associa os dois universos e não os afasta, nem supõe ser seu quintal mais expressivo que o mundo. Da celebração da simplicidade e da natureza, parece resultar a sua condição de estar bem no mundo.

A releitura 2 expressa diálogo em sintonia com os recursos empregados pelo poeta. Os versos “Eu fui criada” e “Fui criada para gostar dos extremos” são a forma encontrada pela aluna para dizer de seu “aparelhamento”, de como é constituída sua natureza, que gosta de coisas contraditórias. Contrapõe, com beleza plástica, a limitação de sua realidade objetiva (quintal) às possibilidades infinitas de sua imaginação, quando ativada pela escrita, remetendo, neste caso, ao potencial criador da palavra, que é a essência da poesia. No verso em que expressa ter sido criada para voar, sugere que seu anseio de liberdade é alimentado pelas possibilidades que a escrita poética lhe oportuniza.

Na releitura 3, o aluno dialoga com o poeta negando a fórmula adotada por este. Note-se que ele reinventa a sua forma de expressão, nos versos negritos, dizendo gostar das duas situações retratadas, não necessariamente adotando o tratamento uniforme de mais valor que o poeta concedeu às coisas de desperdício, de menos valor para todos. Vale-se da anáfora nos três versos em que reitera gostar do outro extremo, em vez de desconsiderá-lo, marcando essa posição com a repetição da locução conjuntiva “mas também”. Em vez de voltar o olhar apenas para o

insignificante, caracteriza seu modo de ser pela convivência harmoniosa dos extremos, da qual resulta feliz. Na última estrofe, porém, ele se rende a um dos extremos, mas, diferente do poeta, a insignificância de seu mundo (quintal) não é exaltada, pois, se comparado à sensação de grandeza que o reveste quando se põe a escrever, excede o entendimento lógico de possível comparação. Também chama atenção para a potência do verbo tornado poesia.

4. Não dou respeito às coisas lentas Gosto do que corre Prezo jatos mais que bicicletas Prezo as coisas rápidas Prefiro mísseis mais que tartarugas Tenho em mim a velocidade Fui aparelhado Para gostar de rapidez Sou feliz por isso No mundo tem mais velocidade Não mais que nos meus passos e pensamentos (José Roberto Benedito Ribeiro)	5. Dou respeito às coisas desimportantes Mas bem mais aos seres desimportantes O grilo, o macaco e o sapo... Curto a chuva mais que o sol Prezo o vento Das árvores mais que os ventiladores Tenho em mim essa paixão de nascença Eu fui aparelhada pra gostar de natureza Tenho abundância de ser feliz por isso Meu coração é mais verde que a esperança De ver preservada toda a natureza. (Emilly Antunes da Rosa Joergensen)	6. Dou respeito às pessoas desimportantes E aos seres desimportantes Prezo pobres mais que ricos Prezo a humildade Mais que o dinheiro Tenho em mim esse pensamento de nascença Eu fui aparelhada Para gostar de rejeitados Tenho abundância de generosidade em mim Meu amor é maior que o de muita gente Sou feliz por isso (Danielli Ursulino Sudre)
--	---	--

Na releitura 4, o aluno se opõe ao manifesto no poema base, expresso categoricamente na primeira palavra do poema: NÃO. Os primeiros versos implicam a apropriação em contrário das figuras e ideias poetizadas no texto. Ao passo que, no original, as coisas lentas ganham prestígio; na releitura, as coisas lentas são desprezadas e enfatiza-se o seu contrário. O aluno indica se identificar com a velocidade e o ritmo acelerado do mundo contemporâneo, mas ainda assim dá a entender que ele está à frente dos demais e que, tal qual seus passos, seus pensamentos são velozes. Parece expressar a ideia de competitividade tão presente na atualidade, é como se atendesse ao apelo geral de que é preciso se destacar, estar à frente dos demais.

A releitura 5 manifesta concordância com a valorização das coisas desimportantes como no poema referência para a releitura, mas sobrepõe seres desimportantes às coisas desimportantes, inclusive exemplificando esses seres, citando animais que não têm muito apreço em geral. A aluna emprega “curto” em vez de “prezo”, com o que revela o entendimento de sentido do verbo empregado pelo poeta, mas principalmente assume a autoria de seu texto, escrevendo um correspondente semântico que julga mais adequado à sua identidade. Revela ser aparelhada para o apreço do que é natural e, ao caracterizar seu coração como mais verde que a esperança, trabalha com a ambiguidade do signo verde associada à preocupação com a preservação da natureza. Assim, observa-se que a aluna compreendeu características da linguagem literária, pois manejou algumas delas em sua releitura, além de usar seu poema para manifestar posição engajada com as questões ambientais.

E a releitura 6, com anuência ao dito do poeta, celebra também pessoas e seres desimportantes. A autora revela mais apreço pelos pobres que pelos ricos, diz dar mais valor à humildade que ao dinheiro, considerando que sempre pensou assim. Ou seja, que desde o momento que se constituiu como pessoa, que nasceu para a percepção das coisas, identificou-se com os menos favorecidos, os rejeitados que não recebem o olhar de ninguém. Percebe-se como pessoa cheia de disposição e amor para auxiliar quem precisa. A extensão do seu amor é maior que o de muita gente, mas não manifesta preocupação em medir, em deixar registrado esse tamanho. É como se isso não fosse preciso, pois há a revelação dessa verdade para ela e isso apenas basta. Sabe-se cheia de amor. O exercício de releitura aqui indica ter contribuído para a aluna ter melhor percepção de si mesma, de fazê-la apropriar-se daquilo que, de fato, a constitui. É como se o exercício de reescritura do poema chamasse a atenção para uma leitura de mundo mais humanizada; para isso, a linguagem poética, que promove o diálogo, pode favorecer uma nova visão do homem para o próprio homem e para a sua vida e sua necessidade; pode ajudá-lo a mobilizar sentidos em favor de quem precisa de acolhida. É a poesia intimista que revela uma condição subjetiva, de um sujeito socialmente engajado, em prol da acolhida que o outro clama.

Assim, no conjunto destas releituras, ficou comprovado que os alunos se envolveram com o estilo de Manuel de Barros. Se é pela sensibilidade com que

ele valoriza o que é simples e chama a atenção para a subjetividade dos critérios, o fato é que houve uma “tomada para si”, uma vontade de se “aparelhar” ao modo de Manoel que ficou registrada nas releituras.

Releituras 3: Preguiça - Luciene Carvalho

Preguiça

O sono bate nos olhos,
o corpo bate na rede,
varanda de Cuiabá.
Em cada poro o calor,
a boca guarda o sabor
do almoço curimbatá.
Balança a rede e o dia,
enquanto a tarde anuncia
a noite que vai chegar...
Melhor programa
que o meu olho já viu
é antes de ir jantar,
ver o sol morrer no rio.

Durante a etapa da segunda interpretação, que culminou na produção das releituras, foi possível observar que os alunos manifestaram desejo de se apropriar dos poemas; reconfigurando-os ao seu modo, ora para completar com situações ou fatos de sua história pessoal e das influências de seu meio, ora ignorando episódios que não lhes pareciam sugestivos, com os quais não pretenderam dialogar. O poema *Preguiça* de Luciene Carvalho demonstrou ter encontrado aconchego entre os leitores, como se fosse esparramando a sensação de preguiça entre eles, além de estimular o registro de sensações agradáveis que experimentam em sua rotina e sobre as quais vale a pena acomodar palavras em estado de poesia.

1. Preguiça	2. Meu sonho	3. Fim de tarde
O cansaço cai no corpo Na vida chega um momento Que não aguentamos mais Nossos pais brigam Mas para ajudar nos abrigam Chega preguiça, sai de nós! Vai embora para bem longe Não nos atrapalhe mais Chega desse cansaço	O meu sonho bate na mente A felicidade aumenta: A mata de Sinop Em cada louro, penas verdes Em cada arara, uma pena de cada cor Das frutas, do pé de caju até a manga e a goiaba fica o sabor...	A preguiça bate no corpo O corpo bate na cama Pro meu quarto deitar Acordo escutando música A tarde anuncia Que a noite está para chegar Hora de se arrumar para o pizeiro vazar ... Eita que o pizeiro foi bom!

E chega desse sono Porque se a preguiça pegar todo mundo Nosso planeta está perdido Vão ter até preguiça de respirar Que dirá então estudar e trabalhar? (Matheus Leandro E. João)	O dia passa e o vento balança as árvores O tempo acelera A noite chegou Melhor sensação Que meu ouvido já apreciou Que meu olho escutou Que mudo fiquei (Gustavo Paschoalin Dias)	Foi o melhor programa Que meus olhos já viram Meus ouvidos ouviram Minhas memórias guardaram. (Victor Teixeira Ramos Alves)
---	---	---

A releitura 1 sugere uma advertência ao estado de preguiça que é deleitado pelo eu lírico no poema original. O aluno-poeta exorta a preguiça a ir embora para bem longe, que esta não o atrapalhe mais; como se observa com o uso dos verbos no imperativo: “Chega preguiça, sai de nós! /Vai embora para bem longe/Não nos atrapalhe mais”. Ao escrever na primeira pessoa do plural, revela sua identidade associada ao coletivo: “Chega preguiça, sai de nós!” e manifesta ter claro que a preguiça é um estado que se estende aos adolescentes em geral e que isto é motivo de “brigas” dos pais para com eles, uma vez que a preguiça está situada, para o aluno, como impedimento ao estudo e trabalho. Segundo o seu entendimento, a preguiça não deveria fazer parte da rotina das pessoas já que ela acarreta consequências negativas e finaliza sua releitura com uma pergunta retórica, que chama o leitor à reflexão. Também se vale de rimas em alguns versos, emprega o paralelismo em outros. A rima entre brigam e abrigam revela também a percepção do aluno no que diz respeito ao papel dos pais, devendo o adolescente estar atento ao que estes determinam.

Na releitura 2, a preguiça é substituída por sonho e o aluno se põe a registrar as sensações agradáveis de um dia de convívio harmonioso com a natureza. A mata de Sinop estaria representada, no poema, pelo parque florestal, pois o aluno emprega imagens claramente representativas deste espaço (louro - para papagaios - e araras). Além disso, dialoga com o poema de Luciene Carvalho substituindo o sabor do almoço curimbatá pela referência ao sabor das frutas caju, manga e goiaba, que são expressivas na região. O aluno faz menção à passagem do tempo, como se - quando envolvido com tarefas prazerosas – ele passasse mais depressa como indicado em “o tempo acelera/a noite chegou”. À noite não são possíveis as mesmas atividades do dia, mas é o tempo oportuno para consultar a memória, para dar vez aos

sonhos e rememorar as boas sensações vividas enquanto dia claro. A apropriação dessa vivência é relatada como altamente positiva, como se observa em “Melhor sensação /Que meu ouvido já apreciou/Que meu olho escutou /Que mudo fiquei”, mas impedindo, ao mesmo tempo, que o eu poético consiga escrever objetivamente sobre isso, dada a profusão de sensações que ele experimenta diante da beleza de um dia em contato com a natureza. Se a melhor sensação, para a autora do poema base da atividade de releitura, é ver o sol morrer no rio, marcando o chão de onde fala, o aluno desejou fixar e exaltar como seu chão, as belezas e sabores de sua cidade.

Na releitura 3, o fim de tarde é marcado como o tempo da preguiça, momento também que, livre de compromissos, é possível ouvir suas músicas; pois infere-se que o sujeito que se expressa na releitura, foi dormir ouvindo músicas e, ao acordar, elas ainda estavam tocando e, de certa forma, lembram-no de seu compromisso: o “pizeiro”, que deve ser lido como sinônimo de festa, agito e badalação entre amigos; o que evidencia a vontade do aluno dizer de si, de suas ocupações e das atividades que imprimem nele as boas sensações de que o poema fala. No verso “eita que o pizeiro foi bom!”, ele lança mão de dialogar também com uma expressão de que, os alunos em geral, apropriaram-se no decorrer das atividades de reescrita, presente no poema 1. A interjeição “eita” foi empregada para expressar seu estado de contentamento diante da experiência vivida no pizeiro com os amigos. Assim, o objeto de seu poema é registrado, segundo a sua experiência subjetiva com o fato. Nos versos finais, ele justifica a expressão de contentamento (eita), reiterando que aquela festa em companhia dos amigos, oportunizou-lhe experimentar a melhor das sensações até então. O cotidiano de adolescentes está claramente aqui representado, tanto com a expressão “pizeiro”, que sinaliza para uma linguagem mais descontraída, como a priorização do convívio com os amigos.

4. Calor	5. Amor	6. Preguiça
O sol bate na varanda Anunciando que o dia chegou Na tropical cidade de Sinop. E, dia após dia, todo dia esse calor ... O suor cai do rosto, o dia já vai	O amor bate no coração, A harmonia bate no pensamento, Cidade de SINOP Em cada lugar o calor, A boca falando do labor	O cansaço bate no corpo E o corpo bate na cama Na casa de Sinop Em cada rosto o calor A boca ainda guarda esse sabor

acabar E a noite despontar Hora de parar, conversar e um tereré tomar ... Mais tarde a noite silencia. Logo mais um novo dia com mais calor vai chegar Por isso, melhor programa de domingo, Antes de almoçar, Um banho, no Teles Pires, tomar. (Geovana Espindola Mendes)	Do pensamento SINOPENSE A vontade de vencer E fazer essa cidade crescer Melhor decisão Que meu coração tomou Foi antes de ir para outro lugar Vir para cá, em SINOP, ficar e por essa cidade lutar. (Danielli Ursulino Sudre)	Do bom feijão com arroz Acaba o expediente e o dia Enquanto a tarde pronuncia A noite que vai chegar E a melhor sensação Que o meu coração já sentiu É antes de ir deitar, Dar a benção e aos meus pais abraçar. (Emilly Antunes da Rosa Joergensen)
--	---	--

A releitura 4 – *Calor* – mantém diálogo estreito com o poema original. A aluna fez, para a sua releitura, a transposição de costumes e lugares característicos de Sinop em oposição aos dados que particularizam Cuiabá no poema de Luciene Carvalho. Observou-se certo apuro na linguagem em usos como: “tropical cidade de Sinop”, “E a noite despontar”, o que, junto de outros arranjos organizados pela aluna, evidencia cuidado com a elaboração da mensagem. Também os verbos no infinitivo que foram empregados, pertencem todos à primeira conjugação, revelando ser uma preocupação manifesta quanto à sonoridade do verso. Ainda o emprego de personificações confirma o intento de elaboração especial da mensagem. A ideia de que o dia está organizado para trabalhar e o seu final merecer celebração, uma espécie de ritual para se acalmar para a chegada da noite, é evidenciada nos versos: “o dia já vai acabar /E a noite despontar /Hora de parar, conversar e um tereré tomar.” É como se houvesse uma advertência para parar ao final do dia, convocando para o clássico *carpe diem*. Parar, conversar e um tereré tomar são atividades que celebram o oposto da rotina do trabalho, que, com a proximidade da noite, deveria ser deixado para trás e viver o convite feito para o agora. E já que o calor é a realidade que se tem certa todos os dias, melhor programa é, segundo o olhar desse sujeito escrevente, aos domingos no Teles Pires se banhar. Nessa constatação, podem ser lidas duas informações significativas: domingo não é um dia como outro qualquer; merece uma celebração especial. Nos outros, toma-se o tereré; no domingo, toma-se banho no rio. A segunda informação é relativa à nomeação do rio: não é um rio qualquer, é o Teles Pires; com o que se encerra a apreciação da paisagem local.

No texto 5, a aluna optou por celebrar sua cidade, já que esta é a ideia também presente em Carvalho, ao citar aspectos peculiares ao modo de ser cuiabano em seu poema. Em vez de *Preguiça*, o título é *Amor*, que está associado a labor durante o texto. Para além da rima, esses dois termos são desenvolvidos evidenciando a relação objetiva do pensamento (a capacidade de decisão e da “benção” da escolha certa) como fator que possibilita o amor pela cidade escolhida (Sinop, no caso), celebrada como espaço de trabalho e oportunidades. Os dois primeiros versos “O amor bate no coração/A harmonia bate no pensamento” revelam a satisfação como o resultado da decisão tomada, que é reforçada, ao final, quando se expõe a vinda para Sinop como “melhor decisão”. Mas ao referir que essa decisão, aquela que -“que meu coração tomou” – tem-se claro que essa situação, de deixar a cidade de origem e escolher outra para ser sua, nela trabalhar e construir sua história, não é uma decisão puramente objetiva; há emoção envolvida; sejam sonhos, expectativas, saudade do lugar que se deixou, distância de familiares, entre outros. A aluna celebra o fechamento do poema reforçando a acertada decisão. Na voz de uma adolescente, tem-se representada a voz coletiva de inúmeros migrantes que escolheram Sinop para nela trabalhar, para dela fazerem sua cidade também.

E, por último, a releitura 6 celebra o cotidiano que, se devidamente observado, oferece motivos diários de poesia em qualquer família, em qualquer casa, em qualquer cidade, em qualquer lugar. Basta ter olhos sensíveis para enxergar. E, como é possível observar na releitura da aluna, esta se dedicou a transformar em poesia o bom e sagrado feijão com arroz. O trocadilho, referindo-se à mesmice, guarda seus encantos e belezas que devem ser olhados com a beleza que, de fato, traduzem. Nesse sentido, o cansaço decorrente de um dia de trabalho merece ser depositado na cama, como uma espécie de recompensa, tanto faz se no meio dia ou no fim do expediente. O sabor do feijão e do arroz sinaliza para bem mais informações além dele próprio: a ideia de trabalho que garante o alimento, que é comida de trabalhador e, portanto, precisa ser uma refeição que sustente, fortaleça para mais uma jornada. Relembra também um aspecto da cultura nacional, que tem no feijão e arroz a base de sua alimentação. O final do dia é vivenciado com a família, sem referência a trabalho, e a voz do poema revela a satisfação com o aconchego experimentado pela presença dos pais e a continuidade de um

ritmo que, como subentendido, guarda a tradição de pedir a benção, de filhos irem dormir antes dos pais. Essa sensação agradável é o que a aluna sugere guardar em seu poema.

No geral, essas releituras celebram o calor, as delícias e as belezas cada um de seu lugar. Se Cuiabá ou Sinop ou qualquer outro lugar, isso pouca importa, parece que as releituras querem destacar que importa ter aconchego, lugar para descansar, lugar para festar, lugar para morar, lugar para experimentar as boas sensações que a vida oportuniza.

Releituras 4: Dois maços de alface - Lucinda Persona
Dois maços de alface

Dois maços de alface
 Dois maços de alface
 Infinito
 é o tempo de que preciso
 para cada coisa que faço
 são dez horas da manhã
 lavo
 com fé religiosa
 dois maços de alface
 a dimensão da atividade
 é pequena
 mas
 enquanto desfaço
 os rosários de bactérias
 dá tempo de pensar na vida
 dá tempo de pensar na morte
 e ainda muito mais.

Ai daqueles que não pensam na vida
 Ai daqueles que não pensam na morte
 Ai daqueles que não pensam em nada.

Michel de Certeau (1990), em sua obra *A Invenção do Cotidiano*, discorre sobre os modos de apropriação deste, denominando esse processo como artes de fazer. Segundo ele, a atividade do leitor sujeita o texto a uma transformação, pois o olhar do viajante tanto improvisa quanto cria expectativas de sentidos despertadas por algumas palavras nesse encontro ou viagem, por assim dizer. Na atividade de reescrita dos textos em geral e agora com considerações específicas para *Os dois maços de alface*, os leitores procederam a reapropriações de elementos do texto alheio; observando-se a

inserção do mundo dele (do leitor) no lugar do mundo apresentado pela poeta. Para usar termos do próprio Certeau, ocorreu transporte de elementos, aqui exemplificados pelo uso da estrutura, a ênfase à necessidade de pensar destacada também ao final do poema, tal qual o poema de Lucinda Persona, como que representando um “furto” da ideia de que atos dos mais comuns são capazes de sujeitar o indivíduo à reflexão. Assim, o mundo do leitor é colocado no lugar do mundo do autor. Essas substituições constituem-se a matéria poética dos poemas abaixo apresentados e analisados.

1. Dois tempos da partida de futebol	2. Dois itens de maquiagem	3. Dois traços de um lápis
Meu par de chuteiras Esperando ser calçado. Depois que me visto, Campo e amigos na espera. Pensamentos Antes de jogar, Alongamento. Treino começa Bola rola. Dei um chute Foi para fora. Treino pesado e disputado, Quase chutei a perna de um perna de pau. 45 minutos: PIHHH (Sede, broncas, recomeço) Treino recomeça Suor escorre. Bola rola Cobrança de falta Goleiro defendeu. Droga!!! Jogadas ensaiadas E os pensamentos... Chances aparecem. Bolas na trave Xingamentos Falta na área É pênalti: Solto a voz, é GOOOOOOL! 90 minutos: PIHHH Ai daquele que não gostam de brincar, Ai daqueles que não gostam de futebol, Ai daqueles que não gostam da vida. (Luiz de Oliveira Júnior)	Dois itens de maquiagem Importantes Máscara e batom É o que eu preciso para me embelezar Passo com cuidado A máscara para realçar A beleza em mim Tiro os borrados do meu batom Meia hora é o tempo que eu preciso Para terminar de me arrumar E então ir pra escola estudar Ai daqueles que não se embelezam Ai daqueles que não se valorizam Ai daqueles que não se acham nada. (Kemili Galhano da Silva)	Dois traços de um lápis Sem fim É tudo que preciso Para cada desenho que faço São quatro horas da tarde Traço Com minha lapiseira Dois traços de um lápis Um traço rasteiro O outro é pequeno Mas Enquanto desenho Perco a noção do tempo Dá tempo para desenhar Dá tempo para recitar E muito mais Ai daqueles que não desenharam Ai daqueles que não recitam Ai daqueles que não têm criatividade (Paulo Henrique Bohnen Fruhling)

A releitura 1 substitui a atividade doméstica de lavar a alface pela atividade preferida praticada pelo aluno autor, que é treinar, jogar futebol. Mas aqui, em vez de o aluno sugerir que dá tempo de pensar em muitas coisas, ele apresenta o que faz nos dois tempos da partida de futebol. Enumera suas ações, que são muitas, marcando objetivamente o que toma conta de seu pensamento. Se durante o tempo de lavar dois maços de alface, a poeta indica tempo infinito para cada coisa que tem a fazer; na releitura, esse tempo é delimitado: são 90 minutos, mas vividos intensamente. Nos versos finais, ocorre o diálogo bem expressivo com a autora, com a tomada para si da responsabilidade de chamar a atenção daqueles que não gostam de brincar, daqueles que não gostam de futebol. E, depois da particularização de situações que o autor considera relevantes, que, na interpretação dele, favorecem sentido à vida, ele indica lamento por aqueles que não gostam da vida. Para ele, a vida deve ser alegre, deve ter brincadeira: o futebol ajuda nisso. Por isso, indiretamente, o apelo a agir em prol de ter prazer na vida. Suscitar essas reflexões é papel que compete à Literatura, em tempo infinito.

Na releitura 2, o diálogo com Persona se dá no mesmo tom, ou seja, no reaproveitamento da estrutura do poema motivador da reescrita. A adolescente, vaidosa, transporta elementos de seu cotidiano para essa forma que lhe foi apresentada, reconfigurando-a com situações de sua rotina, que evidenciam nuances de seu modo de ser, agora tornado matéria de poesia. Ao registrar “Máscara e batom/ É o que eu preciso para me embelezar/.../ Passo com cuidado/A máscara para realçar/A beleza em mim”, ela deixa claro que tem sua autoestima bem resolvida. Usa a máscara para realçar a sua beleza, não para corrigir imperfeições. É cuidadosa na tarefa de se embelezar, pois tira os borrados e alega não precisar mais que meia hora para isso. Essa tarefa (de se embelezar) faz parte da rotina diária, pois sugere realizar esse processo antes de ir para a escola estudar. Caracteriza-se, portanto, um jeito de ser, um modo de agir adolescente, já que não se considera a possibilidade de ir à escola sem esses cuidados embelezadores. Essa situação é, de fato, observada com regularidade no espaço escolar entre adolescentes, onde a imagem que querem que os outros façam deles, seja reforçada por adjetivações positivas. Por isso, o lamento por aqueles que não se embelezam, não se valorizam e, pior, que não se acham nada. A autoimagem positiva parece ser a reflexão proposta.

A releitura 3 exalta a criatividade. Na primeira parte do texto, o aluno evidencia um estado de deleite possibilitado pelo exercício da criatividade e liberdade que os traços dos dois lápis lhe possibilitam. Nesse estado de produção artística, ele indica perder a noção de tempo, o que pode caracterizar a presença do tempo psicológico, já que nesse ínterim ele não mede objetivamente a passagem do tempo. Mas, neste tempo que ele não sabe precisar objetivamente, dá tempo de ele desenhar, de recitar e muito mais. Assim, a percepção sobre a passagem do tempo se dá em sintonia com o que é corrente na rotina das pessoas em geral, que relatam a impressão de que ele passa mais devagar quando em atividades menos prazerosas e não se apercebem de sua passagem quando envolvidos com atividades que lhe são agradáveis. Nos versos finais, o aluno parece lamentar que a humanização, definida por Candido (1995, p 249) como “o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza...” não se realize como seria o ideal. Desenhar e recitar personificam aqui a apropriação, o tomar para si, dos produtos estéticos capazes de promover esse refinamento, a humanização. Logo, sua releitura é um poema engajado com a promoção dos benefícios da arte em geral, pois lamenta as consequências de sua ausência entre aqueles que deveriam valer-se dela.

4. Duas canetas	5. Quando lavo a calçada	6. Dois dedos de prosa
Duas canetas Palavras infinitas É com elas que eu escrevo É com elas que eu faço a tarefa. São 3 horas da tarde, Escrevo a tarefa Com facilidade Duas canetas Palavras infinitas É com vontade que eu faço a atividade . É pequena mas Faço com determinação. Enquanto faço a tarefa, Dá tempo para pensar na vida, Dá tempo para pensar na	Enquanto lavo a calçada Dá tempo de pensar nas burradas E nos bons atos também De momentos, por exemplo, “E se eu pudesse voltar no tempo?” Iria viver cada vão momento Consertar as coisas erradas que fiz Mas também penso “como era minha família que não conheci?” “Aqueles que partiram e já não estão mais aqui?” Pensar é preciso, mas não viver cada pensamento bom É falta de juízo.	Dois dedos de prosa Infinitamente Fico o dia inteiro tecendo Respondendo as amigas e O tempo passando São 11h da noite Minha mãe Manda eu ir dormir Mas não tô nem aí... As pessoas Não Podem ficar no vácuo Então deito na cama Penso nos boys Penso nas talaricas E ainda nas inimigas. Ai daqueles que não me respondem

felicidade, Dá tempo para pensar em muito mais. Que pena daqueles que não pensam na vida, Que pena daqueles que não pensam na felicidade, Que pena daqueles que não pensam em nada. (Raquel Eloisa Barbosa da Luz)	(Geovana Espindola Mendes)	Ai daqueles que já foram dormir Ai daqueles que me chamam no privado (eu não tô nem aí) (Thaynara Lara Jordan)
---	----------------------------	--

A releitura 4 também se mostra em conversa sintonizada com a autora. A aluna usa do seu universo de estudante para produzir sua releitura, confirmado pela presença dos substantivos tarefa e atividade. Representa que a sua condição de estudante lhe é agradável, uma vez que os versos “faço com determinação” e “É com vontade que eu faço a atividade” revelam prazer na dedicação às atividades escolares. E, enquanto faz a tarefa, pensa na vida, na felicidade e muito mais. E o lamento registrado nos últimos versos dá a entender que estudar, dedicar-se às tarefas escolares é uma das atitudes próprias de quem pensa na vida. Em “Que pena daqueles que não pensam na felicidade/Que pena daqueles que não pensam em nada” soa como um desabafo de quem observa, ao seu redor, atitudes em oposição às praticadas por ela no que diz respeito a estudar. Como se não se dedicar aos estudos, fosse negligência para com as conquistas possíveis de se alcançar na vida.

No texto 5, a aluna atualiza o poema de Lucinda Persona, substituindo a atividade de lavar os maços de alface por uma tarefa que, com bastante frequência, é realizada por adolescentes. Ela indica, ao modo da autora, que enquanto faz a atividade que lhe cabe, reflete sobre aspectos diversos de sua vida, como por exemplo, nas “burradas” reafirmando algumas das experiências comuns dessa idade, vivenciada entre atitudes boas e aquelas que geram problemas e conflitos. Ao questionar a possibilidade de voltar no tempo, declara haver reflexão sobre a própria conduta, admitindo que, em algumas circunstâncias, devesse haver possibilidade desse retorno no tempo e fazer diferente. No verso “iria viver cada vão momento”, ela revela a vontade de aproveitar melhor a vida, caso fosse possível voltar no tempo. Com este verso também, ela dialoga com Vinícius de Moraes, retomando um verso de *Soneto*

de fidelidade. Interessante que esta aluna, ao final da aplicação da proposta de intervenção, quando escreveu sua avaliação, revelou que o único poema que conhecia e que lembrava ter lido até então era este de que ela se apropriou no verso citado. No seu entendimento anterior à aplicação do projeto, estava claro que poema era um gênero textual que tratava de amor somente. Outro dado importante a observar em sua releitura é o diálogo que estabelece com um tema recorrente na poesia de Bandeira – *ubi sunt* – o tema da ausência associada à morte de entes queridos, amigos que já partiram. Tema que é, na verdade, de longa tradição poética com o qual Bandeira dialoga e, na releitura da aluna, há esse questionamento tão presente, como se observa no verso: “Aqueles que partiram e já não estão mais aqui?” Assim, como se estivesse em busca de respostas para estas e mais outras questões, ela reitera a importância do pensar, do refletir, alertando, igualmente que não dar vida a cada pensamento bom que ocorre, é falta de juízo. Na sua expressão, é possível observar que a razão não deve cegar o desejo de se entregar à emoção, à experiência das boas ideias postas em prática.

Por fim, a releitura 6 propõe uma atualização, no sentido mais objetivo da palavra, relativa à temática ou ao comportamento típico de uma adolescente, seja pela presença marcante da tecnologia no dia a dia das pessoas na sociedade contemporânea. Não se observa a garota que dá voz ao poema, relatar de sua presença em espaço doméstico de trabalho, mas sim de sua disponibilidade e vontade de passar o dia inteiro com “dois dedos de prosa” no *WhatsApp*. E quando enfim, a mãe lhe manda dormir, ela não atende e diz não estar “nem aí”, justificando que “as pessoas não podem ficar no vácuo”, ou seja, sem resposta. No espaço reservado do quarto, ela pensa nos garotos e meninas que têm fama de roubar namorado das amigas (que são as talaricas) e, ao empregar muitas gírias vale-se de um recurso reforçador dos traços da sua identidade cultural. E como não podia deixar de ser, ela finaliza o poema de maneira bem descontraída, no entanto sua ideia está em oposição ao lamento que o poema de Persona propõe. Está mais para ameaça em tom de brincadeira, como se fosse absurdo deixá-la falando sozinha, mas tratamento igual é dispensado a quem a chama no privado. O eu lírico sugere ser muito dona de si, pois, no último verso, ocorre a negação do que se falou antes: “eu não tô nem aí” afirmando que seu estado de ânimo não

está associado ao número de contatos, de curtidas que os meios tecnológicos possibilitam.

Estas releituras exemplificaram a inserção do mundo do leitor no lugar do mundo apresentado pelo poeta. A adaptação que cada aluno promoveu em seu reescrito sugere também que eles não estão incluídos no grupo que merece ouvir o “Ai daqueles que não pensam em nada” porque eles pensaram em modos eficientes de reapropriação. Pensaram e realizaram.

Releituras 5: Aclyse de Mattos

O inverno de Mato Grosso é secura.
A neve de Mato Grosso é poeira.

Cidades, vilas, malocas
ficam durante três meses
recobertos de poeira
Pairam no ar os cristais
Amarelos da poeira

O rio desfaz-se em anti-rio
Corredeiras de vento seco
- o leito um anti-leito -
E pedrumes de poeira
Os carros movem-se duros
Como estátuas gregas de poeira

As falas cortando o ar
As vozes
Poeira

Os pensamentos e a escrita
A tinta
Poeira

O inverno de Mato Grosso é singular. O poema de Aclyse de Mattos é uma amostra; e as releituras produzidas pelos alunos evidenciam também essa singularidade com bastante poesia. Se em Aclyse, a poeira e o vento seco são matéria de inspiração, para os alunos - em condição de poetas - tanto a seca quanto a chuva, merecem versos. Igualmente não pode passar despercebida a beleza do ipê branco, a nossa neve, tampouco a natureza de Mato Grosso, mesmo alguns versos evidenciando tons de crítica também. Tudo cabe na poesia, como se lê.

1. O inverno de Mato Grosso é o tempo seco A neve aqui são as flores que caem do ipê branco Cidades, bairros e vilas Ficam, durante dias, Recobertos de flores brancas Pairam no chão os flocos Das brancas flores do ipê O vento seco carrega as flores para longe Deixando em cada cantinho Um pouquinho da neve mato-grossense. As pessoas se admiram ao ver Tantos ipês a florescer... O inverno Os ipês Neve As flores Tapete branco Nossa neve (José Roberto Benedito Ribeiro)	2. Faz frio. Não tem importância, é só hoje; Amanhã o sol vai brilhar e aquecer (isso é o que eu penso e é assim que acontece) Enquanto eu fico aqui voando em pensamentos O vento lá fora vai levando a chuva De pouquinho em pouquinho Sim, é só hoje que a chuva vai levar a nossa neve de poeira Amanhã o sol vai brilhar maravilhosamente Iluminando a nossa alma de leve Como se fosse a abertura de uma rosa E a neve dourada outra vez se espalhar. É só hoje, e vai passar depressa Este friozinho danado que congela até a alma Espero que o vento não se esqueça de levar Da alma a amargura e a tristeza. Hoje cai chuva, e bem grossa. Amanhã soprará um ventinho bom Para recompensar esses dias de calor É assim o nosso Mato Grosso Pouca chuvaria Muita caloria (Ândria Mendes da Silva)	3. O valor de Mato Grosso está nas matas A riqueza de Mato Grosso é a natureza Animais, árvores e riachos Ficaram, por muitas vezes, prestes a desaparecer. Voam pelo ar araras exuberantes Os rios desaguam em meio às florestas Corredeiras cheias de peixes -uma beleza azul sem fim- E cardumes de peixes Por todo rio ficam a nadar Como uma vista do fundo do mar As aves durante o dia a voar As aves Voando O valor de Mato Grosso A fauna A flora (Paulo Henrique Bohnen Fruhling)
--	---	---

A releitura 1 substitui a poeira, imagem predominante do inverno de Mato Grosso do poema de Aclyse de Mattos, pelas brancas flores do ipê. Observa-se que o aluno empregou a mesma estrutura do poeta, mas optou por caracterizar o inverno do estado com imagens declaradamente bonitas, em vez de poetizar com aspectos inconvenientes, como a poeira, do período da seca. Se a poeira é predominante nos três meses do inverno, a adaptação proposta pelo aluno foi muito coerente, pois, em sua releitura, o fenômeno da neve não dura esse tempo todo; logo, a palavra meses é substituída por dias. Isso é indicativo de negociação de sentidos que o aluno fez para a sua reescrita,

deixando evidente que se valeu de saberes já constituídos em seu repertório, para fazer a adequação dos versos na sua releitura. Demonstrou ter olhar atento à percepção das pessoas sobre a singularidade do fenômeno da florada do ipê, que é breve, mas causa admiração pela beleza que proporciona. E a metáfora que elabora para arrematar seu poema apresenta beleza estética altamente expressiva. Com singular capacidade de síntese, determinada pela perfeita escolha das palavras, os três versos finais parecem abrigar todo o exposto anterior e, progressivamente, fixar a imagem da neve de Mato Grosso: As flores (todos já sabem quais são)/ Tapete branco (todos já sabem que as flores caem e elas no chão cobrem as calçadas e é imagem bonita)/Nossa neve(todos já sabem da comparação feita, por isso, apenas a reafirmação). O processo de construção de novo texto, em releitura, foi um exercício de expressão poética singular.

Na releitura 2, a aluna dialoga mais diretamente com a temática do poema base, pois não se opõe ou desconsidera as imagens que ele oferece. Admite que, às vezes, realmente faz frio, que, quando a chuva vem, mesmo breve, ameniza os efeitos da poeira e que o sol é predominante. Emprega linguagem figurada com propriedade ao associar ao brilho do sol uma série de efeitos que considera positivos, como se observa em: “Amanhã o sol vai brilhar maravilhosamente/Iluminando a nossa alma de leve/Como se fosse a abertura de uma rosa/E a neve dourada outra vez se espalhar”. Neve dourada, a referência à imagem da neve de Mato Grosso, elaborada por Aclyse. Concebe a energia do sol como expediente para afastar a tristeza, já que fala metaforicamente em iluminar a alma; ora, alma iluminada é alma livre de amarguras e tristezas que ela menciona adiante, pois se o vento é capaz de levar a poeira para todos os cantos, que leve também embora toda a tristeza e amargura para longe. E finaliza o poema com um neologismo, sobre o qual comentou com a professora, pedindo da possibilidade de emprego, pois queria usar “caloria” para referir-se ao calor que é predominante no estado, mas igualmente queria falar, com rima, da chuva. No geral, há, nesta releitura, uma percepção intimista dos fenômenos naturais, pois o sol e a chuva são associados a estados de alma, estados subjetivos vinculando a condição do ser mediada pela ação dos fenômenos externos; uma concepção da natureza ligada à tradição romântica.

Já na releitura 3, observa-se uma transgressão quanto ao tema, pois, em vez de escrever sobre o inverno de Mato Grosso, o aluno opta por escrever sobre o valor de Mato Grosso. Isto claramente definido, ele se vale, com facilidade da estrutura apresentada, para desenvolver a ideia a que se propôs. Revela apurada consciência crítica em relação às questões ambientais, como se observa nos versos: “A riqueza de Mato Grosso é a natureza/Animais, árvores e riachos/Ficaram, por muitas vezes, prestes a desaparecer.” Ao declarar que a natureza é a riqueza de Mato Grosso, nas entrelinhas, ele condena a destruição de seus recursos naturais para a expansão do Agronegócio, considerado gerador de divisas para o estado. Nos versos seguintes, ele detalha sua tomada de posição, ilustrando a diversidade de peixes e aves, cada coisa acontecendo no seu curso natural, tal qual expresso nos rios que desaguam em meio às florestas. É como se não houvesse necessidade de grandes arranjos com a linguagem para chamar a atenção para a riqueza e beleza da natureza. Ela própria faz isso, basta perceber e respeitar. Sintetiza o exposto anterior, reafirmando que o valor de Mato Grosso é a fauna e a flora. O aluno percebeu o poema como um espaço de se revelar engajado com uma causa.

4. O calor de Sinop é muito muito quente O frio de Mato Grosso é o pó Cidades, bairros, ruas Ficam muito tempo Recobertas de pó. O calor sempre vive no ar O marrom da madeira também está no ar E o pó vai pelo ar se esparramando Os carros andam devagar Como tartarugas da Amazônia Bem pouco enxergam diante de si Eita poeira chata, meu Deus! (Vitória Pedroso Blos)	5. As ruas de Mato Grosso são estragadas, Algumas são boas e outras são furadas, Carros, motos e bicicletas Passam por ela e ficam cheias de poeira. A poeira fica no ar E demora a baixar. Logo o tempo das águas se aproxima Corredeiras de lama se formam. No asfalto, panelas de lama vão aparecendo. Os carros imitam serpentes Na chuvarada, saudade da poeira que corta o ar. Na seca, os pensamentos na chuva estão. Tanto na chuva, quanto na seca, Mato Grosso e suas ruas estragadas.	6. O Verão de Mato Grosso O verão no Mato Grosso é chuvoso O brilho do sol no Mato Grosso Faz revezamento Com o escuro das nuvens. Cidades, vilas, malocas Ficam durante meses recobertos de lama Pairam no ar os cristais Transparentes de água. Onde um dia foi seco Agora tem grandes corredeiras - o anti-rio é um enorme rio- E tem grandes poças de lama Os carros deslizam na pista escorregadia Como uma patinação no gelo O barulho da chuva cortando o ar As vozes CHUVAA Os pensamentos vão a mil e
---	---	--

	Os pensamentos: A água Poeira (Thaynara Lara Jordan e Milena de Araújo Ribeiro)	A escrita CHUVAA. (Amanda Letícia Turatti da Silva)
--	---	--

A releitura 4 revela uma apropriação da ideia do poeta para caracterizar a cidade, não mais o estado. Se o clima é o tema, ela apresentou considerações sobre o calor e o frio, mas fazendo uma releitura do que tradicionalmente o frio sugere. O uso repetido do advérbio muito foi questionado e a aluna alegou ser intencional para enfatizar as altas temperaturas que predominam na cidade. O frio é caracterizado como estação da poeira, não de baixas temperaturas. E as consequências da ausência de chuva são reiteradas a ponto de deixar claro que o pó toma conta do ar e dificulta a visão de quem dirige, o que é realmente observável na região nesse período. A aluna emprega uma comparação nos versos “Os carros andam devagar/Como tartarugas da Amazônia” como se para reforçar os cuidados necessários que se deve ter pela visibilidade comprometida ao dirigir em estradas nessas condições. O último verso da releitura (Eita poeira chata, meu Deus) bem como o sublinhado do exemplo acima expresso, são uma apropriação da estrutura do poema *Cidadezinha qualquer* de Drummond. Uma das considerações mais comuns durante a produção das releituras, que foi, na verdade, escrita de novos poemas, dizia respeito ao como escrever, que recursos poderiam ser empregados ou não. Inúmeras vezes se retomaram os textos da proposta para analisar juntos como estes haviam sido escritos e como eles poderiam fazê-lo também. Sempre se deixou claro que escrever um poema é, também, um exercício de liberdade, de invenção de estilo. E, embora esta aluna tenha apresentado dificuldades ao longo do processo, aqui ela revelou entendimento sobre a liberdade que lhe é permitida nesse processo. Ela empregou, portanto, na releitura de um poema de Aclyse de Mattos, ideias e estruturas também de Carlos Drummond de Andrade, negociando com as formas de dizer destes para encontrar a sua forma de dizer. Essa forma de reapropriação é caracterizada por De Certeau (1994) como bricolagem, pois que designa a união de vários elementos culturais que resultam em novo elemento, neste caso, o poema produzido pela aluna.

A releitura 5 se propõe a poetizar as ruas de Mato Grosso. As condições de suas estradas são tema frequente de queixas de usuários, seja no tempo da chuva ou no tempo da seca e, portanto, a sugestão de se adequar a estrutura do poema a uma temática presente no cotidiano dos alunos, foi bem interpretada pelas alunas que apresentaram, em sua releitura, as condições a que são submetidos os usuários das estradas deste estado. O verso “cidades, vilas e malocas” foi simetricamente relido como se observa em “carros, motos e bicicletas”, revelando a apropriação da estrutura do poema de Aclyse, ajustado ao tema sobre o qual querem escrever. Se na ausência da chuva, a poeira demora a abaixar e prejudica as condições de rodagem, essa situação não se altera com a chegada da chuva, já que, como se observa nestes versos: “Corredeiras de lama se formam/No asfalto, panelas de lama vão aparecendo”, os problemas só se alteram. A expressão “panelas” é usualmente empregada para referir-se aos buracos que surgem no asfalto e comprometem a segurança do tráfego, pois que, com a chuva, elas ficam cheias de água e ficam escondidas, podendo provocar sérios acidentes. Esses versos realmente traduzem que as alunas trouxeram para o texto problemas observáveis no cotidiano de muitos e o tornaram matéria de reflexão em um poema. Elaboraram uma metáfora bem sugestiva - Os carros imitam serpentes -, uma vez que a imagem da serpente sinuosa é análoga ao movimento dos carros na pista cheia de buracos que circulam em movimento ondulante na tentativa de desviá-los. A elaboração artística da mensagem se fez notar. Finalizam o poema constatando a eterna insatisfação da condição humana, aqui claramente justificada pelas péssimas condições das estradas que, com chuva ou sem chuva, estão sempre estragadas.

Por fim, a releitura 6 ignora o inverno e escreve sobre o verão. Assim, se no inverno tem seca, a chuva predomina no verão. Caracteriza a alternância do sol com as nuvens carregadas que antecedem a chuva, empregando o termo revezamento, revelando um cuidado especial como o modo de dizer dessas duas situações próprias do verão mato-grossense: a chuva e o sol intenso. Ela desenvolve seu poema em diálogo por oposição com Aclyse de Mattos, a saber: “cristais amarelos de poeira” X “cristais transparentes de água”, demonstrando domínio dos recursos de antonímia para essa composição. Ainda, ao registrar em sua releitura “o anti-rio é um enorme rio” negocia posição de expressões no interior da frase para alteração de sentido do verso original de Aclyse “O rio

desfaz-se em anti-rio”, revelando-se boa leitora. Faz uso da figura de comparação em “Os carros deslizam na pista escorregadia como uma patinação no gelo”, para referenciar o oposto da poeira na seca. Agora a chuva em excesso oferece perigos também, mas por deixá-las escorregadias, por isso a comparação com a pista de patinação que também é escorregadia e exige cuidados de quem nela se movimenta. Ao final, sugere o barulho da chuva inspirador para a escrita, como se a chuva trouxesse informações (vozes) para serem registradas.

O conjunto de releituras apresentado, como foi possível observar, apropriou-se de algum elemento ou mais do poema, seja a estrutura, a temática ou opondo-se a ela; interessante registrar que os alunos ampliaram as possibilidades de dizer, de expressão que a leitura e discussão acerca do poema lhes ofereceu. Revelaram-se bons leitores, ofereceram boas respostas ao texto apresentado.

Releituras 6: Marli Walker

O endereço verde das tuas ruas
Nos salva da derrubada
Enche de mata a calçada

Os versos de Marli Walker registram um reflorestamento metafórico no espaço urbano de Sinop. Ao referir-se aos nomes das ruas, constituídos de nomes diversos de espécies de árvores e flores (Rua das Primaveras, dos Cajueiros, Avenida dos Ipês, Jatobás e Jequitibás) toma esse expediente como uma presença verde, uma forma de devolver a floresta ao local caracterizado pelo cimento e progresso, que implicou na derrubada de suas árvores nativas.

1. O verde das paredes das casas Nos salva da realidade Da seca, da poeira e da chuva Que não chega. (Amanda Letícia Turatti da Silva e Luiz Guilherme Moraes)	2. Mato Grosso O teu nome tem ares impuros, E a culpa é da derrubada, Que enche de piche as estradas (Luiz de Oliveira Junior)	3. As placas das tuas ruas São árvores de reflorestamento Enchem de nomes verdes a cidade Só nomes verdes.... que pena! (Gabriela Rissardi Mazeto)
--	--	--

Os dois alunos que realizaram a releitura 1 empregaram recurso metafórico semelhante ao da poeta. Se o endereço verde das ruas salva a

cidade da derrubada, igualmente a tinta verde das paredes da casa personifica uma condição oposta à realidade vivenciada. Como se a condição favorável à presença do verde possibilitado pela chuva fosse possível de ser alcançada com o uso de tinta verde nas paredes. Os efeitos da seca e da poeira seriam, assim, mesmo com a demora da chuva, amenizados pelas paredes verdes. É preciso observar a perfeita interpretação que a dupla fez, a ponto de criar uma analogia tão precisa. Se os nomes das árvores nas ruas “nos salvam da derrubada”, aqui a tinta verde das paredes antecipa os efeitos benéficos da chuva, que faz a vegetação verdejar e a poeira cessar.

Na releitura 2, a percepção crítica a respeito dos efeitos, nem sempre positivos, do progresso está claramente retratada. Quando questionado sobre o sentido de o nome apresentar ares impuros, o aluno fez referência aos frequentes noticiários que apresentam o estado em ocorrências de desmatamento ilegal e queimadas. Dessa forma, os ares impuros referidos sinalizam para os efeitos nocivos à qualidade do ar decorrentes das queimadas; e o piche, produto base para pavimentação asfáltica, é lançado sobre as estradas em nome do progresso que, segundo a concepção do aluno, não ocorre sempre com o devido respeito à natureza. O piche (que tem cheiro forte, propriedades colantes e cor preta) é representativo do progresso, deita marcas que, tal qual, ficam impregnadas no local.

O poema 3 dialoga explicitamente com o poema de Walker. Nele, o sentido interpretado pelos versos em linguagem figurada é detalhado e tornado o objeto da releitura. Interessante observar que um verso é acrescentado ao poema e, justamente esse verso, expressa o lamento de quem escreve por não ser real a presença verde nas ruas que têm potencial para abrigá-las de fato.

4. Atualidade O endereço sem verde das ruas Resultado das máquinas Que usaram correntes cromadas de ferro Para a grande derrubada Essa é a nossa realidade: progresso e atualidade. (Pedro Samuel F. Jeske)	5. Atualidade A cor preta das queimadas, Nos enche de tristeza, A mata foi derrubada, E do verde, só sobrou a saudade. (Victor Manoel G. Diedrich)	6. Teu campo já não é mais verde É muito desmatamento Culpa do homem, falta de pensamento. Teu campo já está bem verde outra vez Cheio de grãos dourados Ganância do homem, não falta ambição. (Maryane Andrade Bossa)
---	--	--

No poema 4, o aluno transgrediu a estrutura apresentada para proceder à releitura, uma vez que se observa extensão maior que três versos para fazer seu registro. Mantém, no entanto, diálogo com a temática e imprime um tom declaradamente crítico à mensagem, revelando consciência de que o endereço sem verde das ruas, na atualidade, é o resultado da ação do homem sobre o espaço natural. E, para alterá-lo, usou-se de tecnologia potente - “correntes cromadas de ferro” -, ou seja, alta capacidade de produzir impacto e alterar o espaço, numa referência aos tratores esteira que, com o uso de correntes, agilizam a atividade predatória. Questionado sobre o sentido de “a grande derrubada”, o aluno mencionou não ter sido “pouca coisa” o que se fez na região para que ela pudesse se desenvolver. Observa-se que o aluno tem apurada percepção sobre os efeitos do desmatamento sem controle; como se constatasse que o progresso e as condições da sociedade atual só se alcançaram pelas ações danosas ao meio e agora não restasse mais espaço para conciliar progresso com respeito ao meio ambiente. Além disso, as expressões “correntes cromadas de ferro” e “a grande derrubada” revelam empenho do aluno em empregar linguagem figurada, em fazer seu registro de maneira singular, como se entende necessário no texto artístico. A sua afirmação final, breve e pontual, impacta o leitor que é colocado em estado de reflexão.

A releitura 5 indica, como os demais, um diálogo profundo com o tema da ausência do verde, da ausência do respeito à natureza. Em oposição, a presença da palavra “preta” atesta um estado de luto, de pesar pela mata que foi derrubada e da qual, no momento atual, só resta a saudade. O título reforça que a saudade do verde é a condição do homem contemporâneo e, nesse sentido, a atualidade do lamento encontra sintonia nos inúmeros debates em curso no mundo sobre o meio ambiente.

No poema 6, também o diálogo se estabelece pela transgressão da estrutura, mas em sintonia com temas possíveis de reflexão deduzidos dos versos da poeta. A aluna sugere ainda, em sua interpretação, dialogar com

uma tela de Mari Bueno – *O que foi que eu fiz?*³. Portanto, na primeira parte, tem-se o retrato da ação inconsequente do homem na exploração dos recursos naturais em nome do progresso. No segundo momento, ela expõe os motivos que, de certa forma, explicam a ação da estrofe anterior. A mata foi derrubada para possibilitar a expansão do agronegócio, já que a metáfora dos grãos dourados expressa a presença impactante e crescente do cultivo da soja na região. Em relação aos recursos linguísticos empregados, chama-se atenção para o paralelismo estabelecido pelos três versos da primeira estrofe com os três versos da segunda estrofe, que estão em estado de oposição:

*Teu campo já não é mais verde / Teu campo já está bem verde outra vez
É muito desmatamento/ Cheio de grãos dourados
Culpa do homem, falta de pensamento/ Ganância do homem, não falta
ambição.*

A aluna transmitiu sua mensagem empregando características da linguagem poética, demonstrando percepção crítica da realidade de que toma parte, bem como alertando que a ganância e a ambição desmedida são propulsores de impactos tanto ambientais quanto econômicos à região em que ocorrem.

No conjunto de releituras, chamou atenção a expressiva consciência crítica que os alunos apresentaram em seus poemas no tocante às questões ambientais. Interessante também registrar o cuidado em se valer de linguagem figurada, marcando o entendimento acerca dos procedimentos da escrita poética que, além do já exposto, diz muito com menos palavras. E, neste bloco, isso ficou bem evidente.

Releituras 7: Telas de Mari Bueno

Neste bloco de releituras, apresentam-se alguns poemas produzidos em diálogo com as telas da artista Mari Bueno. Como exposto anteriormente, em

³ É uma obra composta de duas telas: a primeira apresenta folhas jogadas ao chão, que indicam o desmatamento; a segunda expõe um homem curvado, cabeça encostada ao chão, em postura de arrependimento diante de um pequeno broto, único que se salvou da ação destruidora do homem.

uma das etapas da sequência expandida (a contextualização) ocorreu visita à galeria da artista e à Catedral Sagrado Coração de Jesus. Foi uma experiência cheia de sensações que resultou, entre outras atividades, também na produção de poemas. Diferente das releituras anteriores, nesta etapa a “conversa” se deu com uma imagem, mas igualmente surpreendeu pelas associações originais e significativas que foram produzidas.

“A pintura é uma poesia muda e a poesia é uma pintura que fala” (Simonides de Ceos) é afirmativa colocada em destaque em artigo postado na página da artista (http://maribueno.com.br/?page_id=1193) escrito pela Profª Drª Rosana Rodrigues da Silva sobre as ilustrações de Mari Bueno no livro de poemas *Águas de Encantação* de Marli Walker. Esta afirmativa aqui igualmente se mostra apropriada para caracterizar a sintonia de voz e imagem produzida pelos alunos. Da Silva (2009), ao discorrer sobre esse encontro de poesia e imagem, apresenta que:

Lemos poemas e lemos telas, mas no final o que lemos mesmo é poesia, o sentimento do sublime nos tocando. Não se pode negar o significado poético possível de uma obra plástica, tampouco sua função comunicativa (mesmo que não seja intenção do artista ser compreendido

E, com esta perspectiva, os poemas produzidos em conversa com as telas serão analisadas.

Figura 13: Bom Pastor na Floresta (2007), Mari Bueno.



FONTE: Acervo da artista.

1. O Senhor é meu pastor

O amor do nosso Senhor
 Nos salva do mal de noite e de dia
 Enche de amor nosso coração
 (Carlos Henrique Alves)

Esta releitura não foi um diálogo. Foi uma prosa. De um lado, Mari Bueno; de outro, Marli Walker. Carlos é o anfitrião que promoveu essa profusão de vozes e sintetizou-as, assumindo seu lugar de leitor e negociando sentidos possíveis a partir de sua experiência. Ele valeu-se da estrutura da poeta para expressar a mensagem que ele enxergou no painel da artista plástica. Observemos:

*O endereço verde das tuas ruas / O amor do nosso Senhor
 Nos salva da derrubada/ Nos salva do mal de noite e de dia
 Enche de mata a calçada/ Enche de amor nosso coração*

O poema de Marli Walker não apresenta título. O aluno atribuiu título ao seu, mas, em vez de *Bom pastor na floresta*, reinventou-o e escreveu *O Senhor é meu pastor*, revelando uma apropriação da mensagem para si, o que não ocorreu ao acaso, visto o aluno ter declarado ser evangélico. Assim, entendendo o aluno como aquele que se dedica ao exercício da escrita poética, que seja Carlos, para esta reflexão, tomado como poeta. Paz (1984, p.55) pronuncia-se sobre a escrita do poeta, afirmando que “Quando um poeta encontra sua palavra, reconhece-a: já estava nele. E ele estava nela. A palavra do poeta se confunde com ele próprio. Ele é a sua palavra. No momento da criação, aflora à consciência a parte mais secreta de nós mesmos”. O aluno poeta reconheceu a palavra que estava dentro de si, embora se deva afirmar que foi um processo difícil, dado a resistência que ele demonstrou para com as atividades do projeto. Seu discurso era “não sei escrever poemas”. Talvez não soubesse que boa parte deles precisa apenas ser traduzida de dentro de si mesmo.

2. Altar da Catedral

Na catedral, as pinturas mais belas
 Jesus e nossa floresta no altar desenhados
 Ele é nossa morada e abrigo
 Lugar bom para se estar
 Nesse lugar, com a família quero estar.
 (Victor Manoel G. Diedrich)

Também este aluno quis registrar suas sensações sobre a tela *O bom pastor na floresta*. Demonstrou, nas entrelinhas, a apropriação de sentido do conceito de transculturação ao afirmar, no segundo verso, que Jesus e nossa floresta estão, no altar, desenhados. Trabalha também com a ambiguidade, pois quando considera o bom pastor morada e abrigo, o referente anafórico *lugar* pode, adiante, tanto retomar catedral ou morada e abrigo. O aluno adota o poema como lugar para falar de si, de suas crenças e desejos, como um exercício de subjetividade revelada.

Figura 14: Fábrica de compensados (2007), Mari Bueno.



FONTE: Acervo da artista.

3. A fábrica de compensado

A fábrica é cheia de madeira
 Em cada compensado uma árvore
 Em cada casa
 Um compensado que um dia foi árvore.
 (Gustavo Paschoalin Dias)

Uma importante descoberta, para os alunos, foi a possibilidade de escreverem poemas com poucos versos, desde que carregados de sentido. Insistiu-se na ideia de que, com poucas palavras, é possível dizer muito. E a releitura produzida pelo aluno revela o entendimento dessas observações acerca do fazer poético, pois, com breves versos, transmite mensagem crítica digna de nota. Com notas de melancolia, observa que os móveis de compensado são o resultado de um processo de industrialização que tem, na madeira, sua matéria-prima, mas são, por isso mesmo, a evidência de que árvores morreram.

Figura 15A: Alunos em visita à Galeria de Mari Bueno.



FONTE: Acervo da autora.

Figura 15B: Alunos em visita à Galeria de Mari Bueno.



FONTE: Acervo da autora.

4. Mestres, alunos e obras-primas

Imagens

Um poema

Uma caneta

E muitas emoções

É na calada da noite

Que as ideias dão aparição

É na calada da noite que o sono vai

E dá lugar à inspiração

Obrigado, professora Marli

Por essa ótima ocasião

Com você que eu aprendi

Minha verdadeira vocação

- Escrever poemas é o que eu quero -

E ser reconhecido por isso

Vai ser uma grande emoção.

(Luiz Guilherme Moraes)

Observa-se a metalinguagem nos primeiros versos e a referência ao processo de intertextualidade, que, nesta etapa da proposta, já estava bem entendida, uma vez que fizeram várias produções, valendo-se desse procedimento. “Uma caneta e muitas emoções” ratifica o entendimento do fazer poético como expressão da subjetividade do eu-lírico. Com o arranjo especial da mensagem em “É na calada da noite/Que as ideias dão aparição (...) E dá

lugar à inspiração”, o aluno mostra o entendimento de que é preciso se aquietar para bem escrever, como se num exercício de ouvir-se a si mesmo. Se a noite se cala, ele aproveita dessa condição e se põe a escrever. É visível a preocupação com a rima dos versos, além do desejo manifesto de expressar a sua intenção de escrever poeticamente, fazer disso uma ocupação que ganhe mérito, reconhecimento social. Há a alegria em revelar a descoberta da vocação. O verso em que agradece a professora e revela as aulas do projeto como propulsoras dessa descoberta: “Escrever poemas é o que eu quero” já caracterizam uma avaliação dos benefícios da proposta desenvolvida.

Figura 16: Vizinhança (2007), Mari Bueno.



FONTE: Acervo da artista.

5. Casinha

Ruas sem asfaltar
Casas sem rebocar
Bairros simples de Sinop

Famílias a lutar
Sonhos a realizar
Pessoas batalhadoras deste lugar

Repare bem devagar
Porque essa é a verdadeira beleza que há.
(José Roberto Ribeiro)

O aluno registra uma cena para a qual chama a atenção do olhar mais vagaroso do leitor. Apresenta, na primeira estrofe, as condições de alguns bairros de Sinop, possivelmente os mais distantes do centro, onde há concentração maior de casas humildes, inacabadas em ruas ainda não pavimentadas. E, na segunda estrofe, em vez de lamentar essas condições, ocorre o contrário. Seus versos são o reflexo de uma observação mais cuidadosa que prioriza o bom, apesar de haver condições desfavoráveis também. Em vez de criticar as condições observadas, enxerga nelas o resultado de batalhas empreendidas por aqueles que vivem nestes lugares. Apesar de pequena e inacabada, esta casinha personifica a conquista da casa própria, o deixar de pagar aluguel. Portanto, dentro das condições deste grupo social, independente do olhar geral para o estado da casa, ela merece ser percebida como uma grande conquista: são famílias trabalhadoras, lutando e realizando sonhos. É isso que merece o foco do olhar de quem se detém a observá-la; essa percepção foge do olhar do senso comum. Revela um olhar para além da superfície, onde, segundo o eu-lírico desta releitura, encontra-se a verdadeira beleza.

Figura 17: Feira (2008), Mari Bueno.



FONTE: Acervo da artista.

6. Dia de feira

Dia de feira é uma correria
Tem pessoas pra lá e pra cá

Alguns param para um descanso na pastelaria
Há de tudo para comprar
Tem verduras, frutas, alimentos
Tudo de que se pode imaginar
Os feirantes muito felizes a lucrar
Com atendimento bom
Logo as coisas começam a acabar
Com o passar das horas
O sol vai se apagar já e noite, hora de desmontar.
(Paulo Henrique Bohnem Fruhling)

O poema caracteriza a multiplicidade de ações implicadas em um dia de feira. No segundo verso, o emprego dos advérbios *antônimos* – *lá e cá* – podem ser representativos das ações opostas que ali ocorrem. A correria referindo-se, especialmente, a quem trabalha e precisa atender as demandas deste espaço; e a parada para o descanso na pastelaria, sugerindo que o espaço de trabalho de uns é, para outros, espaço de lazer. Os verbos no infinitivo comprar, lucrar, acabar e desmontar sugerem o próprio ritmo da feira que, de início, tem de tudo que se possa imaginar e, conforme a movimentação das pessoas fazendo suas compras, a variedade de produtos diminui ou é vendida na totalidade. Importa destacar que o aluno observou o bom atendimento, a cordialidade que normalmente caracteriza esse espaço de compras, que é também de interação e informalidade. Há um período determinado para essa movimentação, geralmente, a partir da metade da tarde e quando a noite chega, sem mais produtos para vender, as barracas são desmontadas. A releitura revela a percepção apurada sobre o ir e vir que caracteriza esse espaço, como também representado na imagem pelos que estão em compra e aqueles que já as fizeram e saem do lugar.

Figura 18– Contrastes (2007), Mari Bueno.



FONTE: Acervo da artista.

8. Cotidiano

Crianças indo pra escola
Homem varrendo a rua
Cenas do dia a dia.
As pessoas passam pelas outras
E não falam nem bom dia.

Enquanto se trabalha
E caminha para o futuro
É possível dar bom dia.
(Maryane Andrade Bossa)

Nesta releitura, tem-se expressa a percepção do lamento pela indiferença das pessoas que passam umas pelas outras. O título sugere reforçar que essa indiferença é prática comum entre as pessoas no seu dia a dia, pois ao apresentar o que fazem os sujeitos (indo para a escola ou trabalhando), a aluna expõe cada um se voltando para si mesmo, sem enxergar o outro que poderia ser cumprimentado, já que não custa dar bom dia. Na segunda estrofe, expressa seu parecer sobre a possibilidade de mudança dessa conduta entre as pessoas, reiterando que, enquanto se faz o que é preciso, cumprimentar as pessoas é uma ação que igualmente deveria ser praticada. Notou-se elaboração especial da mensagem ao apresentar o caminho para a escola, como caminho para o futuro.

Figura 19 – O que foi que eu fiz? (2014), Mari Bueno.



FONTE: Acervo da artista.

9. O que foi que eu fiz?

Aqui tem muita mata.
 Vou desmatar
 Essas árvores no chão têm que estar
 Prédios tenho que construir
 Árvores eu vou demolir
 E ninguém vai me impedir

O que deu em mim?
 Por que eu fiz uma coisa assim?
 E o verde daqui?
 Agora tem um vazio aqui e ali!

Com a consciência pesada, eu estou
 Matei as árvores que, de certa maneira, “me amou”
 Tanta harmonia que eu desfiz!
 E agora?
 O que foi que eu fiz?
 (Danielli Ursulino Sudre)

Por último, a releitura da tela confirma uma percepção da pesquisadora acerca dos entendimentos e consciência crítica dos alunos frente às questões ambientais. De modo geral, todos os alunos, em algum momento das atividades de releitura produzidas, dialogaram com essa temática, revelando,

portanto, conhecimento e atitude engajada com a problemática, que atenta para a necessidade de mudança de conduta dos cidadãos. A aluna personifica o “pensador” da tela de Mari Bueno no eu lírico de seu poema. Na primeira estrofe, está presente a atitude que norteou o processo de colonização da região norte de Mato Grosso em clara referência ao desmatamento para formação de pastagens e áreas de cultivo extensivo de grãos. O espaço entre a primeira e a segunda estrofe pode ser tomado como uma lacuna, um divisor de águas. Nesse espaço de tempo, os efeitos desastrosos da relação predatória do homem com o meio ambiente se mostram e apontam para o arrependimento. Por isso, na segunda estrofe, a atitude do eu lírico é em oposição à sua conduta inicial e carregada de questionamentos, para as quais o homem ainda não tem todas as respostas. O fato é que indicam mudança de postura, mas as consequências das ações danosas não se resolvem com o arrependimento. Este apenas propicia a revelação ao homem de que agiu errado e a postura agora deve ser outra. Há que se encontrar respostas para amenizar o impacto dessa ação destrutiva do homem sobre a natureza de modo a mostrar caminhos para o desenvolvimento sustentável. Como será isso é o que ainda não se sabe.

No geral, o diálogo estabelecido entre as telas da artista e os poemas dos alunos se faz sem ruídos. Ocorre, da parte deles, a interpretação que seus olhos emotivos captaram e então o registro, a escrita do poema. A postura de engajamento é bastante evidente, além do empenho para o uso da linguagem figurada.

Durante o processo de produção das releituras, considerou-se oportuno encontrar meios diversos para socializá-los dado à qualidade dos poemas, que foi se revelando cada vez mais.

Por isso, estabeleceu-se contato com jornal de circulação regional (*Diário Regional*, na pessoa de seu diretor), na tentativa de que os poemas fossem publicados, oportunizando aos alunos o contato de seus textos com leitores reais. A resposta ao pedido foi sim e, como consequência, houve a elaboração de um texto pela pesquisadora, na primeira matéria, explicando aos leitores a natureza e origem daquelas publicações, com as quais teriam contato nas próximas edições.

O período de publicação foi de aproximadamente três semanas, quando o espaço não foi mais concedido em virtude de matérias e reportagens direcionadas ao período eleitoral. Esse prazo não havia sido demarcado anteriormente. Até então havia o entendimento sobre a disponibilidade de um período maior para garantir a publicação de, pelo menos, um texto de cada aluno; o que, infelizmente, não foi possível. Mas é fundamental registrar a parceria como positiva, pois os alunos ficaram muito motivados para escreverem ainda mais, contando com a possibilidade de ter um texto seu selecionado para publicação no jornal.

O critério empregado pela pesquisadora para proceder à seleção dos textos e encaminhá-los ao jornal foram dois: primeiro, a qualidade do texto, segundo os objetivos da proposta; e, segundo, como se estava no mês de setembro, mês em que se comemora o aniversário do município, escolheram-se poemas que, de uma forma ou de outra, pudessem configurar como homenagem ao município e seus moradores por ocasião da data festiva, o que era explicado em breve texto de apresentação em cada matéria publicada.

Houve contato com outro jornal para avaliar a possibilidade de publicação de poemas de alunos que ainda não tiveram nenhum poema publicado, mas até a ocasião desta escrita, não se obteve retorno ainda.

Para que os alunos se sentissem prestigiados, a pesquisadora combinou com uma fotógrafa profissional, uma sessão de fotos que ocorreu na biblioteca da escola. As fotos individuais acompanharam a publicação dos poemas. Para a divulgação do texto com o nome e foto do aluno foi encaminhado termo de autorização aos pais para que estes tivessem ciência das ações do projeto e pudessem, como o público leitor em geral, ler as produções de seus filhos, além de orgulharem-se da visibilidade da produção deste para além do espaço da sala de aula.

Figura 20 – Matéria divulgada no jornal dia 13 de setembro de 2016.

Cidades

Unemat: obras de novo campus começam mês que vem

As obras do novo campus da Universidade Estadual de Mato Grosso devem começar em outubro. Segundo o diretor político-pedagógico e financeiro, Marion Machado, o grupo responsável pelo residencial Aquária das Artes, onde o prédio será construído, fará o investimento de aproximadamente R\$ 3 milhões. "A previsão é que as obras sejam concluídas em um ano. Ou seja, serão entregues em outubro do ano que vem".



Serão construídos 24 salas de aulas, além de estacionamento com 160 vagas (Foto: Arquivo/Diário Regional)

MT registra 50 mil casos de dengue e zika

Mato Grosso já registrou 26.075 casos de dengue em 2016. Nos primeiros oito meses de 2015, foram 23.067 notificações, o que representa um aumento de 13%. Diante do aumento no número de casos notificados, a Secretaria de Estado de Saúde (SES) reforça o alerta para intensificar as ações de prevenção e controle do mosquito Aedes aegypti, o transmissor da dengue, da febre chikungunya e do zika vírus.

Quebra no milho causa perdas de R\$ 272 mi na arrecadação de ICMS

A quebra de aproximadamente 7 milhões de toneladas de milho na safra 2015/2016 em Mato Grosso pode ter levado ao Estado a deixar de arrecadar R\$ 272,75 milhões em ICMS. Dos 4.245 milhões de hectares semeados com milho 2ª safra foram abandonados pelos produtores mato-grossenses 177.711 hectares, ou seja, 4,19% da área não foi colhida. O clima é o principal fator para a retração de 26,21% da produção no ciclo 2015/2016 no comparativo com o 2014/2015.

Sinop em seu cotidiano

CULTURA | Imagens e palavras diversas de jovens moradores para retratar o dia a dia de Sinop

MARLI CHIARIANI

Os textos e imagens a serem compartilhados com os leitores do Diário Regional são parte do resultado de um projeto de intervenção, elaborado e aplicado, segundo exigência do programa de Mestrado - Profletras - da Universidade Estadual de Mato Grosso (Unemat), em parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob orientação do professor Dr. Henrique Roriz Aarestrup Alves. A proposta foi desenvolvida na Escola Estadual Olímpio João Pissinatti Guerra, com uma turma de 8ª série, e consistiu na seleção de poemas de autores diversos (maioria mato-grossenses), com ênfase nas temáticas relativas ao cotidiano regional, à cor local: obras da artista plástica Mari Bueno, com seus quadros que compõem a série 'Cotidiano'; registros fotográficos trazidos pelos alunos tematizando o próprio cotidiano, bem como imagens diversas por eles pesquisadas; que foram lidas e discutidas para posterior produção de releituras.

Wally, Fonseca e Cury (2001) apontam da possibilidade de o texto literário utilizar-se diretamente de pinturas e/ou esculturas com elas dialogando, estabelecendo

uma relação de intertextualidade explícita. Dando ênfase igualmente à força da palavra e da imagem, orientam que "A Literatura lê imagens e/ou as fabrica com palavras. A pintura retrata processos de leitura. O leitor, ao ler um texto ou um quadro, cria novas imagens" (p. 62). Nesse sentido, as releituras produzidas pelos alunos sugerem a concretização do que afirmam as pesquisadoras, uma vez que seus textos são a leitura de imagens que lhe foram apresentadas; do mesmo modo que o leitor agora, no momento do encontro com o texto produzido pelo aluno, poderá criar a sua imagem.

Simões (2012) defende ser fundamental, nas aulas de Língua Portuguesa, a vivência direta com textos que reservem aos alunos um espaço de liberdade, pois "uma vez garantido esse encontro livre e pessoal, a fruição possibilita também um espaço para a convivência, oportunizada pela arte literária e pela expressão linguística" (p. 45). Segundo a autora ainda: "A expressão de si pelo exercício de certo rigor estético pode estar presente nas aulas de produção textual"; logo os textos aqui apresentados refletem a expressão dos alunos em seu cotidiano, atentos ao

diálogo com o texto ou imagem que lhes convidou para a releitura.

E aproveitando a ocasião especial que o mês de setembro oferece, compartilhamos as produções em homenagem ao aniversário de Sinop. Esta cidade que tanta gente acolhe tem, em inúmeras de suas salas de aula, alunos criativos, capazes de ver a beleza de sua cidade, a beleza presente nas situações mais cotidianas, mais comuns do dia a dia. É preciso ter olhos sensíveis para entender que a grandeza de um lugar se faz com a soma de esforços diversos, da força de trabalhos de toda ordem.

DIA DE FEIRA

(autor: Paulo Henrique Bohnen Fruhling)

Dia de feira é uma correria
Tem pessoas pra lá e pra cá
Alguns param para um descanso na pastelaria
Ha de tudo para comprar
Tem verduras, frutas, alimentos
Tudo de que se pode imaginar
Os feirantes muito felizes a lucrar
Com atendimento bom
Logo as coisas começam a acabar
Com o passar das horas
O sol vai se esgarar
Já é noite, hora de desmontar



Estudantes visitam ateliê da artista Mari Bueno (Foto: Arquivo pessoal)



Alunos do Olímpio J.P. Guerra, em visita a ateliê (Foto: Arquivo pessoal)



"Feira", de Mari Bueno, em releitura para poema (Foto: Arquivo pessoal)

DURANTE VOO

Cuiabana será indenizada por perder assento para Latino

DA REDAÇÃO

A Juíza Tatiane Colombo, da 6ª Vara Cível da Capital, condenou a LATAM Airlines Brasil (antiga TAM Linhas Aéreas) a indenizar uma cuiabana em R\$ 3 mil, a título de danos morais. A decisão foi motivada pelo fato de a companhia aérea tê-la impedido de usar uma poltrona especial e cedido tal assento ao cantor Latino. Cabe recurso da decisão. De acordo com os autos, a consumidora E.M.L.L. adquiriu uma passagem aérea com destino a Salvador/BA, em abril de 2014. Mediante o pagamento de taxa adicional de R\$ 60, ela reservou um assento especial (Espaço+) para a sua filha J.B.D.M.L., menor de idade.

Conforme o processo, no voo de volta à Capital, entre Salvador/BA e São Paulo, a filha da autora afirmou que foi impedida de sentar na poltrona especial, sob alegação de que seria utilizada por pessoas com necessidades especiais. No entanto, segundo J., quem se sentou na poltrona especial foi o cantor Latino, que estava acompanhado de integrantes de sua banda.



LATAM Airlines terá que pagar R\$ 3 mil de indenização (Foto: Divulgação)

Após o episódio, de acordo com a ação, a empresa solicitou prazo de 70 dias para devolver o valor pago pela poltrona especial. Porém, tal valor não teria sido restituído. Em sua defesa, a LATAM alegou que houve culpa exclusiva da consumidora, que não teria observado que a poltrona do Espaço+ não permite que menores de 15 anos se acomodem nos assentos próximos das saídas de emergência, "e que inexistem danos materiais a serem ressarcidos, pois houve a devolução da importação paga pelo assento especial".

A Juíza ainda determinou que a empresa arque com o pagamento das custas, despesas processuais e honorários advocatícios, estipulados em R\$ 1,5 mil.

A assessoria de imprensa da LATAM Airlines afirmou que a companhia só se manifestará nos autos do processo.

PEIXOTO DE AZEVEDO

Obra de novo presídio já ultrapassa 50% de execução

DA REDAÇÃO

Só Notícias

O Centro de Detenção Provisória em Peixoto de Azevedo já conta com mais de 50% do cronograma de obras executadas. A obra, que é de responsabilidade da Secretaria de Estado de Justiça e Direitos Humanos (Sejudh), é a primeira das novas unidades penitenciárias que seja entregue pela atual gestão. Ao todo, os Governos Federal e Estadual estão investindo R\$ 7,6 milhões na nova estrutura.

No sábado (10), o governador Pedro Taques visitou o local acompanhado do titular da Sejudh, Márcio Dorileo, e do secretário de Estado de Segurança Pública (Gesp), Rogers Jarbas. Durante a visita, Taques destacou a importância da construção de novas unidades no Estado.

Atualmente, além da unidade prisional de Peixoto de Azevedo, também segue em execução a obra do maior Centro de Detenção Provisória de Mato Grosso, em Várzea Grande, com 1.008 vagas. Também seguem em andamento projetos nas cidades de Terra Nova do Norte e



CDP de Peixoto está com mais de metade das obras prontas (Foto: Assessoria)

Sapezal. Todas as estruturas estão sendo executadas conforme padrões determinados pelo Departamento Nacional Penitenciário (Depen). A expectativa, conforme o secretário Márcio Dorileo, é de que a obra seja concluída no primeiro semestre de 2017. "Após a conclusão da obra, teremos a transferência dos reclusos da Cadeia Pública de Peixoto de Azevedo para essa nova unidade. Teremos mais dignidade para nossos internos e acima de tudo para com o trabalho de segurança dos nossos servidores. Mato Grosso possui hoje mais de

60% dos presos provisórios dentro das nossas unidades. Por este motivo, a gestão tem se engajado e mantido o comprometimento de todo o sistema de Justiça para enfrentar a superlotação das unidades, como também de melhorar a estrutura", destacou Dorileo. Conforme o projeto da nova unidade em Peixoto de Azevedo, o complexo prisional é composto por dois prédios, que consistem no núcleo administrativo, alojamento, sala de controle e revista, edificação de apoio aos internos, departamento de saúde, área de serviço e parlartório.

FONTE: Diário Regional

Figura 21 – Matéria divulgada no jornal dia 16 de setembro de 2016.

Cidades

Sinop e Região Norte, sexta-feira, 16 de Setembro de 2016 - 4

Professor de Direito participa de escola de verão tradicional

FRATERNIDADE | Fernando Horita participou em julho da "Summer School", em Vargem Grande Paulista

ELIZABETE OLIVEIRA DA SILVA

O professor de Direito da Faculdade Fasipe, especialista em Formação de Professores para Educação Superior Jurídica, mestre em Teoria do Direito e do Estado, Fernando Horita, participou em julho deste ano do "Summer School", uma escola de férias internacional. Em outras palavras, é uma escola de verão tradicional em faculdades estrangeiras.

O evento é anual e sempre realizado no verão. Neste ano ocorreu entre 25 e 30 de julho, sendo uma iniciativa do Instituto Universitário Sophia da Itália, por meio de seu Centro Acadêmico Latino-Americano Sophia ALC (América Latina e Caribe). A instituição italiana reuniu no país cerca de 80 universitários da América Latina de diversas graduações com o objetivo de discutir o tema: "As bases teórico-práticas do paradigma da fraternidade: Projeções nas ciências sociais, políticas, econômicas e culturais".

Pela primeira vez o Instituto Universitário Sophia escolheu o Brasil para realizar esse encontro na cidade de Vargem Grande Paulista/SP no Centro de Congresso da Mariapolis Ginetta. As edições anteriores foram realizadas no México, Colômbia e na Argentina. "Para o próximo ano é surpresa, não se sabe

onde será, mas sabemos que todo ano é realizado em julho", afirmou o professor.

Segundo o professor, os participantes tiveram apenas gastos com estadia e alimentação e as palestras foram ministradas num sistema de internato, pois os mesmos dormiam no local. "Foi um evento que não foi gratuito, mas houve um processo seletivo, sendo que eram 60 vagas, 20 para estrangeiros e 40 para brasileiros. Havia tantas vagas para brasileiros porque esse evento foi no Brasil, mas a organização foi de uma faculdade da Itália. Foram seis dias de curso (de segunda a sábado) e o custo total, incluindo alimentação e moradia foi de 200 dólares", afirma Horita. Ele afirma ainda que pagou, além dos 200 dólares, somente as despesas para ir até a escola que eram por conta do próprio participante. O evento contou com profissionais e estudantes de diversas áreas e de vários lugares do mundo.

"Esse 'Summer School' que eu participei foi interdisciplinar, tinha acadêmicos de medicina, acadêmico de mestrado em Ciência Política do México, enfim, tinha até engenheiro nuclear participando, mas a maioria eram pessoas do Direito. Entre 40 a 50% eram estudantes do último ano de Direito. Do Brasil havia estudantes da USP, da



"Summer School é uma escola de férias internacional", diz Horita (Foto: Arquivo pessoal)

Universidade Federal de Sergipe, de Macéio, de Caruaru, de Porto Velho, de Salvador e outras", informou o professor.

Para participar da escola de verão, houve uma seleção criteriosa e os interessados deveriam comprovar que compreendiam a língua italiana e espanhola. Segundo o professor, havia uma tradução simultânea em três línguas: espanhol, italiano e português.

DIREITO E FRATERNIDADE
No ano de 2014 o pro-

fessor Horita foi convidado a palestrar em um evento internacional na Itália. O mesmo palestrou sobre Direito e Fraternidade, tema de suas pesquisas. "No meu último ano de graduação eu fui convidado, através de um professor a frequentar um congresso de Direito e Fraternidade que era na mesma formação, mas não era uma semana, eram dois dias e com alojamento. E nesse evento eu conheci um amigo que pesquisava isso também. Através do convite feito a ele a dar uma palestra

na Itália, perguntaram-lhe se conhecia mais alguém que pesquisava esse assunto e ele se referiu a mim", declara o professor. Devido a esse fato, Horita também foi convidado a participar do Summer School realizado neste ano. O professor acredita que a eficiência e a harmonia da ordem jurídica depende da valorização do ser humano, digno de ser tratado fraternalmente em qualquer setor da sociedade, que é um dos quesitos defendidos pelo movimento Direito e Fraternidade.

O movimento no Brasil

De acordo com o professor Horita, o movimento é laico, existindo no Brasil desde 2008. Muitos juristas, desembargadores e outros profissionais do Direito de renome fazem parte, tais como o Ministro do STF Ayres Britto.

Atualmente o presidente do movimento Direito e Fraternidade é o procurador de justiça Munir Cury, que é um dos elaboradores do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Na área acadêmica, integram este movimento o professor Lafayette Pozzoli do programa de mestrado e doutorado da PUC-São Paulo e a professora Josiane Petry Veronese do programa de mestrado e doutorado da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Em Mato Grosso, Horita é o único representante do movimento. Segundo ele, qualquer pessoa formada em direito pode fazer parte, basta participar das reuniões, integrar-se aos grupos de pesquisa por meio do site do CNPQ ou procurar por ele na faculdade Fasipe. (E.O.S.)

CULTURA

Sinop em seu cotidiano: o poeta Manuel de Barros

MARLI CHIARANI

As releituras desta data celebram a poesia do grande poeta Manuel de Barros, um encantador de palavras, que delira especialmente com as coisas desimportantes. Nesse sentido, os alunos em re-leitura de versos do poeta, também celebraram a beleza presente à sua volta, nas coisas simples e essenciais, crescendo seus poemas.

Os poemas são dedicados especialmente às famílias sinopenses, que junto das comemorações relativas ao aniversário de Sinop, têm motivos extras para comemorar: seus filhos, os jovens morado-



Alunos fazem releituras dos poemas de Manuel de Barros (Foto: Divulgação/Priscila Giolella)

res desta cidade, sabem celebrar o seu valor, registrar a essência da mais bela poesia que atesta o progresso dessa cidade.

Parabéns às famílias sinopenses, cuja luta diária, é a essência da mais bela poesia que atesta o progresso dessa cidade.

O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS

(fragmento da poeta maior-grande Manuel de Barros)

Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim um atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz
por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.



RELEITURA

(releitura da aluna Danielli Sudre)

Tenho respeito pelos meus pais
E minha FAMÍLIA
Brinco com meus animais
E com meus pais
Tenho em mim essa alegria
de nascença
Fui criada para gostar de brincar
Tenho fartura de motivos
para ser feliz
Minha FAMÍLIA é melhor que o mundo
E cabe inteira no meu coração.



RELEITURA

(releitura da aluna Kemilli Galhano da Silva)

Dou respeito às coisas importantes
E também às coisas desimportantes
Prezo FAMÍLIA mais que amigos
Prezo a velocidade das tartarugas
Mais que a internet
Tenho paciência de nascença
Fui ensinada a gostar
Muito de bichinhos
Tenho satisfação de brincar com eles
E minha alegria vem
Especialmente do latido
Daquelas bichinhos que são
O melhor amigo do homem.



CALOR DEMAIS

Com 23 mil focos de calor, período proibitivo pode ser prorrogado

DA REDAÇÃO

O período de proibição das queimadas no campo em Mato Grosso, que começou no dia 15 de julho, encerrou nesta quinta-feira (15). Contudo, a possibilidade do período ser prorrogado será avaliada durante uma reunião entre secretarias, Defesa Civil e o Comitê Estadual de Gestão do Fogo. De acordo com o Corpo de Bombeiros, Mato Grosso registra mais de 23 mil focos de calor entre janeiro e setembro deste ano.

Segundo o comandante do Batalhão de Emergências Ambientais (BEA), do Corpo de Bombeiros, Coronel Paulo Barroso, os focos de calor aumentaram mais de 47% em comparação com o mesmo período do ano passado. Entre os estados da Amazônia Legal, Mato Grosso é o campeão nos registros de foco

de calor, com mais de 23 mil registros. Em segundo lugar aparece Tocantins com pouco mais de 11 mil focos de calor.

"Nós vamos observar as estatísticas de focos de calor e também a condição do clima e previsão climática do trimestre. Ela [a condição climática] é favorável para os incêndios, o risco é maior, mas principalmente pela ação humana", declarou o comandante.

Os focos de calor, conforme o Corpo de Bombeiros, se concentram principalmente nas terras indígenas de Mato Grosso. O trabalho de combate foi feito com 178 bombeiros, 41 veículos e duas aeronaves de combate a incêndio.

"Neste ano fizemos a detenção de quatro pessoas. Enquanto no ano passado fizemos a detenção de duas pessoas. Se a pessoa for responsabilizada [pela queima-

da], ela vai apagar multa que varia entre R\$ 1,5 mil a R\$ 7,5 mil por hectare queimado. A fumaça que respiramos nos últimos dias é proveniente de todos esses incêndios registrados no estado", disse.

Para o comandante do 4º Batalhão de Sinop, major Rony Barros, esse prorrogamento do período proibitivo resultaria em benefícios para a própria população na questão dos atendimentos.

"A prorrogação do prazo vai garantir que a Briga Mista continue funcionando, hoje, tem um bombeiro que fica 24h na Gleba Mercedes e outro para o lado de Claudia, com esse prorrogamento os bombeiros continuarão nessas regiões. Se não houver o prorrogamento, esses bombeiros voltariam e todos os incêndios que ocorrem em volta Sinop que terá que atender", finalizou Major.

CURTINHAS

Prefeito Juarez Costa expõe sua versão quanto a operação do Gaeco

WALYSON OLIVEIRA

Ainda na noite desta quinta-feira (15), o prefeito Juarez Costa (PMDB), realizou uma coletiva de imprensa, na qual prestou esclarecimentos sobre a operação 'Sorrelfa', do Grupo de Atuação Especial Contra o Crime Organizado (GAECO), deflagrada nesta quinta.

Juarez afirmou que seu advogado, Rafael Baldasso, "ainda não tinha e não tem o por que dessa busca e apreensão na minha casa", pontuou Juarez.

O prefeito ainda comentou quanto a uma perfil no Facebook, na qual tem denegrido sua imagem e atribuindo a ele bem materiais, que conforme ele, todos os seus

bens estão declarados no Imposto de Renda.

Teceu críticas aos psdeistas deputado federal Nilson Leitão e ao governador Pedro Taques, e não esqueceu também dos seus ex-aliados que atualmente lhe direcionam ataques na propaganda eleitoral. O Diário terá mais informações na edição de amanhã.

FONTE: Diário Regional

Figura 22 – Matéria divulgada no jornal dia 20 de setembro de 2016.

Cidades

Sinop e Região Norte, terça-feira, 20 de Setembro de 2016 - 4

MT: preço do etanol é um dos três mais atrativos do País

O litro do etanol em Mato Grosso, São Paulo e Minas Gerais segue mais atrativo que a gasolina. No principal Estado da região Centro-Oeste, o litro do combustível derivado da cana de açúcar é visto a R\$ 2,45 em média, o equivalente a 66,04% do preço da gasolina de R\$ 3,71 (média). Os números são da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) com base em pesquisa realizada entre os dias 11 e 17 de setembro. Os preços são resultado do monitoramento realizado em 139 postos localizados em diversos municípios do Estado Alta Floresta (10), Sinop (13), Sorriso (10) e Várzea Grande (20).



Em Sinop, 13 postos passaram pela pesquisa (Foto: Rogério Florentino)

Estado realiza 2.840 cirurgias oftalmológicas

A segunda edição da Caravana da Transformação superou as expectativas da organização e mudou a vida de quase três mil pessoas em Peixoto de Azevedo e outros 18 municípios da região, além de pessoas que vieram do Pará para receber os benefícios em saúde do evento. No total, 2.840 cirurgias oftalmológicas foram realizadas: 2.323 de catarata, 383 de pterígio e 134 de capsulotomia (Vag laser). O número de consultas também alcançou o previsto, registrando 6.747 pessoas.

UFMT ocupa 34ª colocação em "ranking de universidade"

A Universidade Federal de Mato Grosso ocupa a 34ª posição no "Ranking Universitário" deste ano divulgado pela Folha de S. Paulo, nesta segunda (19). Já a Unemat ocupa a 34ª colocação. Esta pesquisa leva em consideração a avaliação de 195 instituições de ensino superior em todo o país, tanto pública quanto privada. São levados em consideração os itens "ensino", "pesquisa", "mercado", "inovação" e "internacionalização".

Valor da cesta básica se estabiliza

SINOP | Após meses de oscilação, pesquisa apontou pequena alta, que representa pouco mais de R\$ 1

JOSÉ ROBERTO GONÇALVES
Com assessoria

O valor da cesta básica sinopense vinha variando bastante neste ano. Em março, maio e julho, os preços eram reduzidos em relação aos meses anteriores de fevereiro, abril e junho. Mas agora, no mês de agosto, foi registrada a primeira estabilidade de 2016, com a alta prevista sendo pequena.

A pesquisa do Centro de Informações Socioeconômicas (Cise), do departamento de economia da Universidade Estadual de Mato Grosso (Unemat), em parceria com a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) Sinop, indica que no mês passado a alta no valor da cesta básica foi de apenas 0,27%, representando um aumento de R\$ 1,09: em julho, o valor era de R\$ 413,61, e em agosto, R\$ 414,70. Este resultado mantém o custo médio da cesta estável e próximo da média histórica.

"Foi um registrado até de certa forma surpreendente, porque prevíamos aquela

tradicional oscilação, algo que não aconteceu em agosto. De certa forma é bom o preço estabilizado, porém é somente os dados colhidos em setembro que dimensionarão de que forma a economia sinopense está reagindo frente a crise brasileira", destaca o economista Udimar Carlos Zabot.

Este mês, foram destaque as altas nos preços da banana (34,10%), da manteiga (20,28%), do café (11%) e da carne (2,42%). Por outro lado, houve queda nos preços do feijão (-19,98%), do óleo de cozinha (-9,39%), do tomate (-7,27%), do arroz (-5,17%) e da batata (-3,97%).

Este resultado contrasta com o que se observa em outras regiões. Segundo dados do Departamento Inter-sindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), o custo da cesta básica se manteve estável em São Paulo (-0,03%), e apresentou queda em Goiânia (-3,15%).

Por outro lado, houve alta em Brasília (0,88%), Campo Grande (2,44%) e Curitiba



Cesta básica registra leve alta de 0,27% em agosto (Foto: Divulgação)

(2,40%). Na capital mato-grossense, aliás, o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea) apontou que alta de apenas 0,2% em

agosto, passando a custar R\$ 448,90.

COMPARATIVO
Os números dos últimos

seis meses apontam a seguinte variação da cesta básica em Sinop: em março, o valor era de R\$ 386,35, subindo para R\$ 420,26 em abril; no mês se-

guinte, queda para R\$ 399,32, com nova alta de R\$ 441,18. Já em julho o valor caiu para R\$ 413,61, e agora o reajuste deixou a cesta a R\$ 414,70.

CULTURA

Sinop em seu cotidiano: releituras de Drummond

MARLI CHIARANI

Continuando com a apresentação de nossas releituras, seguimos homenageando Sinop, transformando cenas comuns do cotidiano em poesia.

As produções de hoje dialogam com o grande poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, que apresenta aspectos pitorescos de uma Cidadezinha Qualquer. Tempos houve que aqui em Sinop, certamente, o ritmo era outro; tudo acontecia devagar também, talvez sem-lhamente ao que o poeta expôs, talvez não.

O fato é que, cada um de nós tem, ao abrir suas janelas, possibilidades diversas de contemplar o que se passa ao nosso redor.

E, enquanto caminhamos, que caminhemos devagar para dar tempo de perceber a poesia disposta em nossos caminhos.

As releituras desta terça (20) são uma homenagem dedicada a todos que ganham a vida preparando alimentos. Também para tantas mulheres – donas de casa zelosas – que cozinham com amor e expressam poesia sem palavras; e sim com aromas e sabores diversos.



Imagens representam cotidiano atual em releituras do poeta brasileiro (Foto: Reprodução)

CIDADEZINHA QUALQUER

(Carlos Drummond de Andrade)

Casas entre bananeiras
Mulheres entre laranjeiras
Pomar amor cantar.
Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.
E a vida besta, meu Deus

**PADARIA QUALQUER**

(releitura de Gabriela Rissardi)

Padeiros entre assadeiras
Mulheres virando confeiteiras
Bolos, calor, sonhos
Um pão cresce devagar
Tem bolo a confeitaria
Sonhos a embalar
Ansioso, o freguês a esperar.
E a vida gostosa, meu Deus!

**UMA COZINHA QUALQUER**

(releitura de Gustavo Paschoalin Dias)

Mantimentos entre preocupações
Cozinhar, amor, temperos
A comida cozinha devagar
A geladeira esvazia nem tão devagar
E a fome a acelerar
Devagar... a fome passa.
E a vida farta, meu Deus!

**UM TRAILER QUALQUER**

(releitura de Luiz Guilherme Morais)

Mesas entre cadeiras
Lanches entre cardápios
Pessoas entre garçons
Anotar, servir, conversar
Um homem come devagar
Uma mulher come devagar
Uma criança come devagar
Devagar... as horas passam
(pois estou trabalhando)
E a vida horas lentas, meu Deus!



CONGRESSO CIENTÍFICO

Fasipe realiza 8º Concipec

DA REDAÇÃO
Com assessoria

Estão abertas as inscrições para o VIII Concipec (Congresso Científico Fasipe), que será realizado de 20 a 23 de setembro. Durante os quatro dias de evento haverá palestras, minicursos, workshops e exposição de banners promovidos pelos cursos da instituição. Serão atividades nos cursos de Administração, Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Arquitetura e Urbanismo, Biomedicina, Ciências Contábeis, Direito, Educação Física (bacharelado e licenciatura), Enfermagem, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Estética, Farmácia, Fisioterapia, Gastronomia, Jornalismo, Nutrição, Odontologia e Psicologia.

A palestra de abertura, no dia 20, é com o palestrante motivacional Dill Casella. Antes de dedicar-se exclusivamente a essa carreira, Casella foi por 15 anos executivo de empresas multinacionais e nacionais de destaque no

cenário empresarial (Fast Engenharia, Lafarge Group e Grupo Camargo Corrêa) – de Engenharia de Vendas Técnicas a Diretor Comercial, fundador e mantenedor, por 10 anos, de instituição de ensino – Educação Infantil e Fundamental I e professor em instituições de pós graduação – nas disciplinas "Planejamento, Seleção e Captação de Talentos" e "Liderança e Comportamento Gerencial". "Ele vai trazer motivação ao profissional, animação, tudo através de dinâmicas. O Dill Casella mostra ao público que aquilo que a pessoa faz com entusiasmo dá certo", explica a organizadora do Concipec, Yara Dahmer.

O evento será realizado na quadra esportiva da Faculdade Fasipe, a partir das 19h. Mais informações sobre inscrições no Centro de Planejamento, Pesquisa e Extensão (CPPE), inserido no Serviço de Atendimento Acadêmico (SAA), ou pelo telefone (66) 3517-1320 – a carga horária é de 25 horas.



Evento começa hoje com palestra de Dill Casella (Foto: Arte/Divulgação)

Como a proposta deste trabalho visa ao letramento literário e, assim, dar ao gênero poema, maior presença entre os alunos nos mais variados momentos em diferentes aulas, mas especialmente nas de Língua Portuguesa, selecionaram-se releituras representativas de todos os poemas e telas trabalhadas para organizar em painel a ser exposto em diferentes ambientes escolares, mas em especial na biblioteca. Para tanto, a professora pesquisadora selecionou os poemas, informou aos alunos qual o texto dele contemplado para o painel e para o qual, ele deveria pesquisar uma imagem em associação temática; fazendo aqui o inverso do que se fez com a produção poética relativa às telas de Mari Bueno. Tinha-se o seu próprio texto e a tarefa agora era pesquisar uma imagem em diálogo com este.

O material selecionado foi encaminhado para gráfica, organizado em modelo explicado pela pesquisadora e impresso em painéis de tamanho 1,50 X 2,00. Espera-se que a beleza plástica do painel seja um atrativo para a aproximação da comunidade escolar ao texto poético que ele exhibe e, assim, reforçar as ações de letramento literário. Tinha-se a pretensão de exibir estes painéis, expostos a seguir, antes de fixá-los nos ambientes escolares, em locais públicos diversos na cidade, durante o mês de setembro, em homenagem ao aniversário do município, como parte das comemorações, porém, isto não foi possível, visto o não término das releituras em tempo hábil para tal.

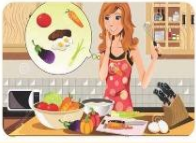
Figura 23 – Painel de divulgação – poema 1

RELEITURAS DO POEMA CIDADEZINHA QUALQUER



Padaria qualquer
Padeiros entre assadeiras
Mulheres virando confeiteiras
Bolos, calor, sonhos
Um pão cresce devagar
Tem bolo a confeitar
Sonhos a embalar
Ansioso, o freguês a esperar.
Eta vida gostosa, meu Deus!
(Gabriela Rissardi Mazeto)

Uma cozinha qualquer
Mantimentos entre preocupações
Mulheres entre panelas
Cozinhar, amor, temperos
A comida cozinha devagar
A geladeira esvazia nem tão devagar
E a fome a acelerar
Devagar... a fome passa.
Eta vida farta, meu Deus S2
(Gustavo Paschoalin Dias)





Uma sala de aula qualquer
Alunos entre carteiras
Carteiras entre alunos
Estudar, bagunçar, conversar
Um menino bagunça demais
Outro menino bagunça demais
E as meninas gritam cada vez mais
Devagar... a professora perde a paciência
Eta vida barulhenta, meu Deus!
(Maryane Andrade Bossa)

Um trailer qualquer
Mesas entre cadeiras
Lanches entre cardápios
Pessoas entre garçons
Anotar, servir, conversar
Um homem come devagar
Uma mulher come devagar
Uma criança come devagar
Devagar... as horas passam
(pois estou trabalhando)
Eta que horas lentas, meu Deus!
(Luiz Guilherme Morais)



Cidadezinha Qualquer
Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.
Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus.
(Carlos Drummond de Andrade)

Sala de aula qualquer
Alunos entre salas
Mulheres dando aula
Estudar, estudar, estudar
Um aluno escreve devagar
Outro aluno escreve devagar
A professora escreve não tão devagar
Devagar a hora passa
Eta vida lenta, meu Deus!
(José Roberto Bonafina Ribeiro)



Metrópole qualquer
Casas entre edifícios
Pessoas imprimindo ofícios
Buzinas a tocar
Um carro vai devagar
Um táxi vai devagar
Uma moto vai não tão devagar
Devagar... o congestionamento anda.
Eta vida dura, meu Deus!
(Paulo Henrique Bohnen Fruhling)





Horseshoe qualquer
Casas entre siringueiras
Famílias entre figueiras
Flores amor cuidadas
Vários homens a desmatar
Muitas riquezas a explorar
Um Deus a chorar.
Devagar... As árvores morrem
Eta "horse" besta, meu Deus!
(Jelly Artista do Nexo Imaginário)

Uma cidade qualquer
Escolas em bairros,
Faixas de pedestres em ruas,
Cidade cheia de amor.
Uma loja abre devagar,
Um vendedor não anda devagar,
Um chafariz espirra água devagar,
Depressa o dia passa...
Eta cidade boa, meu Deus!
(Luiz de Oliveira Júnior)



PROJETO DE MESTRADO - PROFLETRAS UNEMAT/SINOP -
DESENVOLVIDO NA ESCOLA ESTADUAL OLÍMPIO JOÃO PISSINATI GUERRA.
MESTRANDA: MARLI CHIARANI
ORIENTADOR: PROF. DR. HENRIQUE RORIZ AARESTRUP ALVES

FONTE: A autora.

Figura 24 – Painel de divulgação – poema 2

RELEITURAS DO POEMA O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS



Dou respeito às coisas desimportantes
E aos seres desimportantes
Prezo pequenas formiguinhas
Mais que grandes caminhões
Prezo a velocidade de uma lesma
Mais do que a da luz
Tenho dentro de mim essa vagareza
Eu fui criada assim
Para gostar de cantar dos passarinhos
Tenho orgulho e sou feliz por isso
Meu quintal, meu mundo, meu sossego.
(Amanda Leticia Turatti da Silva)

Dou respeito aos seres humanos
E às coisas bonitas da vida
Prezo a natureza mais do que qualquer coisa.
Prezo a amizade
Dos cachorros e dos gatos.
Tenho em mim essa marca de nascença
Eu fui criada
Para aprender a voar.
Tenho tendência de ser alegre por isso
Minha imaginação é maior que o mundo.
(Ándria Mendes da Silva)





Dou respeito aos bichos que latem
Aos seres de quatro patas
Gosto de animais mais que de tecnologia
Ando com cuidado
Tenho essa mania de nascença
Fui criada para me alegrar com amizade fiel
Por isso gosto tanto de animais
Me orgulho de ser amiga dos bichos
Minha alegria é maior que o mundo, é grande demais.
(Gabriella Rissardi Mazeto)



Dou respeito aos animais
Dou grande atenção aos pequeninos
Não me importo com as diferenças
Apreto todos de todos os tipos mais que os próprios
Prezo a natureza
Dou atenção mais que tudo
Sobretudo respeito ao dono
Eu fui criada para cuidar, para ser humilde
Tenho gentileza e respeito aos animais
Sobretudo respeito ao dono que me ajudou
O dono é maior que o mundo
(Carla Henrique Alves)

Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
Prezo insetos mais que aviões.
Prezo a velocidade
das tartarugas mais que a dos mísseis.
Tenho em mim esse atraso de nascença.
Eu fui aparelhado
para gostar de passarinhos.
Tenho abundância de ser feliz por isso.
Meu quintal é maior do que o mundo.
(BRUNO DE BUENOS - EXCERTO DE O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS)



Não dou respeito às coisas bonitas
Gosto do que é ruim
Prezo mais quem que funciona
Prezo as coisas rápidas
Prefiro coisas mais que lentas
Tenho mais a velocidade
Fui criada
Para gostar de rápido
Sou feliz por isso
Se mundo tem mais velocidade
Não mais que sou mais rápido e pensante
(João Roberto Ribeiro)

AMAZÔNIA
Dou valor aos meus habitantes
Os animais muito importantes
Prezo insetos mais que construções
Prezo a velocidade
De meus rios mais que a dos carros
Tenho em mim a força da natureza
Eu já fui desmatada
Porém, hoje sou replantada.
Tenho em abundância os meus frutos
E sou feliz por ser um dos pulmões do mundo
(JULIA LUCIANA SOUZA OLIVEIRA)





Dou respeito às coisas desimportantes
Sou feliz mais com seres desimportantes
O galo, o macaco e o coelho
Cada um a sua maneira que o eu
Prezo a natureza
Sou feliz mais quem que se realimenta
Tudo em mim com gosto de natureza
Eu fui aparelhada para gostar de natureza
Sou feliz mais quem que se realimenta
Sou feliz mais quem que se realimenta
Sou feliz mais quem que se realimenta
Sou feliz mais quem que se realimenta
(Davi Antonio de Deus Jurema)

Dou respeito às pessoas desimportantes
E aos seres desimportantes
Prezo pobres mais que ricos
Prezo a humildade
Mais que o dinheiro
Tenho em mim esse pensamento de nascença
Eu fui aparelhada
Para gostar de rejeitados
Tenho abundância de generosidade em mim
Meu amor é maior que o de muita gente
Sou feliz por isso.
(DANIELI URSULINO SUDE)



PROJETO DE Mestrado - PROFLETRAS UNEMAT/SINOP -
 DESENVOLVIDO NA ESCOLA ESTADUAL OLÍMPIO JOÃO PISSINATI GUERRA.
 MESTRANDA: MARLI CHIARANI
 ORIENTADOR: PROF. DR. HENRIQUE RORIZ AARESTRUP ALVES

Figura 25 – Painel de divulgação – poema 3

RELEITURAS DO POEMA PREGUIÇA



Meu sonho - Gustavo Paschelein Dias

O meu sonho bate no peito
A felicidade aumenta;
A vida de Sinop
Em cada noite, penas verdes
Em cada arara, uma pena de cada cor;
Diz Tróia, o rei de céu, até a nuvem e a galinha fica o sabor...
O dia passa e o vento balance as árvores
O tempo acontece
A noite chegou
Melhor sensação
Que meu sonho já aprecia
Que nos olhos escuros
Que tudo ligou.

Preguiça - Luiz de Oliveira Júnior

O sono bate no olho
O corpo vai se deitar
Na varanda de Sinop.
A boca seca do calor
Se entrega no sabor
De um doce guarani.
Muitos sonhos se passavam,
E a tarde anunciava,
Que a noite lá chegava.
Melhor paisagem que já vi,
Foi o sol se abalar,
E a lua protagonista.





Fim de tarde - Victor Teixeira Ramos Alves

A preguiça bate no corpo
O corpo bate na cama
Pra meu quarto deitar
Acorda incalculada música
A tarde anuncia
Que a noite está para chegar
Hora de se arrumar para o pizzeiro vazar...
Esta que o destino lei bom!
Foi o melhor programa
Que meus olhos já viram
Meus ouvidos ouviram
Minhas memórias guardaram.

Calor no Mato Grosso - Eduardo Mauricio

O sono não vem
O corpo fica fraco
mesmo calor em Sinop.
Em cada peso o calor.
A boca resaca da seca
Dado em minha rede
Para um sonho jogar.
Nesse ritmo, minha vida
Está a passar...
Melhor esquema que eu já sei!
E antes de ir dormir
Não só vai e por do sol lá ir
Mas também por um game para me distrair!



**O sono bate nos olhos,
o corpo bate na rede,
varanda de Cuiabá.
Em cada poro o calor,
a boca guarda o sabor
do almoço curimbata.
Balança a rede e o dia,
enquanto a tarde anuncia
a noite que vai chegar...
Melhor programa
que o meu olho já viu
é antes de ir jantar,
ver o sol morrer no rio.**

LUCIFER CARVALHO



Preguiça - Matheus Leandro E. João

O cansaço cai no corpo
Na rede chega um momento
Que não aguentamos mais
Nossos joelhos
Mas para aguentar nos obrigam
Chega preguiça, vai da rede!
Na verdade não tem tempo
Não tem ali alguma coisa
Chega desse cansaço
E chega desse sono
Porque na preguiça segue todo mundo
Nossa mente está perdida
Vão ter até preguiça de respirar
Que dia então estudar e trabalhar?

Calor - Geovana Espindola Mendes

O sol bate na varanda
Anunciando que o dia chegou
Na tropical cidade do Sinop.
E, dia após dia, todo dia esse calor...
O suor cai do rosto, o dia já vai acabar
E a noite desce
Hora de parar, conversar e um lererê tomar...
Mais tarde a noite silenciosa,
Lego mais um novo dia com mais calor vai chegar
Por isso, melhor programa de domingo,
Antes de dormir:
Um banho, no Teles Pires, tomar





Amor - Danielli U. Sudre

O amor bate no coração,
A harmonia bate no pensamento,
Cidade do SINOP
Em cada lugar e calor,
A boca falanda de labor
Do pensamento SINOPENSE
A vontade de vencer
E fazer essa cidade crescer
Melhor decisão
Que meu coração tomou
Foi antes de ir para outro lugar
Vir para cá, um SINOP e por essa cidade lutar.

Preguiça - Emily Antunes da Rosa Joergensen

O cansaço bate no corpo
E o corpo bate na cama
Na casa de Sinop
Em cada rede o calor
A boca ainda guarda esse sabor
De bom feijão com arroz
Acolha o espalante e o dia
Enquanto a tarde protagonista
A noite que vai chegar
É a melhor sensação
Que o meu coração já sentiu
E antes de ir dormir
Dar a benção e aos meus pais abraçar.



PROJETO DE MESTRADO - PROFLETRAS UNEMAT/SINOP -
DESENVOLVIDO NA ESCOLA ESTADUAL OLÍMPIO JOÃO PISSINATI GUERRA.
MESTRANDA: MARLI CHIARANI
ORIENTADOR: PROF. DR. HENRIQUE RORIZ AARESTRUP ALVES

FONTE: A autora

Figura 26 – Painel de divulgação – poema 4

RELEITURAS DO POEMA DOIS MAÇOS DE ALFACE



Dois tempos da partida de futebol
Luiz de Oliveira Junior.

Mas que de crianças
Experimento, não consigo.
Deixei que me viciu,
Carioca e amigo da escola,
Pensamento
Antes do jogo,
Alargamento,
Três vezes corajoso,
Bela vida,
Dei um chute,
Foi para fora,
Três vezes a disparado,
Daquele chute a pé de um pé de pau,
45 minutos - Pênalti

Temer, recomeço
Bem, dizem,
Bela vida,
Calmeza e falta
Coluna endurecida,
Droga!!
Apêndices masculinos
E de pensamentos...
Chaves apertadas,
Bela vida,
Bem, dizem,
Calmeza e falta
Coluna endurecida,
Droga!!
Apêndices masculinos
E de pensamentos...
Chaves apertadas,
Bela vida,
Bem, dizem,
Calmeza e falta
Coluna endurecida,
Droga!!
Apêndices masculinos
E de pensamentos...
Chaves apertadas,

(Dele, brincar, recomeço)

*Al daqueles que não gostam de brincar,
Al daqueles que não gostam de futebol,
Al daqueles que não gostam de vida.*

Dois itens de maquiagem - Kemil Galhano da Silva

Dois itens de maquiagem
Importantes
Máscara e batom
É o que eu preciso para me embelezar
Passo com cuidado
A máscara para realçar
A beleza em mim
Tiro os borrados do meu batom
Mela hora é o tempo que eu preciso
Para terminar de me arrumar
E então ir pra escola estudar

*Al daqueles que não se embelezam
Al daqueles que não se valorizam
Al daqueles que não se acham nada.*





Dois traços de um lápis - Paulo Henrique Bohnen Fröhling

Dois traços de um lápis
São traços
É tudo que preciso
Para cada desenho que faço
São traços bonitos de traço
Traço
Com minha lapiseira
Dois traços de um lápis
Um traço realista
O outro é pequeno
Mas
Quando desenho
Perco a noção do tempo
O tempo para desenhos
O tempo para existir
E tudo mais

*Al daqueles que não desenharam
Al daqueles que não existem
Al daqueles que não têm criatividade*

Dois segundinhos de promessas
Richard José Domingues Apolinário

Dois segundinhos para te explicar
O que eu não entendo
Fala um do lado do outro
Mas no verdade não é isso não.

Tem pessoas que eu alugo
Entra no dia
A pessoa não trabalha
Com o tempo, perdidos e perdidos.

Tem pessoas que eu alugo
Entra no dia
A pessoa não trabalha
Com o tempo, perdidos e perdidos.

Dois segundinhos de promessas
Depois não dá para
E não volta a população
Dele volta e não entende a vida.

Al daqueles que não pensam em trabalhar na população,
Al daqueles que não pensam em trabalhar na população,
Al daqueles que não pensam em trabalhar na população.



Dois maços de alface
Dois maços de alface
Infinito
é o tempo de que preciso
para cada coisa que faço
São dez horas da manhã
lavo
com fé religiosa
dois maços de alface
a dimensão da atividade
e pequena
mas
enquanto deslizo
os rosários de bactérias
da tempo de pensar na vida
do tempo de pensar na morte
e ainda muito mais.

*Al daqueles que não pensam na vida
Al daqueles que não pensam na morte
Al daqueles que não pensam em nada.*

LUCINDA PERSONA

Duas canetas - Raquel Eloisa Barbosa da Luz

Dois canetas
Poderosas, felizes
É com elas que eu escrevo
E com elas que eu faço o mundo
São 2 traços de traço.
Escrita e escrita
Com facilidade

Dois canetas
Poderosas, felizes
É com elas que eu escrevo
E com elas que eu faço o mundo
São 2 traços de traço.
Escrita e escrita
Com facilidade

Dois canetas
Poderosas, felizes
É com elas que eu escrevo
E com elas que eu faço o mundo
São 2 traços de traço.
Escrita e escrita
Com facilidade



Quando lavo a calçada - Geovana Espindola Mendes

Quando lavo a calçada
Enquanto lavo a calçada
Da tempo de pensar nas barradas
E nos buns altos também
De momentos, por exemplo,
"E se eu pudesse voltar no tempo?"
Iria viver cada vão momento
Consertar as coisas erradas que fiz
Mas também penso "como era minha família que não conheci?"
"Aqueles que partiram e já não estão mais aqui?"
Pensar é preciso, mas não viver cada pensamento bom
É falta de juízo.



Dois dedos de prosa - Thaynara Lara Jordan

Dois dedos de prosa
Infinidamente
Fico o dia inteiro teclado
Respondendo as amigas e
O tempo passando
São 1h da noite
Minha mãe
Manda eu ir dormir
Mas não tô nem aí...
As pessoas
Não
Podem ficar no vácuo
Então deito na cama
Penso nos boys
Penso nas talaricas
E ainda nas inimigas.

*Al daqueles que não me respondem
Al daqueles que já foram dormir
Al daqueles que me chamam no privado
(eu não tô nem aí)*



Duas mil cabeças de boi - Carlos Henrique Alves

Dois mil cabeças de boi
Dois mil cabeças de boi
Para cada coisa que eu faço
São 2 traços de traço.
Escrita e escrita
Com facilidade

Dois mil cabeças de boi
Dois mil cabeças de boi
Para cada coisa que eu faço
São 2 traços de traço.
Escrita e escrita
Com facilidade

Dois mil cabeças de boi
Dois mil cabeças de boi
Para cada coisa que eu faço
São 2 traços de traço.
Escrita e escrita
Com facilidade



PROJETO DE MESTRADO - PROFLETRAS UNEMAT/SINOP -
DESENVOLVIDO NA ESCOLA ESTADUAL OLÍMPIO JOÃO PISSINATI GUERRA.
MESTRANDA: MARLI CHIARANI
ORIENTADOR: PROF. DR. HENRIQUE RORIZ AARESTRUP ALVES

FONTE: A autora

Figura 27 – Painel de divulgação – poema 5

RELEITURAS DE ACLYSE DE MATTOS E MARLI WALKER

José Roberto Benedito Ribeiro

O inverno de Mato Grosso é o tempo ideal
A neve está lá no céu
que caem de lá branco
Cidades, vilas, malocas
Ficam, durante dias,
Resolventes de nevo branco
Pararam no chão as florestas
Das montanhas de Mato Grosso

O vento nasce carregado de neve para longe
Colando em cada canto
Um resplendor de neve mato-grossense.

As pessoas se admiram no ver
Tão logo a neve...

O inverno
De lá
Do norte
Do Brasil
Nossa terra



Andria Mendes da Silva

O inverno de Mato Grosso é o tempo ideal
A neve está lá no céu
que caem de lá branco
Cidades, vilas, malocas
Ficam, durante dias,
Resolventes de nevo branco
Pararam no chão as florestas
Das montanhas de Mato Grosso

O vento nasce carregado de neve para longe
Colando em cada canto
Um resplendor de neve mato-grossense.

As pessoas se admiram no ver
Tão logo a neve...

O inverno
De lá
Do norte
Do Brasil
Nossa terra



O valor de Mato Grosso está nos matos
Paisagem de Mato Grosso é o tempo ideal
A neve está lá no céu
que caem de lá branco
Cidades, vilas, malocas
Ficam, durante dias,
Resolventes de nevo branco
Pararam no chão as florestas
Das montanhas de Mato Grosso

O vento nasce carregado de neve para longe
Colando em cada canto
Um resplendor de neve mato-grossense.

As pessoas se admiram no ver
Tão logo a neve...

O inverno
De lá
Do norte
Do Brasil
Nossa terra



O valor de Mato Grosso está nos matos
Paisagem de Mato Grosso é o tempo ideal
A neve está lá no céu
que caem de lá branco
Cidades, vilas, malocas
Ficam, durante dias,
Resolventes de nevo branco
Pararam no chão as florestas
Das montanhas de Mato Grosso

O vento nasce carregado de neve para longe
Colando em cada canto
Um resplendor de neve mato-grossense.

As pessoas se admiram no ver
Tão logo a neve...

O inverno
De lá
Do norte
Do Brasil
Nossa terra



ACLYSE DE MATTOS

O inverno de Mato Grosso é o tempo ideal
A neve está lá no céu
que caem de lá branco
Cidades, vilas, malocas
Ficam, durante dias,
Resolventes de nevo branco
Pararam no chão as florestas
Das montanhas de Mato Grosso

O vento nasce carregado de neve para longe
Colando em cada canto
Um resplendor de neve mato-grossense.

As pessoas se admiram no ver
Tão logo a neve...

O inverno
De lá
Do norte
Do Brasil
Nossa terra



Vitória Pedrosa Blos

O calor de Sinop é muito quente
O frio de Mato Grosso é a pó
Cidades, vilas, malocas
Ficam muito tempo
Resolventes de nevo
O calor sempre vive no ar
O marrom da madeira também está no ar
E o pó vai pelo ar se espalhando
Os carros andam devagar
Como tartarugas da Amazônia
Bem pouco enxergam diante de si
Esta poeira cinza, meu Deus!

Thaynara Lara Jordan e Milena de Araújo Ribeiro

As ruas de Mato Grosso são estragadas,
Alguns são ruas e outros são terrenos,
Caminho, molha e bicicletas
Passam por elas e ficam cheias de poeira.
A poeira fica no ar
E demora a baixar.
Logo o tempo das águas se agrava
Comédias de lama se formam.
No asfalto, poeira de lama vão aparecendo.
Os carros milimétricos
No choverão, saíram da poeira que caiu o ar.
No asfalto, os pensamentos se chocam.
Tanto se chova, quanto se seca,
Mato Grosso é uma rua estragada.

Os pensamentos:
A água
Poeira



MARLI WALKER

O endereço verde das tuas ruas
Nos salva da derrubada
Enche de mata a calçada

O endereço verde das tuas ruas
Nos salva da derrubada
Enche de mata a calçada

O endereço verde das tuas ruas
Nos salva da derrubada
Enche de mata a calçada



O endereço verde das tuas ruas
Nos salva da derrubada
Enche de mata a calçada

O endereço verde das tuas ruas
Nos salva da derrubada
Enche de mata a calçada



O endereço verde das tuas ruas
Nos salva da derrubada
Enche de mata a calçada

O endereço verde das tuas ruas
Nos salva da derrubada
Enche de mata a calçada



O endereço verde das tuas ruas
Nos salva da derrubada
Enche de mata a calçada

O endereço verde das tuas ruas
Nos salva da derrubada
Enche de mata a calçada



PROJETO DE MESTRADO - PROFLETRAS UNEMAT/SINOP -
DESENVOLVIDO NA ESCOLA ESTADUAL OLÍMPIO JOÃO PISSINATI GUERRA.
MESTRANDA: MARLI CHIARANI
ORIENTADOR: PROF. DR. HENRIQUE RORIZ AARESTRUP ALVES



A *expansão*, última etapa da sequência expandida, prevê o diálogo das leituras realizadas com outra obra, podendo ser uma música, que é o caso do que se fez nesta sequência. O vídeo com a música *A banda*, de Chico Buarque de Holanda (<https://www.youtube.com/watch?v=WZWcpEgJZAY>) foi assistido e os alunos relataram que a música tem a capacidade de transformar coisas tristes, de alegrar as pessoas. Em especial as meninas falaram que a temática da música que a banda tocava era o amor e que esse sentimento é que era o responsável por animar as pessoas. Que, sem amor, a vida é mais triste. Depois, solicitou-se que eles observassem a presença de elementos do cotidiano na música em diálogo com a temática estudada nos poemas e reconhecessem possibilidades de intersecção entre imagem, poema e música. Sobre isso falaram do sofrimento das pessoas, da moça sonhadora, do “pizeiro” da molecada, da velhice, enfim das coisas que constituem a rotina da vida diária das pessoas em geral.

Depois dessas conversações, iniciaram a pesquisa por letras de músicas que também estivessem, de alguma forma, relacionadas com os temas apresentados nos poemas. Essa atividade deu-se no laboratório de informática, nos computadores ou nos celulares dos alunos. Algumas músicas foram ouvidas, dentre as quais, citam-se: *Dias de luta, dias de glória* de Charlie Brown Jr. (<https://www.youtube.com/watch?v=zuaX4QT6rzg>), sobre a qual, um grupo comentou que fala de trabalho, de sonhos, da luta que faz parte da vida de todas as pessoas que querem vencer na vida. O refrão “Histórias, nossas histórias/dias de luta, dias de glória” foi apontado por uma aluna como a síntese dos conteúdos abordados nos poemas lidos.

Outra música referida e selecionada para aqui constar é *Rap do mensalão* de Gabriel o Pensador (<https://www.letras.mus.br/gabriel-pensador/311657/>), que foi justificado pelo grupo em razão de trazer questões relativas à política bem presentes à época da pesquisa, uma vez que se estava em época de campanha eleitoral. Um aluno comentou da oposição que há entre o discurso e a prática dos políticos (inclusive é o mesmo aluno que já abordara esse tema em uma releitura⁴ (ver Releitura completa do poema 4, no

⁴ Tem candidato que promete/Mas não cumpre não/E o que mais acontece/É a tal da corrupção.

painel, de autoria de Richard José D. Apolinário). Abordaram a diferença na condição econômica de quem “rala” e dos políticos que se valem do cargo para enriquecer ilicitamente, o que, infelizmente, faz parte de nosso cotidiano.

Depois da apresentação das músicas, os grupos foram orientados para pesquisarem conceitos de videopoemas (ou infopoesia) na internet. Cada aluno deveria copiar, no mínimo, dois conceitos diferentes para posterior socialização, quando a professora reforçou o entendimento. Depois, houve a visualização de *Greve*, de Augusto de Campos (<https://www.youtube.com/watch?v=TWveGYGbe5Y>) e *Tuiuiu*, de Lucinda Persona (<https://www.youtube.com/watch?v=RSiBb-POAwI>) em versão digital produzida por Ademir Juvêncio da Silva. Os alunos consideraram interessante a associação que houve com as imagens e também os efeitos na apresentação do texto. Já começaram a falar de quais de seus poemas gostariam de transformar em videopoema. Houve meia hora para pesquisa e visualização de outros videopoemas a fim de que alargassem seus entendimentos e expectativas para a produção.

Antes de terem definido que poema usar como base, para a produção do seu videopoema, foram apresentados, aos alunos, dois aplicativos de celular – o viva vídeo e o *slideshow* – com orientações sobre sua instalação e modos de manuseio para a composição dos vídeos. Não demorou muito para que alguns alunos soubessem manejá-lo bem a ponto de constituírem-se como monitores auxiliando colegas para compreenderem suas ferramentas, bem como auxiliando a organização dos vídeos de alunos que não dispunham de celular para tal função. Estas aulas foram produtivas e inquietas, pois havia várias atividades acontecendo simultaneamente e exigindo intervenções, a todo tempo, da professora tanto para correções e ajustes às produções das releituras, como para aprovar ou auxiliar alguns alunos em relação à escolha das imagens, outros querendo opinião sobre qual poema recriar e alguns já solicitando apreciação das primeiras versões dos vídeos. Por isso, esta etapa desenvolveu-se, como na contextualização e segunda interpretação, bastante desgastante, mas muito produtiva.

Para facilitar o contato e intervenções em dias que não havia aula, já que os ritmos de produção eram distintos, criou-se um grupo de *WhatsApp*. Também porque muitos finalizavam a tarefa em casa, onde alegavam ter uma

internet de melhor qualidade. É importante registrar aqui a opção pelo uso do aplicativo de celulares para a confecção dos vídeos, como forma de driblar a dificuldade imposta pelo programa *Linux*, o qual não dispõe de ferramenta de edição de vídeo. E, nesse sentido, então, o *WhatsApp* mostrou-se muito útil, pois vários alunos editavam os vídeos, compartilhavam no grupo, solicitando auxílio ou avaliação. Quando da sua criação, orientou-se sobre o que era permitido e o que não era permitido neste grupo. Muitos alunos adicionaram os pais, pois como o celular de muitos deles é de melhor qualidade que o dos filhos, estes produziram os vídeos nos aparelhos ou do pai ou da mãe e, assim, para enviá-los e sujeitar às considerações da professora, valeram-se dessa estratégia de adicionar (mesmo que momentaneamente) os pais ao grupo. Observou-se a eficácia desse aplicativo para muitas ações, como lembrar a eles sobre levar o material específico do projeto para as aulas, compartilhar fotos de diferentes momentos da execução da proposta, em especial da visita à galeria e catedral e indicar as correções necessárias aos vídeos. Muitas vezes, foram editados vídeos com erros ortográficos, apesar de o poema já estar corrigido e o aluno ter a versão corrigida em mãos para fazer esta nova tarefa, revelando falta de atenção para esta particularidade. Alguns alunos não atenderam a todas as correções solicitadas; alguns poucos não fizeram o vídeo, mesmo tendo sido convocados fora do horário com monitoria e celular emprestado com aplicativo para realização da tarefa. As estratégias de correção adotadas, seja para as releituras como para a edição dos vídeos, foram a indicativa e a textual-interativa (RUIZ, 2015)⁵ É possível afirmar a recepção positiva que a possibilidade de uso de celulares e a tecnologia, em geral, na sala de aula provocam entre os alunos. No entanto, a grande maioria não consegue se concentrar efetivamente para o uso didático do aparelho de celular ou o próprio computador, pois, em algumas ocasiões, apesar de terem

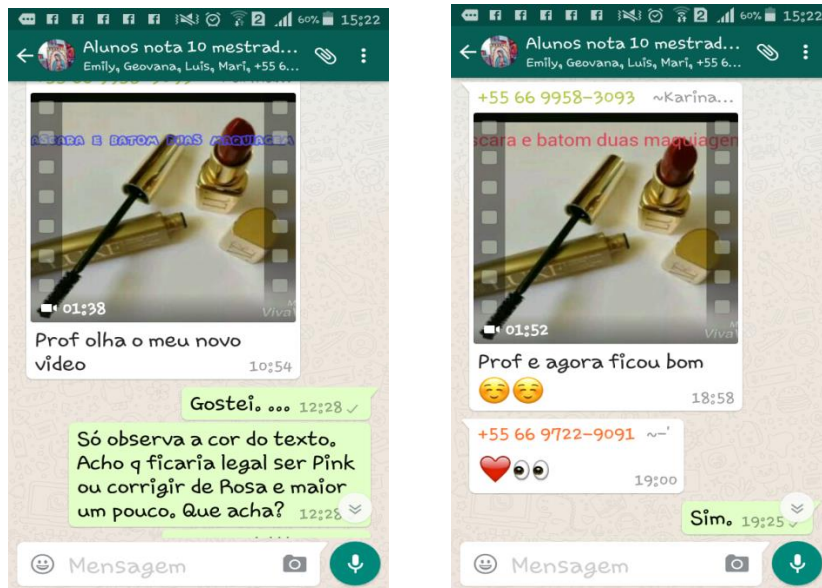
⁵Ruiz (2015), em sua pesquisa de Doutorado, descreve quatro tipos de estratégias de correção. A indicativa “aponta os problemas para o aluno. (...), ocorrem tanto na margem do texto do aluno (tal qual postula Serafini), como no próprio corpo da redação” (p. 36). Já a textual-interativa apresenta comentários mais longos do que os que se fazem na margem, razão pela qual são geralmente escritos em sequência ao texto do aluno (no espaço que aqui apelidei de “pós-texto”). Tais comentários realizam-se na forma de pequenos “bilhetes” (manterei as aspas, dado o caráter específico desse gênero de texto) que, muitas vezes, dada sua extensão, estrutura e temática, mais parecem verdadeiras cartas.

comando claro do que pesquisar, a tarefa escolar era preterida para, às escondidas, tentar jogar ou acessar a sites de assuntos diversos não relacionados ao tema em pesquisa.

Nesse sentido, é preciso persistência do professor para que não se abandonem os objetivos elencados em aulas com o uso das tecnologias, pois, não raro, a internet é lenta ou não funciona; não se tem nem aparelhos suficientes, nem as configurações adequadas para melhor usufruto de suas potencialidades didáticas. Apenas a título de ilustração, quando um aluno abria um videopoema no *youtube*, o sistema operacional ficava lento, bem como inviabilizava o funcionamento dos outros, impedindo a resolução da tarefa a contento.

Para demonstrar o uso do aplicativo com os fins explicitados, apresentam-se três momentos de interação entre professora e alunos no grupo formado e denominado *Alunos nota 10 – Mestrado*. Este nome foi sugerido pelos alunos que fizeram votação entre eles para definição deste.

Figura 29 A e B



FONTE: Acervo da pesquisa

Conforme as imagens informam, houve interação entre a professora e a aluna, bem como a participação de outros, no sentido de avaliar o vídeo que a aluna produzira. Não houve necessidade de a aluna esperar a próxima aula para sujeitá-lo à apreciação da professora. As observações que constam

abaixo do videopoema da primeira imagem foram corrigidas e este enviado novamente para obter o aval da professora. Assim, o uso desse aplicativo de bate-papo conferiu agilidade às intervenções necessárias de serem feitas.

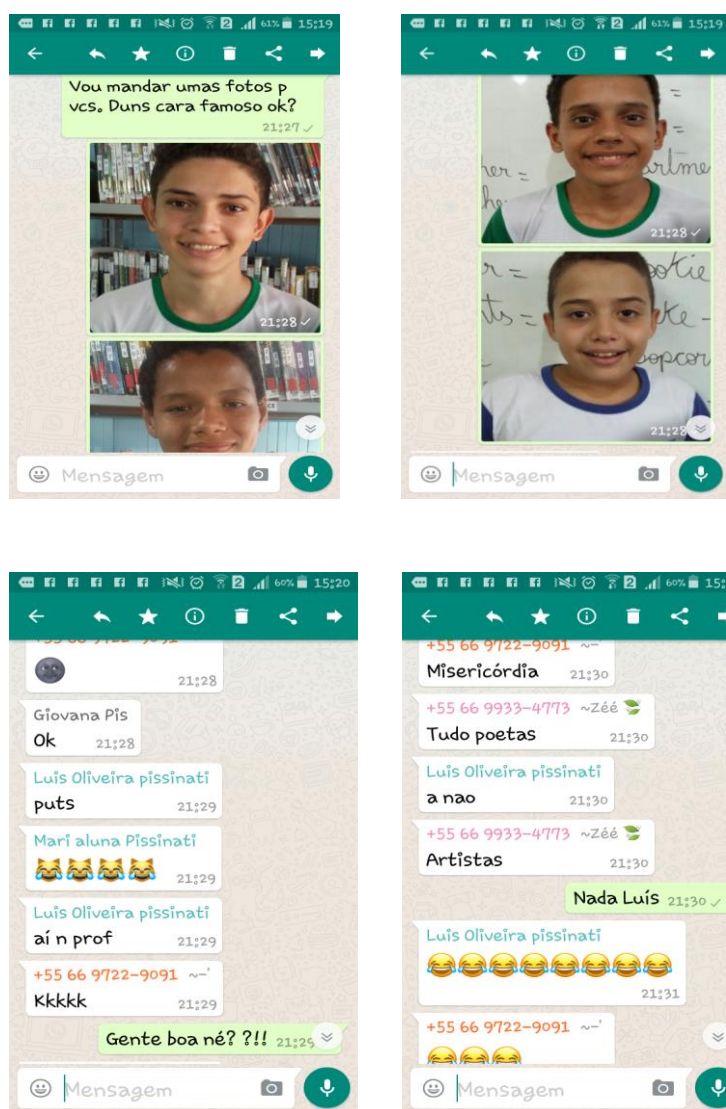
Figura 30 A e B



FONTE: Acervo da pesquisa

Nesta ocorrência de diálogo, a professora pesquisadora faz uma solicitação ao aluno e este a informa da necessidade de reenvio das imagens, pois houve um problema com o celular e ele perdera o vídeo que estava sendo cobrado. As imagens foram, então, encaminhadas outra vez, pois a professora pesquisadora havia salvado fotos de ipês brancos postados no *Facebook*. Interessante registrar que a maioria das imagens deste vídeo é dos ipês brancos da Avenida dos Ingás, em frente à Unemat.

Figuras 31 A, B, C e D



FONTE: Acervo da pesquisa

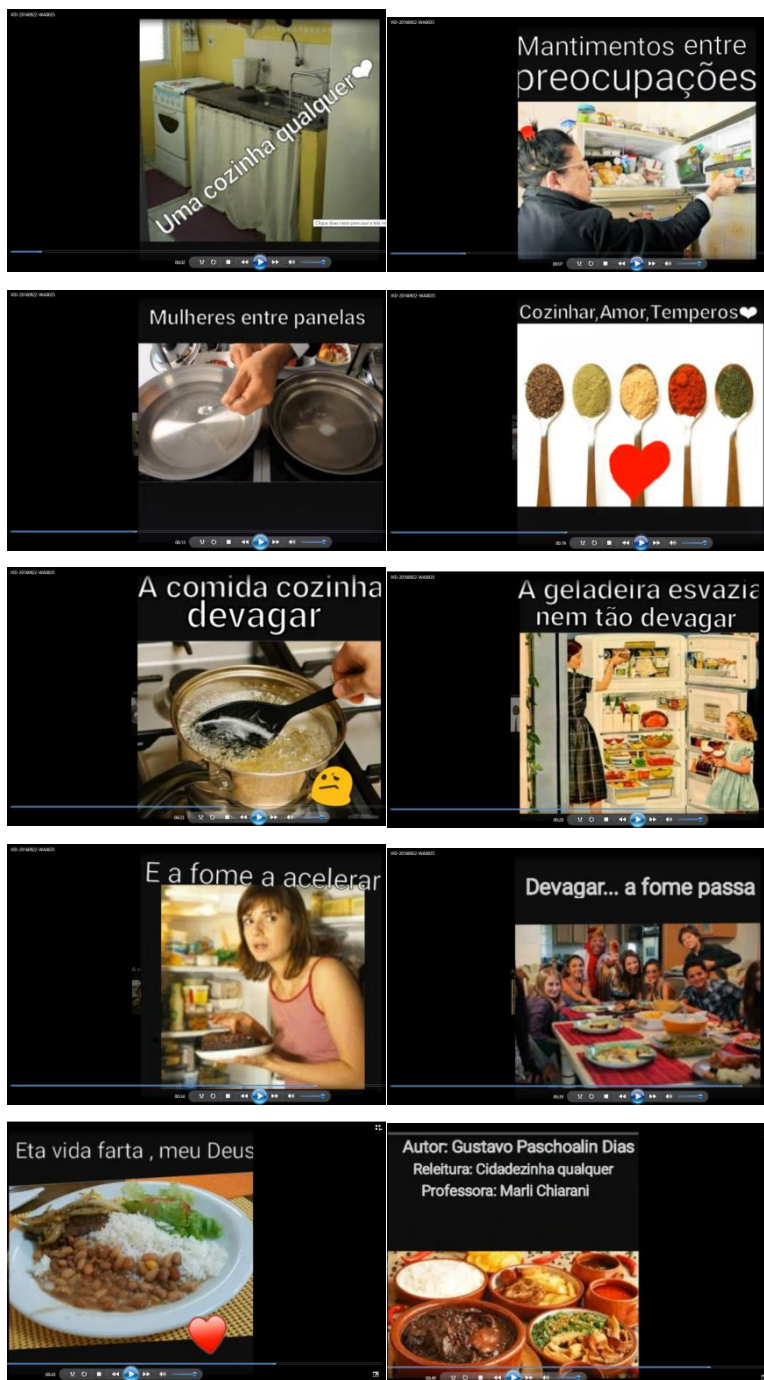
Esta conversa foi selecionada para figurar aqui por duas razões consideradas importantes pela pesquisadora. Uma delas por considerar que o aplicativo serve para aproximar o professor dos alunos, ajuda a criar e fortalecer vínculos e, com uma boa relação estabelecida entre as duas partes, o processo de ensino e aprendizagem tende a ser beneficiado. Os alunos interagiram bem no grupo, ao que a professora também correspondeu, empregando, inclusive, uma linguagem mais informal, como é permitido, sem prejuízos de qualquer espécie à relação professor e aluno. A outra, decorrente dessa relação que vai sendo estreitada à medida que as aulas e as conversas acontecem, implica na possibilidade de brincadeiras saudáveis. E, nesse contexto então, a professora, de posse de algumas fotos que ela própria

registrou em seu celular por razão da ausência desses alunos no dia da sessão de fotos com a fotógrafa, propõe uma interação divertida. Cria a expectativa de que vai enviar fotos de pessoas famosas, que na verdade são os alunos. As reações, além das expostas, foram as mais diversas, entre sarrinhos, risos, indignação aparente dos retratados, mas o que chamou a atenção mesmo, nesse diálogo coletivo, foi a “fala” do aluno José Roberto (Zéé): “tudo poetas” e depois “artistas”. Essas afirmativas revelam o entendimento e a apropriação da “deixa” proporcionada pela fala da professora. Ao designar a si e os colegas como poetas, apresentou a resposta mais perfeita que a professora poderia esperar; houve internalização do discurso corrente em sala e, mais que isso, evidencia-se a constituição de um processo de autoria, já que eles demonstram ter claro que escreveram poemas. Essa noção é também reafirmada em vários videopoemas quando, na tela em que são apresentados os créditos, os alunos referem-se ao autor do poema trabalhado em sua releitura, como “autor oficial”. Na interpretação da pesquisadora, isso soa como uma forma de distinção para marcar a diferença de posição entre este e os alunos, que também se veem como autores, embora não conhecidos.

3.2 Videopoemas – produto final

Os videopoemas são o produto final elaborado pelos alunos, como consequência de todas as atividades anteriormente desenvolvidas e, como já acima, explicadas. Foram produzidos 22 vídeos, de um total de 29 alunos. Os sete alunos que não entregaram tiveram todas as oportunidades para fazê-lo, como prazo estendido, apoio em período oposto, mas não se empenharam para com o compromisso assumido. Deste total, foram selecionados quatro exemplares que foram analisados quanto à combinação de texto, imagem e som, observando se esse modo de manejo com o texto literário: leitura, releitura e produção de vídeo favorece o letramento literário.

Figura 32: Uma cozinha qualquer

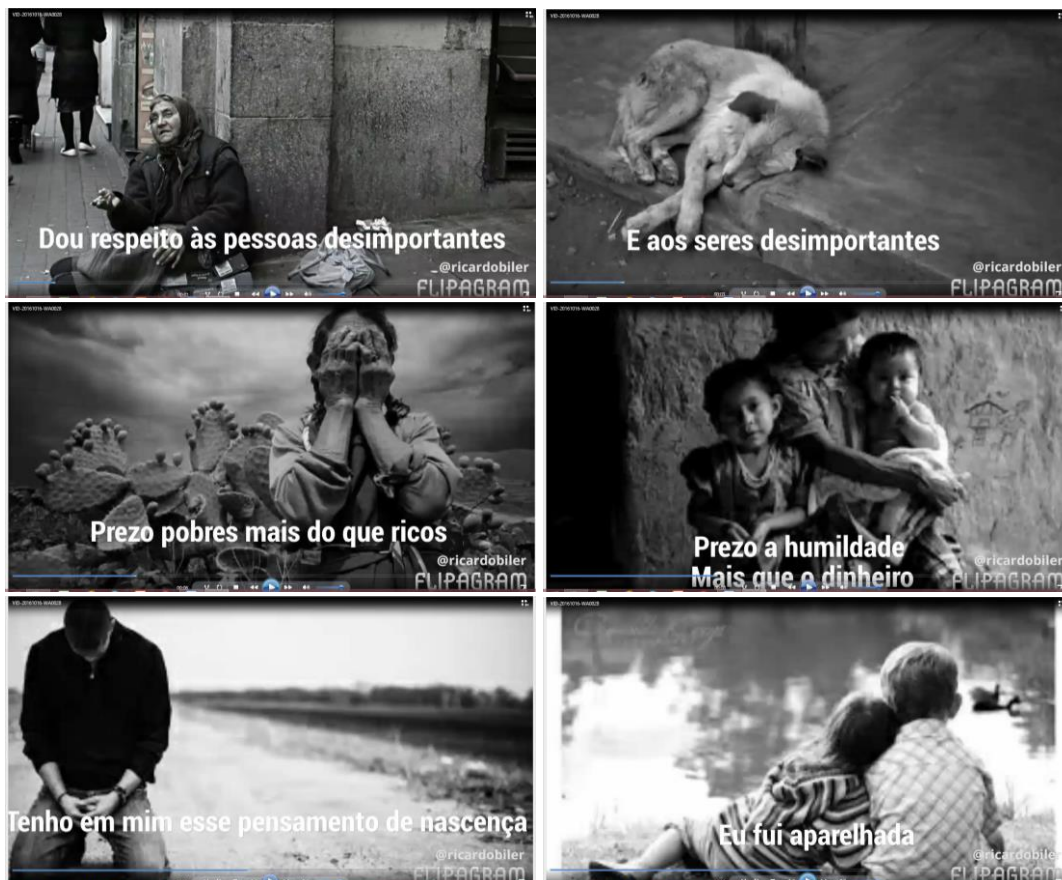


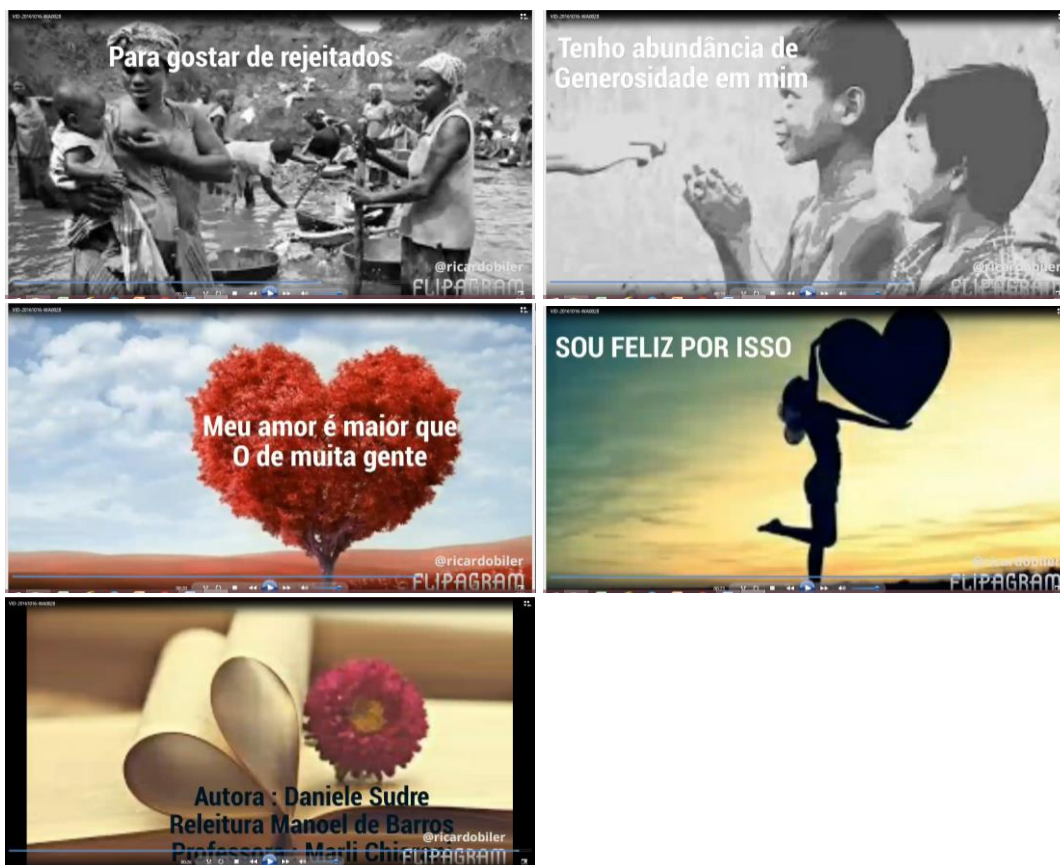
FONTE: Acervo da pesquisa

As telas acima apresentadas são a demonstração da sequência de imagens que foram associadas à releitura do poema 1, que é *Cidadezinha qualquer* de Carlos D. de Andrade na produção do videopoema. Observa-se a adequação das imagens aos versos que as acompanham. O aluno autor do videopoema selecionou imagem de uma cozinha simples, comum, chamando a atenção para a realidade que apresenta como possível de acontecer em

qualquer cozinha. As duas telas seguintes também sugerem adequação ao texto, mas o ponto máximo está representado na quarta tela. As colheres exibidas nesta tela sugerem estar completas de temperos, mas a colher do meio está em destaque com um coração vermelho, que em conjunto com o coração menor na extremidade da tela reforçam o dito neste verso “cozinhar, amor, temperos”. Assim, a imagem diz do gesto de amor e dedicação que encerra o ato de cozinhar para quem se ama, celebra a boa ventura que é saciar a fome em companhia de amigos e familiares e o último verso, acertadamente, representado pelo prato servido de arroz e feijão, também se mostra oportuno para caracterizar a vida farta. O coração pequeno em destaque na beirada da tela reitera a alegria com as atividades em torno da preparação do alimento que culminam com a apresentação do típico feijão com arroz. A música que acompanha o vídeo é apenas instrumental e o aluno justificou que assim o desejava, pois a letra de qualquer outra música poderia comprometer a leitura dos versos em exibição.

Figura 33 – O apanhador de desperdícios



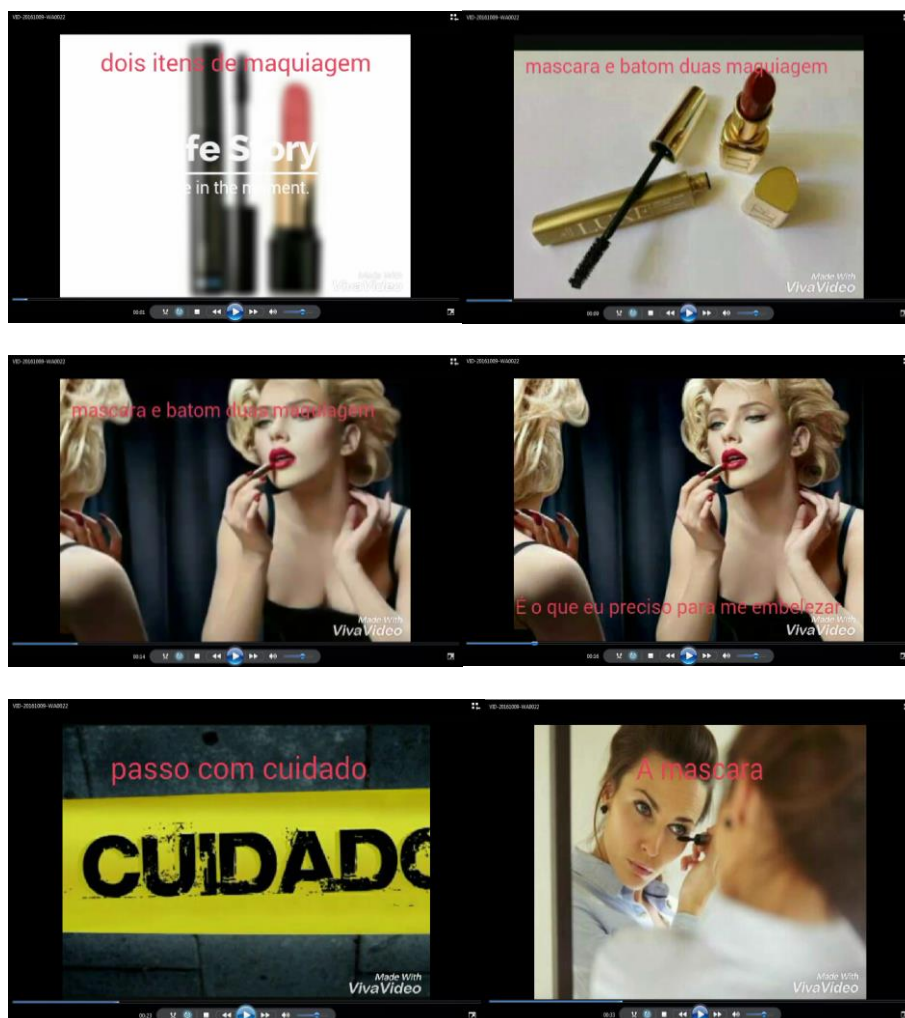


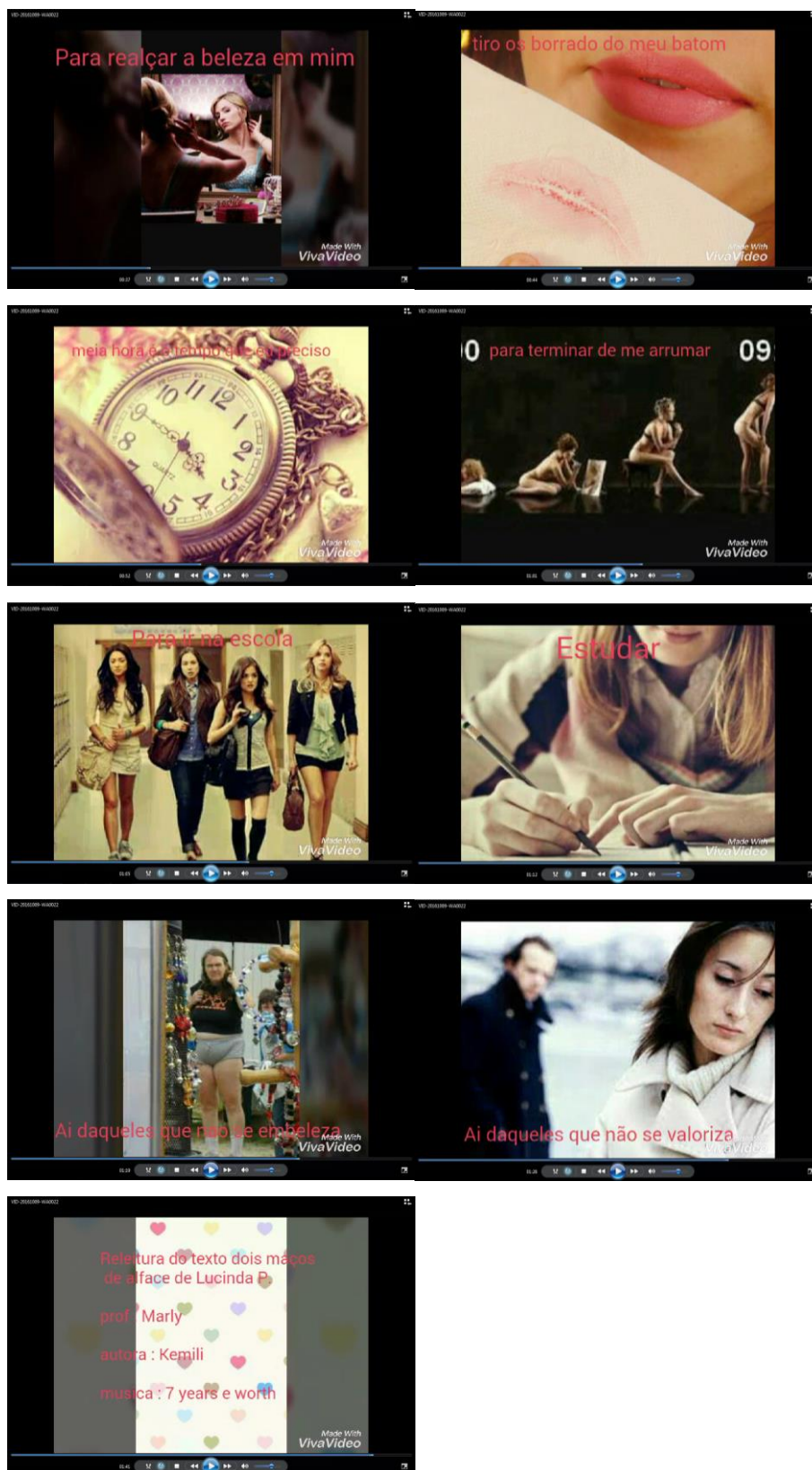
FONTE: Acervo da pesquisa

A aluna foi muito feliz na seleção de imagens que fez para serem associados aos seus versos e completarem seus sentidos. Ao associar imagens de moradores de rua ou pedintes e cachorros abandonados ela já informa, desde o começo, a natureza de seu vídeo. Revela comprometimento com os menos favorecidos e diz valorizar mais a solidariedade que o dinheiro; e que seu modo de vida está diretamente relacionado ao cuidado e gentileza com quem tem menos, com quem mais precisa: como se essa fosse a sua vocação: “Eu fui aparelhada para gostar de rejeitados.” Essa mensagem que expressa um grito por solidariedade entre os povos está em preto e branco; já a parte em que ela fala de si, exibe um coração vermelho e dentro dele, a mensagem dizendo que o seu amor é maior que o de muita gente e que isso a faz feliz. As telas finais, associadas ao lado positivo da natureza do eu lírico, são alegres e celebram a vida como espaço de fazer o bem. A música foi bem adequada e embora seja em Inglês, é quase possível afirmar que todos, em algum momento, já a tenham ouvido. (<https://www.youtube.com/watch?v=Zi0RpNSELas>) Se, como se canta, “é

tempo de dar uma mão para a vida”, a aluna acertou na escolha da música, pois combina expressivamente com a mensagem a que pretende chamar atenção, que é a solidariedade necessária entre as pessoas e o olhar de compaixão para quem tem menos. Isso deixa o coração alegre e dá sentido à vida. A música *we are the world*, composta por Michael Jackson e Lionel Richie foi gravada em 1985 e tinha como objetivo arrecadar fundos para o combate à fome no continente africano, logo revela um olhar para, como dito no vídeo, para os rejeitados e assim marcando a identificação da autora do vídeo com a causa do trabalho em favor de quem precisa, como ocorre neste projeto da música.

Figura 34 – Dois itens de maquiagem





FONTE: Acervo da pesquisa

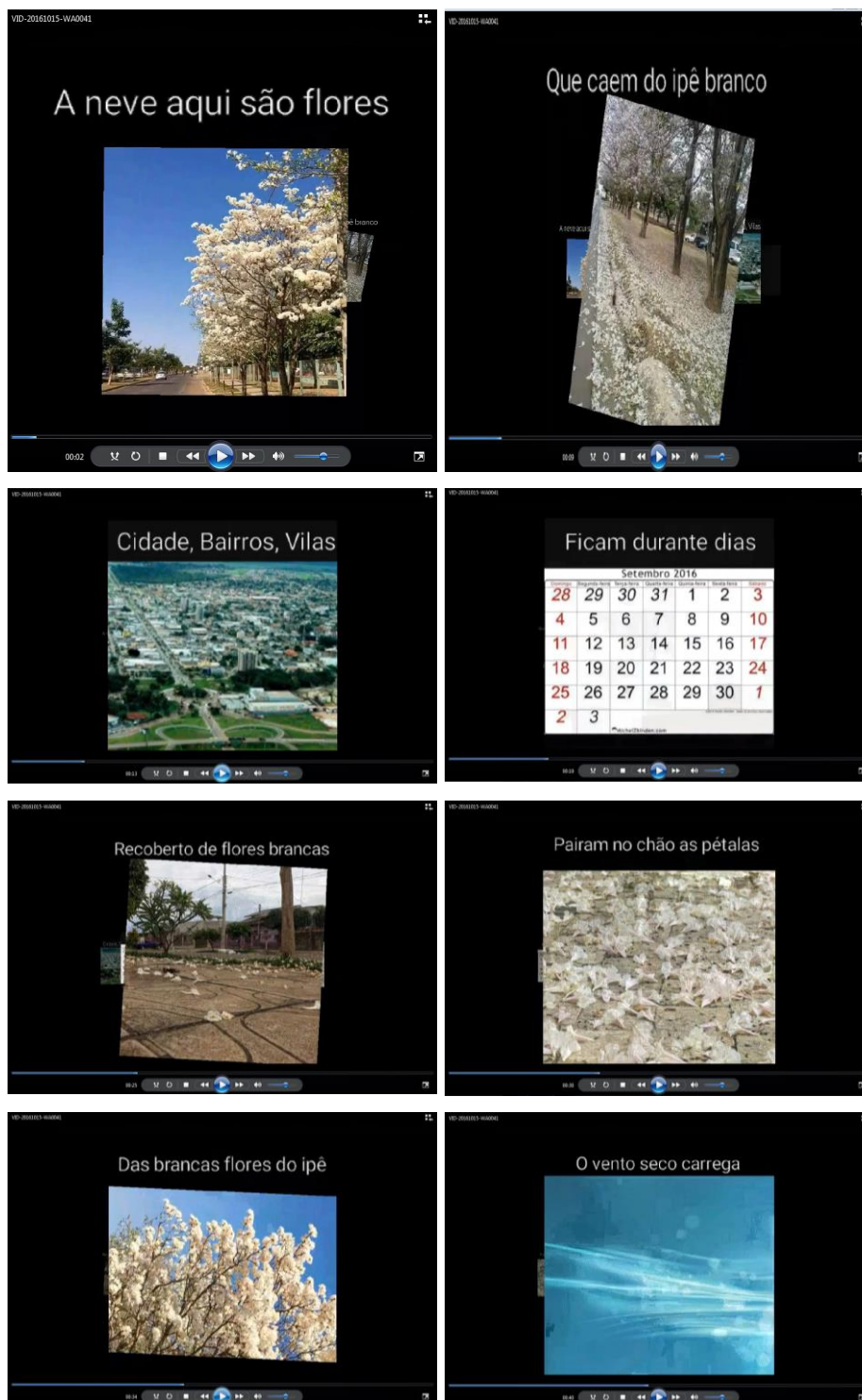
O videopoema celebra a autoestima e a beleza feminina. Dois itens de maquiagem, máscara e batom bem evidenciados na segunda tela, combinam

com a expressão seguinte, quando se declara serem estes dois itens tudo de que a garota precisa para se embelezar, ou seja, não precisa de um aparato de itens de maquiagem para isso. A ideia de satisfação consigo mesma fica evidenciada na tela em que associa o passar da máscara como recurso para realçar a beleza que ela já possui. Ela declara gastar meia hora para terminar de se arrumar e ir à escola estudar e a imagem que a representa em companhia das amigas no ambiente escolar é uma foto de garotas/atrizes muito bonitas e sempre maquiadas na escola, extraída de uma série americana *Pretty Little Liars*, baseada num livro de mesmo nome – escrito por Sara Shepard e encontra sintonia com o comportamento das adolescentes que, em geral, também demonstram preocupação em se embelezar para irem à escola. A autora do videopoema, por sinal, é uma garota vaidosa e que está sempre de máscara e batom para realçar a beleza que ela já possui.

Ela associa duas músicas ao seu vídeo, a primeira é *Worth it* de Fifth Harmony, que traduzido, significa valer a pena. Assim, ela parece dizer que ela é uma garota que vale a pena. O fragmento “*Huh huh me vê no holofote tipo/Ooh eu amo o seu estilo*” indica também um ponto de encontro da letra com a autoimagem positiva que a garota tem de si, logo parece apropriada a combinação.

A música escolhida para a segunda parte é *7years* de Lukas Graham, que canta sobre as advertências recebidas do pai ao longo da vida, tendo iniciado aos 7 anos. Mas ele confessa só ver os seus objetivos e não acreditar no fracasso e indica ter conseguido alterar sua história. Nesse sentido, a música se revela apropriada porque ela aponta para a percepção do sujeito sobre o seu valor, sobre a possibilidade de construir uma bela história, apesar das dificuldades ou limitações que são impostas. A autora do videopoema tem uma imagem positiva de si e acredita em seu potencial, essa é a mensagem que se consegue interpretar. E ao associá-la às pessoas que não cuidam de si, não se valorizam e acham que são nada, ela os adverte, pois acredita que há meios para ser diferente, que é preciso não se curvar às declarações dos outros ou às circunstâncias difíceis. Na primeira imagem desse segundo momento, ela deixa evidente a sua preocupação com a estética.

Figura 35 – Inverno de Mato Grosso





FONTE: Acervo da pesquisa

Na primeira tela, o aluno deixa clara a metáfora empregada para designar a neve: o ipê branco em flor. Associação poética singular dado que a neve sendo branca e em Mato Grosso não faz frio, tem-se “neve” representada pela brancura expressiva na época da florada do ipê, como atesta a imagem dos ipês florescidos na Avenida dos Ingás. Na segunda tela, as flores caídas associam-se perfeitamente à imagem da neve em lugares onde ela ocorre e tampa as ruas. Na terceira e quarta telas, indica que cidades, vilas e malocas (todas representadas pela imagem aérea de Sinop) ficam durante dias

recobertos de neve, o aluno atentou que o fenômeno da florada é breve e para indicar esses dias, selecionou uma página de calendário de Setembro, que é o período em que as árvores estão floridas. Nas telas seguintes, têm-se, igualmente, associações bem realizadas entre imagem e texto, mas observando, em especial, as telas em que se refere ao vento seco que carrega para longe as brancas flores do ipê, reitera a diferença do inverno mato-grossense, que não tem chuva. A associação entre frio, neve e chuva é muito natural; no entanto, isso não é característico do clima de Mato Grosso e o aluno deixou isso bem marcado, revelando coerência na abordagem particular do inverno deste estado. Como observado na mídia em geral, a neve nos estados do sul atrai turistas que para lá se dirigem com o único propósito de ver o fenômeno acontecer e esse dado é também adaptado à neve daqui, pois, em uma das telas, o aluno mostra as pessoas admiradas e registrando “a neve”, fotografando esse evento carregado de beleza e que não ocorre o tempo todo. É uma beleza singular, seja a neve de fato ou seja a neve de Mato Grosso, merece registro. A última tela revela perfeita sintonia entre imagem e texto, é preciso apenas olhar.

Em relação à música, este aluno também não quis incluir outra que não fosse uma das disponíveis no aplicativo. Mas o ritmo da música instrumental escolhida revela-se adequado à contemplação do espetáculo apresentado, que é a neve de Mato Grosso.

Os videopoemas, bem como os painéis com os poemas, foram exibidos na comunidade escolar nos dois períodos de aula, para as turmas do sétimo ano do Ensino Fundamental ao primeiro ano do Ensino Médio. Nesta ocasião, organizaram-se turnos para a apresentação e os alunos do oitavo ano B expuseram à plateia informações sobre o projeto desenvolvido, declamaram alguns poemas e também exibiram a página do *Facebook*, convidando os demais alunos a curtirem e compartilharem os poemas e videopoemas ali divulgados. Foi um momento bastante produtivo, houve atenção dos alunos convidados para com o material apresentado e, desta experiência, considera-se importante registrar que, antes de se iniciarem as exposições, a primeira pergunta que se fazia era “quem costuma ler poemas?” e eram bem poucos os que levantavam a mão. Essa situação, infelizmente, corrobora a motivação já apresentada para esta proposta, a de que o texto poético tem fraca presença

nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, logo não se pode esperar expressivo número de leitores deste gênero. No entanto, a apreciação dos alunos convidados a assistirem e lerem os poemas nos painéis foi positiva, sinalizando para a receptividade a este gênero, que carece de maior representatividade na sala de aula.

3.3 Página no *Facebook*

Criou-se um perfil e uma página no *Facebook* (<https://www.facebook.com/poesiadocotidiano>) E para publicação das releituras e dos videopoemas. Houve divulgação, pelos alunos, dessa página na comunidade escolar, e alguns deles ficaram responsáveis para postagens e atualizações à página. Houve, da parte da professora, a sugestão de blog para compartilhar os trabalhos, no entanto, os alunos não demonstraram interesse nesse expediente. Alegaram que o *Facebook* é mais acessado, inclusive, porque boa parte dos alunos tem contemplado, em seu pacote de dados, acesso ilimitado a essa rede social. Por isso, sendo os trabalhos deles, entendeu-se adequado ouvi-los e divulgar as releituras e os videopoemas, como os alunos acharam mais adequado, já que o produto final é o videopoema e não o blog.

Para alcançar um número maior de visualizações e, de fato, dar visibilidade à comunidade escolar, optou-se por incluir a página no *Facebook*, na página oficial da escola.

Este expediente mostrou-se vantajoso, pois amigos e familiares dos alunos fizeram comentários valorizando o trabalho destes; também compartilharam para que outros mais alcançassem as publicações. Dessa forma, os poemas e videopoemas produzidos realmente atingiram um número maior de pessoas e contribuíram para chamar a atenção sobre novas formas de ler, sobre arranjos distintos possíveis de serem organizados com as ferramentas tecnológicas, além de extrapolarem o espaço exclusivo da sala de aula.

3.4 Apreciações

Fazer um balanço geral da proposta de intervenção é tarefa objetiva, mas que aqui se pretende fazer com olhar voltado para o detalhe, não para a superfície, para o geral. Procurar, com olhos de pesquisadora, ver também a poesia que esta prática, cheia de pedras no caminho, possibilitou.

Primeiramente, destaca-se a indisciplina da turma. Alunos que, em sua maioria, não respeitavam os turnos de fala estabelecidos, nem se aquietavam para ouvir as instruções da professora para a realização das atividades e, quando convidados a socializarem alguma resposta, em geral, negavam-se e consideravam absurda a insistência da professora para que mudassem de opinião.

O fato de muitas atividades se desenvolverem na biblioteca e no laboratório desencadeava dupla dinâmica: primeiro, o alvoroço pela aula diferenciada a ponto de impedir a atenção para os comandos à atividade a ser realizada e; por outro lado, após diversas admoestações da professora sobre ordem e postura pedagógica a assumir nesses ambientes, afinal a participação e produtividade era satisfatória.

Infelizmente, quando se havia instalado um ambiente de interação mais respeitoso entre os colegas e destes para com a audiência das falas da professora, ocorreu a greve dos servidores da Educação do estado de Mato Grosso, o que estabeleceu uma pausa de 70 dias nas atividades do projeto. A última aula anterior à greve foi em 30 de maio; o retorno deu-se em 11 de agosto e o término da aplicação da proposta aconteceu em 30 de setembro, tendo ocorrido, ainda, alguns ajustes em separado com alunos em pendência na primeira semana de outubro. Essa pausa causou sérios impactos negativos ao cronograma da pesquisadora que, sem meios alternativos para reunir os alunos e dar continuidade à aplicação das atividades no período de greve, retomou-as, conforme as datas elencadas acima, implicando em pouco tempo disponível para a análise dos dados e redação do presente relatório.

Em razão da greve, a proposta de socializar os painéis com os poemas, produzidos em releitura pelos alunos, como parte das comemorações de aniversário do município ficou inviabilizada. Esta proposta foi pensada em virtude de se ter representadas, nas releituras, situações diversas do cotidiano

de Sinop, sendo, portanto, oportuna a ocasião para externar essas produções à comunidade em momento festivo, para o qual se considera a poesia dever tomar parte. Infelizmente não foi possível.

Uma das experiências mais expressivas durante a realização da proposta foi, para a pesquisadora, o olhar de encantamento dos alunos diante das telas e da artista plástica Mari Bueno. Dos 29 alunos, apenas dois tinham ouvido falar dela. Na catedral, a maioria nunca tinha entrado. Visitar uma galeria de arte não era perspectiva de nenhum deles, visto que nem sabiam da existência de uma na cidade. Após pesquisa no laboratório de informática sobre a artista, já de posse de algumas informações sobre ela, ocorreu a visita, que foi bastante produtiva e agradável. Os alunos interagiram com a artista e demonstraram satisfação por estarem neste espaço. No bloco 7, onde se apresentaram poemas em diálogo com as telas da artista, evidenciou-se a relevância e a apreensão dessa experiência para os alunos.

No tocante ao desempenho dos alunos, cumpre registrar que, com o retorno da greve, boa parte dos alunos sugeriu uma conduta mais comprometida com a realização das atividades. Durante as aulas, uma observação corrente era a de que poema é difícil de escrever, que não sabiam escrever poemas, assim, justificando sua omissão com a tarefa solicitada e teimando em manter um comportamento de indiferença ou de indisciplina, o que comprometia o andamento das atividades de quem pretendia se concentrar. Chamou a atenção o fato de a maioria não apresentar autonomia para desenvolver as tarefas, para entender os enunciados e, mesmo assim, não questionar a professora para explicar outra vez, como se isso fosse vergonhoso e, ainda pior, fosse justificativa que os dispensasse da tarefa. Disfarçavam a dúvida e iam copiar do colega ou buscar orientação com um deles, e ao perceber esse comportamento, houve a preocupação em expressar os comandos para as tarefas com bastante clareza, apresentar exemplos, discutir juntos algumas possibilidades de respostas e, assim, aos poucos, a atenção deles foi melhorando e mostraram-se mais receptivos às orientações e, mais adiante, na etapa de escrita mesmo, já se sentiam à vontade para se dirigirem à professora, trocarem ideias, pedir opinião, sujeitarem a escrita a uma primeira leitura e considerações da professora. Portanto, com comandos bem claros, as respostas começaram a aparecer. Mas, para isso, foi preciso

que eles também estivessem dispostos a ouvir, coisa que no começo parecia impossível.

Além do comando claro, quando cobrados com rigor, exigindo que fosse refeita, melhorada a resposta ou repensada no sentido de se atingir qualidade maior, observou-se que isso lhes soava como desafio e, à medida que passaram a receber alguns elogios, desejaram repetir o processo. E foi por isso que se teve um montante tão expressivo de textos, de releituras produzidas. Aqui cabe destacar a experiência com um aluno em particular. Ele se mostrou evasivo o tempo todo, esquecendo o livro de poemas, não fazendo as tarefas, dizendo não gostar de poemas, não saber escrever esse tipo de texto. Se não fosse o suficiente, ainda incomodava os colegas, perturbando a ordem da sala. Depois de insistentes conversas e não se obter resultado, a coordenação chamou os pais e expos a situação. Ele ficou incomodado com o ocorrido e, na próxima aula, estava visivelmente bravo com a professora, que o chamou em separado e conversou, dizendo da importância de ele se envolver com as atividades propostas e também começar a escrever os seus poemas, visto que muitos já estavam na etapa de seleção de imagens e edição de vídeos. Ele queria usar o computador, o que foi negado, pois não havia por que selecionar imagens, se não tinha texto produzido. Ainda sisudo, pediu então que lhe fosse explicado como fazer. A professora o orientou, solicitando-lhe dizer fatos de sua rotina, situações de que gosta, enfim para ajudá-lo a encontrar motivos para a sua reescrita. Neste mesmo dia, em apenas uma aula que restava, ele produziu três releituras. Na aula seguinte, após receber cumprimentos pela qualidade da tarefa, sorriu e, quase que duvidou, do mérito dos elogios. Obviamente havia correções a fazer, mas a qualidade estava presente e era mérito dele. Reconhecido isso, ele desenvolveu mais outras releituras, todas com bastante propriedade. Esse garoto foi um dos desafios do projeto: na superfície, um menino indisciplinado e pouco afeito à realização das tarefas propostas; para além da superfície, um garoto sensível, inteligente, suplicando olhares mais atenciosos.

Outra aluna, no início, ainda nas primeiras aulas em que se estava recolhendo as autorizações assinadas pelos pais para a participação no projeto, alegou não ter trazido, pois não iria participar. Questionada sobre as razões, disse que sua mãe alegara que este era mais um projeto que era “fogo

de palha”, que não daria em nada. A aluna foi informada de que não teria obrigatoriedade de participação, mas que a avaliação formal da escola não aconteceria e seria substituída pela avaliação decorrente da participação no projeto. Logo, seria viável ela participar, mesmo que não em todas as etapas. Algumas aulas depois, ela trouxe a autorização, alegando ter convencido a mãe de que queria participar, que estava gostando de fazer as atividades propostas. De fato, a aluna participou com qualidade de todas as etapas. Dessa situação, resulta reflexão acerca dos entendimentos de pais quanto à proposição de práticas pedagógicas diferenciadas. Ou por que não compartilham de mudanças e assimilação das tecnologias como ferramenta pedagógica ou por que projetos e mais projetos têm sido implantados, mas não levados a cabo com o êxito que deveriam?

Relativo à divulgação, um expediente que promoveu olhar positivo foi a publicação dos trabalhos dos alunos em jornal regional (*Diário Regional*), que tem circulação na região norte do estado. Porém, em virtude do período eleitoral, o espaço foi interrompido e, por isso, nem todos os alunos tiveram seu poema publicado; situação que se considera inconveniente, já que, na escola, ainda mais que em qualquer outro espaço, é preciso praticar as condições de igualdade. E o anúncio das divulgações não foi para quem tivesse mais mérito e sim, para que se divulgasse o coletivo de produções do projeto, contemplando, pelo menos, uma publicação de cada aluno. Por isso, está ainda em curso, esforço no sentido de publicar em outro espaço poemas dos alunos ainda não contemplados. Desta ação, resultou uma experiência particularmente feliz. Por ocasião do II Congresso Regional do Proletras, em setembro de 2016, em Sinop, uma hóspede de hotel local teve acesso ao jornal e, nele, a uma releitura de poema de Aclyse de Mattos. Leu, gostou do trabalho e, sendo essa hóspede a também poeta Marta Coco, fotografou a página e encaminhou ao poeta, bem como ao grupo da Academia mato-grossense de Letras, o que significa dizer que o propósito de alcançar leitores foi alcançado além das expectativas, muito além, pois o trabalho retornou à origem e mereceu comentário de Aclyse, que observou a releitura tratar do ipê e ser publicado em 21 de setembro, exatamente no dia da árvore. Coincidência? Olhar para o detalhe? Importa que o jornal publicou e leitores alcançou. Pais de

alunos compraram o jornal para guardar, orgulhosamente, a publicação do filho.

Da presença do poema na proposta de letramento literário, vale salientar que trouxe resultados significativos. Inicialmente, como já se disse antes, havia certa resistência quanto ao gênero, mas a insistência em fazê-los olharem para situações de seu cotidiano de modo a enxergarem situações pitorescas, contribuiu para que se desfizesse a ideia de que poema só fala de emoções relacionadas a amor. Aliás, a fala de uma aluna, ao final da aplicação da proposta de intervenção, foi reveladora nesse sentido. Enquanto elaboravam texto avaliativo, uma das solicitações era que expressassem experiências de aprendizagem com o projeto e ela veio interrogar a professora se “vale dizer que eu achava que poema era só para falar de amor? Mas não, nossa, um poema pode falar de tudo, até para fazer a gente pensar nos problemas, fala de tudo que faz parte do cotidiano.” Esta constatação, por si só, já dá créditos suficientes à aplicação da proposta: alargou os entendimentos desta aluna e, certamente, de outros também (muitos apontaram isso) acerca dos motivos de poesia. Mas, por outro lado, ratifica um entendimento que se expôs na fundamentação teórica e que motivou a elaboração deste projeto; se a aluna, na 8º série do Ensino Fundamental II, fez esta descoberta com o projeto, que lugar teve o gênero poema nas aulas de Língua Portuguesa que ela frequentou até agora? Onde está a poesia?

Não há meios de capitular ao ser os benefícios do texto poético se vivemos em tempo de ausência dele no espaço que deve promovê-lo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As contribuições teóricas e proposta interventiva apresentadas ao longo deste trabalho ilustram a defesa da experiência de leitura do texto literário nas aulas de Língua Portuguesa. Como se observou, são crescentes as demandas para os mais diversos letramentos a que a escola deve se atentar e, entre eles, não pode deixar de ser considerado o letramento literário.

O letramento literário consiste num conjunto de procedimentos que visam orientar os professores que, em geral, alegam dificuldades no trato com textos dessa natureza, a planejarem aulas em que o texto literário seja devidamente explorado com as suas potencialidades artísticas. Ratifica-se a importância de expedientes como o proposto por Cosson (2009), uma vez que a Literatura tem a capacidade de provocar olhares mais atentos e sensíveis ao que se passa no entorno (e dentro de si do mesmo modo) dos sujeitos. Por isso, ela não deve estar fora da sala de aula, pois, para a grande maioria dos alunos, este será, possivelmente, o único local de acesso a ela. A escola não pode, por isso, ser negligente com o que lhe compete na promoção da educação literária.

Com o propósito de evidenciar resultados positivos possíveis de serem alcançados na promoção da leitura do texto poético, elaboraram-se etapas de trabalho que, juntas, são denominadas de sequência expandida, a qual foi desenvolvida com uma turma de alunos de 8º série, com registro insubstancial de leitura de poemas. Nesse sentido, uma das etapas da sequência, a contextualização, contemplou atividades de aproximação do gênero, favorecendo o entendimento de aspectos estruturais como rima, linguagem figurada, paralelismo, organização em estrofes, também versos livres, entre outros, bem como promoveu a apreciação do modo particular com que fatos comuns podem ser transformados em objeto de reflexão poética; situação que contribuiu para um olhar mais atencioso ao texto, permitindo observar que a leitura não se dá, muitas vezes, pelas poucas oportunidades de acesso orientado a textos dessa natureza.

Dada essa aproximação, intensificaram-se as outras etapas da sequência expandida e, compreendendo melhor os modos de organização de um texto poético para transformar episódios do cotidiano em arte, ocorreu

processo semelhante na observação das telas da artista plástica Mari Bueno. Do diálogo entre imagens e poemas, foram produzidas releituras para situações do próprio cotidiano. Nestas produções, ficou evidente a apropriação do tom poético, pelos alunos, para as suas produções. Muitos deles dialogaram em sintonia com os poetas, outros contestaram; outros reinventaram; permitindo afirmar que houve exercício de liberdade com o uso da palavra em estado de poesia.

A partir das releituras, houve a produção de textos multimodais, implicando no uso de ferramentas tecnológicas, como recurso didático pedagógico, para a produção de um novo gênero, o videopoema, que se define pela associação entre música, texto e imagem. Isso revela ser preciso que os professores estejam atentos a mecanismos que possam potencializar os meios de promoção da leitura do texto literário e, nesse sentido, o uso de aplicativos de celular para edição de vídeos sugere ser uma alternativa que venha a oferecer o texto em um suporte com mídias que lhe são atrativas. Solicitar, pois, que o aluno maneje esse suporte, criando vídeos, é certamente uma estratégia que favorecerá o desenvolvimento da sua competência leitora.

Da aplicação da proposta, muitos registros são dignos de nota. O principal, porém, chama a atenção para a descoberta dos alunos sobre tudo que pode caber em um poema, dado que boa parte deles julgava que poemas tratavam apenas de amor. Isso revela que há uma lacuna a ser preenchida na sala de aula, no que se refere à presença do texto poético. Que seja a poesia a completar esse espaço e sensibilizar os alunos e professores para escritas mais expressivas e significativas. Também se observa que a resistência inicial para a leitura de poemas se deve ao desconhecimento do que seja e para que seja um poema. À medida que se compreende a amplitude do que ela contempla, a resistência diminui. É válido ainda observar que, em suas releituras, os alunos souberam empregar recursos da linguagem artística em diálogo com os poetas, tal qual o paralelismo de alguns versos, a rima, o emprego da metáfora e da personificação, indicando que, se o poema é oferecido, devidamente levado à apreciação, provocará efeitos de sentidos diversos, uma vez que cada leitor participa dessa construção de sentido, segundo sua experiência e suscitará, por consequência, respostas também distintas.

Se o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), conforme afirmou Certeau (1996), que todos os dias haja uma porção generosa de poesia a ser partilhada; se não em todos os lugares, mas que nas salas de aulas de linguagens, especialmente, ela convoque a olhares mais sensíveis, mais profundos. Que professores enxerguem meios de fazer o aluno, sujeito leitor, estar no centro da aula e fazer do poema o caminho para isso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Ricardo. **Poesia visual**: vídeo poesia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

AVERBUCK, Lúgia Marrone . A poesia e a escola. In: ZIL BERMA N, Regina (org). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 9. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ANDRADE, CARLOS D. de. **Alguma poesia**. Belo Horizonte: Edições Pindorama, 1930.

BARROS, Manuel de. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro/São Paulo, Editora Record: 2004.

_____. **Poesia completa**. Rio de Janeiro, LeYa, 2010.

BANDEIRA, M. **Flauta de Papel em**: Seleta de Prosa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

BOSI, Alfredo. Sobre alguns modos de ler poesia: memórias e reflexões. In: **Leitura de Poesia**. São Paulo, Editora Ática, 1996.

_____. **O Ser e o Tempo da Poesia**. Companhia das Letras, São Paulo, 2000.

_____. “Entrevista a Rinaldo Gama: Poesia como resposta à opressão”. In: **Revista FAPESP**, ed. 87. São Paulo, maio de 2003.

_____. Letramento e inclusão: do estado-nação à era das TIC. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, vol. 25, n. 1, 2009a, p. 1-38.

CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Revista Ciência e Cultura, nº 09. Vol. 24. Páginas 81-90. São Paulo, set. 1972.

_____. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

_____. O direito à literatura; O esquema de machado de Assis. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: FFLCH-USP, 1996.

CARVALHO, Luciene. **Porto**. Cuiabá: Defanti, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano - artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1996

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

CASTRO, E. M. de Melo e. Para uma outra literacia. In: ANTONIO, Jorge Luiz. **Poesia eletrônica: negociações com os processos digitais**. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2008. p.7-10.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSCARELLI, Carla Viana e RIBEIRO, Ana Elisa: **Letramento Digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte, Autêntica: 2005

DIEB, Messias. O ensino de línguas em ambientes virtuais de aprendizagem: As formas que o aprender assume no meio virtual. In: ARAÚJO, J. C.; CARVALHO LIMA, S.; DIEB, M. **Línguas na Web – links entre ensino e aprendizagem**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

DIONÍSIO, Ângela. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2011.

FRIEDRICH, Hugo. **Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX**. São Paulo: Duas Cidades, 1978.

GARCIA, Alvaro Andrade. Videopoesia. In: ANTONIO, Jorge Luiz. Poesia digital: negociações com os processos digitais: teoria, história, antologias / Digital Poetry: Negotiations with Digital Processes: Theory, History, Anthologies. São Paulo, SP: Navegar; Columbus, Ohio, EUA: Luna Bisonte Prods, 2010. DVD

GIACHINI, Marli Walker. **Pó de serra**. Sinop/Cáceres – MT: Editora UNEMAT, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, Samuel de Carvalho Lima e ARAÚJO, Júlio C. Letramento digital em ambiente virtual de aprendizagem: descrição das práticas de leitura e escrita

promovidas por propostas de atividades no Curso de Letras/Inglês. In: ARAÚJO, J. C.; CARVALHO LIMA, S.; DIEB, M. **Línguas na Web – links entre ensino e aprendizagem**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

MATTOS, A. **Quem muito olha a lua fica louco**. Cuiabá: Oficina Mínima, 2000.

MENDES, Murilo. Poemas Modernos do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1962. P.165

PAZ, Octavio. O arco e a lira. (Trad. Olga Svary) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAZ, Octavio. O arco e a lira. (Trad. Ari Roitman, Paulina Wacht) São Paulo: Cosac Naify, 2012.

PAZ, Octavio. Signos em rotação. (Trad. Sebastião Uchoa Leite) São Paulo: Perspectiva, 1972.

PAULINO, Graça; WALTY Ivete e CURY Maria Zilda. Intertextualidade teoria e prática. 2ª edição. Belo Horizonte/ MG: Editora Lê, 1995.

PERSONA. Lucinda Nogueira. **Tempo comum**: Rio de Janeiro, 7 Letras, 2009.

PINHEIRO, Hélder. Poesia na sala de aula. 3ª ed. Campina Grande: Bagagem, 2007.

ROJO, R.; MOURA, E (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROUXEL, A.; LANGLADE, G.; REZENDE, N.L. (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo, 2013.

SANTOS, Roberto Márcio dos; COURA-SOBRINHO, Jerônimo. English teachers no Brasil do século 21 – O que a Web e as novas tecnologias trazem para a aula de Inglês? In: ARAÚJO, J. C.; CARVALHO LIMA, S.; DIEB, M. **Línguas na Web – links entre ensino e aprendizagem**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010.

SIMOES, Luciene Juliano. **Leitura e Autoria - Planejamento Em Língua Portuguesa e Literatura**. São Paulo: Edelbra, 2012.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. Educação e Sociedade, Campinas: CEDES, v. 23, n. 81, p. 143-160, 2002.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011.

TODOROV, Tzvetan, 1939. **A literatura em perigo**; tradução Caio Meira.-Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

WALTY, Ivete Lara Camargos; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Palavra e imagem: leituras cruzadas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.

REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

BUZATO, M. E. K. Entre a fronteira e a periferia: linguagem e letramento na inclusão digital. 2007. 284 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000415042>. Acesso em: 16 de outubro de 2016.

Drummond(1974). Disponível em:
http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/grades/salto_ple.pdf. Acesso em: 20 set. 2016.

Drummond(1974) em autobiografia para Revista acadêmica. Disponível em:
http://www.projetomemoria.art.br/drummond/obra/prosa_ensaios-e-cronicas.jsp. Acesso em: 20 set. 2016.

GALEANO, Eduardo (2002). Livro dos Abraços. Disponível em :<https://www.logosofia.org.br/Livros-pdf->. Acesso em: 10 set. 2016.

Oswald de Andrade (1924). Disponível em:
http://www.passeiweb.com/estudos/livros/manifesto_pau_brasil. Acesso em: 22 set. 2016.

SILVA, Rosana Rodrigues da. A ENCANTAÇÃO DAS FORMAS. Sobre as ilustrações de Mari Bueno no livro de poesias de Marli Walker. Disponível em:
http://maribueno.com.br/?page_id=1193. Acesso em: 20 set. 2016.

ANEXOS



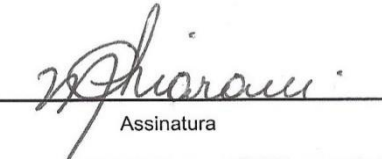
ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



**DECLARAÇÃO DE RESPONSABILIDADE DO PESQUISADOR,
COMPROMETENDO-SE A OBSERVAR A RES. Nº 466/2012 EM TODAS AS
FASES DA PESQUISA**

Declaro que a pesquisa intitulada “LETRAMENTO LITERÁRIO: do poema à recriação e produção de vídeo poemas”, com área de concentração nas Linguagens e Letramentos e na linha de pesquisa em Leitura e Produção Textual, será desenvolvido por mim, como pesquisadora responsável, professora Marli Chiarani, RG: 1277873-7 – SSP/MT, aluna do PROFILETRAS-CAMPUS DA UNEMAT SINOP, residente na Rua dos Araçás, 583, Jardim Imperial, Sinop, MT e telefone para contato: (66) 9684 8427, comprometo-me a desenvolver a referida pesquisa juntamente com alunos da 2ª fase do 3º ciclo – 8ª série, da Escola Estadual Olímpio João Pissinati Guerra, Sinop, MT, durante os meses de março a julho de 2016, respeitando e seguindo integralmente o que prescreve a Resolução 466/2012, aguardando a decisão de aprovação ética, antes de iniciar a pesquisa, elaborando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, desenvolvendo o projeto conforme delineado, elaborando e apresentando os relatórios parciais e final, apresentando dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento, mantendo os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período de 5 anos após o término da pesquisa, encaminhando os resultados da pesquisa para publicação, com os devidos créditos aos pesquisadores associados e ao pessoal técnico integrante do projeto, e justificando fundamentadamente, perante o CEP ou a CONEP, interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

Sinop - MT - 27 de novembro de 2015.


Assinatura



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Você está sendo comunicado que seu filho(a) será convidado (a) a participar da pesquisa *LETRAMENTO LITERÁRIO: do poema à recriação e produção de vídeo poemas*, a ser desenvolvido pela pesquisadora professora Marli Chiarani, RG 1277873-7, SSP/MT, aluna do PROFILETRAS-CAMPOS DA UNEMAT/SINOP, residente na rua das Araçás, 583, jardim Imperial, Sinop – MT, CEP: 78550 006, telefone para contato: (66) 9684 8427.

A referida pesquisa envolverá todos os alunos da turma em que seu filho estuda, a 2ª fase A do 3º ciclo, da Escola Estadual Olímpio João Pissinati Guerra, durante os meses de março a julho do 1º semestre de 2016. O objetivo principal consiste em desenvolver práticas de leitura literária juntamente com os alunos, através de leitura, análise e produção de textos, utilizando as tecnologias presentes na escola. Serão utilizados poemas de autores diversos que tematizam o cotidiano, também telas da artista plástica Mari Bueno, no intuito de garantir o desenvolvimento de práticas de leitura e escrita em combinação com os meios tecnológicos, sendo promovida discussão, análise, releituras e criação de vídeo poemas.

As atividades serão desenvolvidas em módulos, sendo os mesmos divididos em várias etapas, conforme a proposição e organização de cada etapa do trabalho. Durante todas as atividades que serão desenvolvidas com os alunos, tanto em sala de aula, como no laboratório de informática estarei presente, orientando e acompanhando para que os mesmos consigam superar os desafios propostos e dificuldades que possam surgir durante a realização do trabalho.

Durante estes estudos, os filhos de vocês estarão sujeitos a alguns riscos como: constrangimento ao ter que ler oralmente um texto ou expor suas produções através de debates, acessar sites de qualidade duvidosa ou restritos

a maiores, ou ainda não quiserem publicar o trabalho final no site e socializar com a comunidade escolar. Esses riscos serão amenizados através de muita conversa, desde o primeiro dia de aula, buscando me aproximar ao máximo com demonstrações de afeto, valorização e respeito com as ideias e posições que eles tiverem. Também haverá o acompanhamento constante, orientando-os para o uso seguro da internet, observando se estão bem, se estão entendendo e motivados no desenvolvimento das atividades, para assim intervir e até mudar alguns percursos do trabalho, e se necessário for, fazer o atendimento individualizado ou em grupo. Se houver alguma resistência nas socializações dos trabalhos por parte de algum aluno, o mesmo será dispensado da ação, sem prejuízo de qualquer tipo.

Os filhos de vocês pertencem a uma geração em constante contato com as tecnologias digitais, que leem e escrevem com o uso das tecnologias atuais, se relacionam com as pessoas num tempo e espaço virtual/real, nas diversas situações de seu cotidiano. Por isso, com este trabalho, serão beneficiados pelas possibilidades de acesso à internet, de forma orientada e segura, a uma infinidade de informações, ao exercício de uso de recursos, como é o caso das ferramentas do site Google e da construção de textos digitais, que possibilitam um aprendizado significativo de socialização, interação e colaboração de ideias, de uso de recursos como imagens fixas ou animadas, vídeos e diversos sons, explosão de cores e tipos de letras; elementos que fazem parte do cotidiano desta geração e garantem maior prazer na realização das atividades e aprendizado para a vida.

Outro fator considerável se refere ao fato dos filhos de vocês terem acesso, estudo e produção de textos, tornando-os também agentes das suas ações, na escola e fora dela. E isso, integrado ao uso das diversas mídias/tecnologias, garantirá o desenvolvimento da leitura e escrita, para além do prazer e imaginação, de forma ampliada, crítica e reflexiva, preparando-os para a vida.

Vale ressaltar que a participação dos filhos de vocês será de forma voluntária, sendo esclarecidos sobre os aspectos que envolvem a pesquisa, sendo livres para não querer participar, retirar seu consentimento ou interromper sua participação a qualquer momento sem que haja nenhum problema.

As produções feitas durante o desenvolvimento das atividades ficarão na responsabilidade da pesquisadora responsável, para análise e conclusão da pesquisa, e desde que autorizadas por vocês, serão publicadas no blog produzido em conjunto, entre pesquisadora e alunos. Além disso, também serão disponibilizados neste blog os vídeo poemas organizados pelos alunos. Uma cópia deste consentimento será arquivada com o pesquisador e outra será destinada a cada um dos responsáveis pelos alunos.

A participação no estudo não trará custos para nenhum participante. No caso de algum dano decorrente dessa pesquisa você poderá buscar indenizações conforme a legislação vigente.

Em qualquer momento da pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Marli Chiarani da Universidade Estadual do Mato Grosso (UNEMAT) – Campos Sinop localizada Avenida dos Ingás, 3001, Centro, Sinop-Mato Grosso para pedir esclarecimentos sobre eventuais dúvidas.

Diante dos esclarecimentos recebidos, declaro que eu, fui informado (a) e esclarecido dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei pedir novas informações e modificar minha decisão se assim eu desejar. A pesquisadora responsável, Professora Marli Chiarani, certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Em caso de recusa, meu filho não será penalizado(a) de forma alguma. Em caso de dúvida poderei procurar o Comitê de Ética em Pesquisa da Unemat pelo telefone: (65) 3221-0067.

Declaro que concordo que meu filho participe desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Data, Sinop -MT

Nome:

CPF:

Endereço:

Responsável pela Pesquisa: Marli Chiarani

Assinatura do responsável:



- PRPPG | Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação -



GOVERNO DE
MATO GROSSO
ESTADO DE TRANSFORMAÇÃO

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavallhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CEP – COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



TERMO DE ASSENTIMENTO DO MENOR

Você está sendo convidado para participar da pesquisa LETRAMENTO LITERÁRIO: do poema à recriação e produção de vídeo poemas.

Seus pais permitiram que você participe. Serão desenvolvidas atividades de leitura de textos literários e digitais. Na sua turma, a 2ª fase do 3º ciclo – 8ª série, todos serão convidados. Este trabalho será desenvolvido na escola que você estuda, a Escola Estadual Olímpio João Pissinati Guerra, no horário das aulas de Língua Portuguesa. Para isso, serão usados textos impressos e digitais, livros, Data show, papel sulfite, lápis de cor, computadores com acesso à internet. O uso desses materiais é considerado seguro. Se você pode ficar com vergonha de expor o seu trabalho, não será obrigado a socializar a sua atividade com os colegas. Entretanto, você tem a possibilidade de desenvolver a sua criatividade, e quem sabe até tornar-se um futuro escritor de textos literários com um novo estilo, pois serão feitos para serem postados na internet. Caso aconteça algo errado, você pode procurar a professora pelo telefone (66) 9684 8427, que é a pesquisadora deste projeto: Marli Chiarani. Você não precisa participar da pesquisa se não quiser, é um direito seu. Não terá nenhum problema se desistir. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa, não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados, mas sem identificação dos nomes de vocês. Se você tiver alguma dúvida, você pode me perguntar.

Eu _____ aceito
participar da pesquisa DO LETRAMENTO LITERÁRIO: do poema à recriação e
produção de vídeo poemas, *como estratégias de Letramento Literário*. Entendi

as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir sem ser pressionado ou prejudicado. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Recebi uma cópia deste termo de assentimento, li e concordo em participar da pesquisa.

Sinop, ____ de _____ de _____.

Assinatura do menor

Assinatura da pesquisadora



Universidade do Estado de Mato Grosso

- PRPPG | Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação -

Av. Tancredo Neves – 1095 - Cavallhada
CEP 78.200-000, Cáceres/MT
Tel: (65) 3221-0067
E-mail: cep@unemat.br



SEDUC
SECRETARIA DE
ESTADO DE EDUCAÇÃO



GOVERNO DE
MATO GROSSO
ESTADO DE TRANSFORMAÇÃO

ESCOLA ESTADUAL OLÍMPIO JOÃO PISSINATI GUERRA
(66) 3531-7728

snp.ee.olimpioj.pguerra@seduc.mt.gov.br

RUA BILBÉRGIAS Nº 422, JARDIM PRIMEVRA

CEP 78.550-389- SINOP- MT

MATO GROSSO. ESTADO DE TRANSFORMAÇÃO.

WWW.SEDUC.MT.GOV.BR

DECLARAÇÃO E AUTORIZAÇÃO PARA O USO DA INFRAESTRUTURA

Declaro que a Escola Estadual Olímpio José Pissinati Guerra conta com toda a infraestrutura necessária para a realização da pesquisa intitulada "**LETRAMENTO LITERÁRIO: do poema à recreação e produção de vídeo poemas**" e que a pesquisadora Marli Chiarani está autorizada a utilizá-la.

De acordo e ciente,

Sinop - MT- 27 de novembro de 2015

CARLOS ALBERTO DA COSTA ZANAN

CPF: 325.632.298-04

DIRETOR DA EE OLÍMPIO JOÃO PISSINATI GUERRA